

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Letícia Ritter de Abreu Valença

**FLUXOS MIGRATÓRIOS E VISIBILIDADE FEMININA EM  
CHIMAMANDA ADICHIE E ZADIE SMITH**

Santa Maria, RS  
2022



Letícia Ritter de Abreu Valença

**FLUXOS MIGRATÓRIOS E VISIBILIDADE FEMININA EM CHIMAMANDA  
ADICHIE E ZADIE SMITH**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção de título de **Mestre em Estudos Literários**.

Orientador: Prof. Dr. Dionei Mathias.

Santa Maria, RS  
2022

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

VALENÇA, Letícia Ritter de Abreu  
FLUXOS MIGRATÓRIOS E VISIBILIDADE FEMININA EM  
CHIMAMANDA ADICHIE E ZADIE SMITH / Letícia Ritter de  
Abreu VALENÇA.- 2022.  
157 p.; 30 cm

Orientador: Prof.º. Dr. º. Dionei Mathias  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação  
em Letras, RS, 2022

1. Chimamanda Adichie 2. Zadie Smith 3. Literatura de  
Fluxos Migratórios I. Mathias, Prof.º. Dr. º. Dionei II.  
Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, LETÍCIA RITTER DE ABREU VALENÇA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

**Letícia Ritter de Abreu Valença**

**FLUXOS MIGRATÓRIOS E VISIBILIDADE FEMININA EM CHIMAMANDA  
ADICHIE E ZADIE SMITH**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Letras – Ênfase em Estudos Literários**.

**Aprovada em 24 de março de 2022:**

---

**Dionei Mathias, Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)  
(por videoconferência)

---

**Rosani Úrsula Ketzer Umbach, Dra. (UFSM)**  
(por videoconferência)

---

**Shirley de Souza Gomes Carreira, Dra. (UERJ)**  
(por videoconferência)

Santa Maria, RS  
2022

NUP: 23081.029458/2022-15

Prioridade: Normal

Homologação de ata de banca de defesa de pós-graduação  
134.332 - Bancas examinadoras: indicação e atuação

### COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
2	Folha de aprovação	Folha de aprovação.pdf

### Assinaturas

31/03/2022 16:11:24

SHIRLEY DE SOUZA GOMES CARREIRA (Pessoa Física)

Usuário Externo (672.\*\*\*.\*\*\*.\*\*) 1960

31/03/2022 16:50:32

DIONEI MATHIAS (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)

08.37.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS E MODERNAS - DLTE

31/03/2022 17:14:23

ROSANI URSULA KETZER UMBACH (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)

08.37.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS E MODERNAS - DLTE

Código Verificador: 1272187

Código CRC: f1fb45de

Consulta em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>



## AGRADECIMENTOS

Aos meus avós, ávidos leitores, pela oportunidade de ser quem sou;

Aos meus pais, Doris e Rubem, pelo carinho e pelo incentivo ao apreço pelas artes, e pela grande Família que me deram;

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras, pela oportunidade de contribuir para a ciência brasileira;

Aos professores da pós-graduação que, com muito profissionalismo e dedicação, contribuíram para o meu aprendizado;

Ao meu orientador, Dionei Mathias, pelo trabalho impecável, pela atenção e pela sensibilidade ao longo do curso do Mestrado;

À CAPES<sup>1</sup>, pela bolsa concedida;

Aos colegas e amigos, Amanda Radünz, William Dubois, Ernani Hermes, Gregory Motta e Luciane Paim pelas referências e reflexões sobre a produção acadêmica em Letras;

Aos amigos, João Machado, Chrystian Oliveira, Maria Nosvitz, Vanessa Oliveira, Ana Virginelli, Julia Brum, Nicole Schneider, Elisa Baumhardt, Vitor Rodrigues, Cassiano Schavinski e Marian Pires, que me ajudaram a manter o ritmo da produção acadêmica e a diluir o peso de uma pandemia;

Ao meu amor, Gabriel Backes, por tudo o que pôde me ensinar neste processo.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.





## RESUMO

### FLUXOS MIGRATÓRIOS E VISIBILIDADE FEMININA EM CHIMAMANDA ADICHIE E ZADIE SMITH

AUTORA: Letícia Ritter de Abreu Valença

ORIENTADOR: Prof.º Dr.º Dionei Mathias

Diante do processo de busca identitária vivido pelo sujeito contemporâneo e globalizado, mulheres marginalizadas sofrem opressões interseccionais, na tentativa de socialização. Por isso, aspectos de identidade e pertencimento cultural emergem em obras de escritoras migrantes, como Chimamanda Adichie e Zadie Smith. Em seus respectivos e consagrados romances *Americanah* (2013) e *White Teeth* (2001), é possível captar elementos de raízes nacionais colonizadas, que são entrecruzadas pelo domínio cultural hegemônico dos Estados Unidos, no caso daquele, e da Inglaterra, no caso desse. Neste entrecruzamento, existe a figuração da mulher negra e imigrante, representada por Ifemelu, no romance de Adichie e de Irie, no de Smith. A partir da compreensão da cosmovisão resultante da figuração feminina negra e imigrante em contextos de negociação identitária, é possível perceber a descontinuação de valores hegemônicos. Portanto, através da metodologia comparatista, o objetivo do presente estudo é analisar a visibilidade feminina e os contextos sociais no qual se inserem as protagonistas destas narrativas, identificando similaridades e diferenças a partir dos eixos temáticos principais que abordam as dimensões raciais, culturais e de gênero figuradas nos romances. A análise, que é dividida em três eixos temáticos principais, é subdividida em três momentos centrais, de submissão, questionamento e, finalmente, subversão à norma hegemônica que garante hierarquias raciais, culturais e de gênero. Para refletir sobre a troca entre literatura e sociedade, é pertinente utilizar conceitos como o da identidade no período Pós-Moderno, de Stuart Hall (2006), da fragmentação da tradição moderna, de Antoine Compagnon (1996), da descontinuação das “narrativas mestras”, de Jean-François Lyotard (2009), e da consequente fragilização de valores hegemônicos, de Eduardo Coutinho (2005) e Linda Hutcheon (1991). Além disso, para compreender o ponto de vista das protagonistas analisadas, que concebe a hibridez cultural e a existência das minorias, é possível verificar argumentações como as de Djamila Ribeiro (2017), bell hooks (1984), Chantal Lacroix (2010) e Homi Bhabha (1998). Na aproximação destes romances, verificam-se diferenças centrais, como a de geração entre as duas personagens diante da experiência da migração. Ademais, é possível detectar que ambas vivem momentos de submissão aos valores determinados pela norma racista, culturalmente hegemônica e sexista, mas também manifestam questionamentos à esta norma e, finalmente, subvertem estes princípios. Desta forma, diante do paralelo entre personagens como Irie e Ifemelu, como figuras representantes da mulher negra e imigrante na atualidade, é perceptível que estas figurações podem contribuir intensamente para a reavaliação social feita pelo leitor ao concluir o círculo mimético. A construção de personagens como essas, que se utilizam do contexto do racismo, classismo e sexismo sistêmicos para, então, subvertê-los em suas próprias figurações, fragmentam uma tradição conservadora de um ideal comportamental da mulher negra e imigrante e viabilizam a aceitação da alteridade.

**Palavras-chave:** Chimamanda Adichie. Zadie Smith. Literatura de Fluxos Migratórios.



## ABSTRACT

### MIGRATORY FLOWS AND FEMALE VISIBILITY IN CHIMAMANDA ADICHIE AND ZADIE SMITH

AUTHOR: Letícia Ritter de Abreu Valença

ADVISOR: Prof.º Dr. º. Dionei Mathias

Regarding the process of identity search experienced by the contemporary and globalized subject, marginalized women suffer intersectional oppressions, in an attempt to socialize. Therefore, aspects of identity and cultural belonging emerge in the works of migrant writers, such as Chimamanda Adichie and Zadie Smith. In their respective and renowned novels *Americanah* (2013) and *White Teeth* (2001), it is possible to capture elements of colonized national roots, which are intertwined by the hegemonic cultural domain of the United States, in the case of the former, and of England, in the case of the latter. In this intersection, there is the figuration of the black and immigrant woman, represented by Ifemelu, in Adichie's novel and by Irie, in Smith's. From the understanding of the cosmivision resulting from the figuration of black and immigrant women in contexts of identity negotiation, it is possible to perceive the discontinuation of hegemonic values. Therefore, through the comparative methodology, the objective of the present study is to analyze the feminine visibility and the social contexts in which the protagonists of these narratives are inserted, identifying similarities and differences in the main thematic axes that approach the racial, cultural, and gender dimensions represented in the novels. The analysis, which is divided into three main thematic axes, is subdivided into three central moments, of submission, questioning and, finally, subversion to the hegemonic norm that guarantees racial, cultural, and gender hierarchies. In order to comprehend the exchange between literature and society, it is pertinent to use concepts such as identity in the Postmodern period, by Stuart Hall (2006), the fragmentation of the modern tradition, by Antoine Compagnon (1996), the discontinuation of the “master narratives”, by Jean-François Lyotard (2009), and the consequent weakening of hegemonic values, by Eduardo Coutinho (2005) and Linda Hutcheon (1991). Furthermore, to understand the point of view of the analyzed protagonists, which conceives the cultural hybridity and existence of minorities, it is possible to verify arguments such as those of Djamilia Ribeiro (2017), bell hooks (1984), Chantal Lacroix (2010), and Homi Bhabha (1998). From the approximation of these novels, there are central differences, such as the generation gap the two characters have regarding the migration experience. Besides, it is possible to detect that both live moments of submission to the values determined by the racist, culturally hegemonic, and sexist norm, but they also express questions about this norm and, finally, subvert these principles. Thus, given the parallel between characters such as Irie and Ifemelu, as representative figures of black and immigrant women today, it is noticeable that these representations can contribute intensely to the social revaluation made by the reader when concluding the mimetic circle. The construction of characters such as these, who use the context of systemic racism, classism, and sexism to then subvert them into their own figurations, fragment a conservative tradition of a behavioral ideal of black and immigrant women and enable the acceptance of otherness.

**Keywords:** Chimamanda Adichie. Zadie Smith. Immigrant Literature.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 NARRATIVAS MESTRAS EM CRISE: FRAGMENTAÇÃO E RUPTURAS</b> .....	23
<b>3 DIMENSÕES RACIAIS</b> .....	37
3.1 SUBMISSÃO .....	42
3.2 QUESTIONAMENTO .....	52
3.3 SUBVERSÃO .....	61
<b>4 DIMENSÕES CULTURAIS</b> .....	75
4.1 SUBMISSÃO .....	79
4.2 QUESTIONAMENTO .....	90
4.3 SUBVERSÃO .....	101
<b>5 DIMENSÕES DE GÊNERO</b> .....	113
5.1 SUBMISSÃO .....	118
5.2 QUESTIONAMENTO .....	128
5.3 SUBVERSÃO .....	138
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	147
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	153



## 1 INTRODUÇÃO

Em um contexto de trocas interculturais, é necessário atentar para o levantamento de similaridades e diferenças sociais, visto que, através dessa negociação, noções de pertencimento são possivelmente estabelecidas. A partir de um viés estético, elaborações artísticas do mundo globalizado podem representar um indivíduo social envolvido com tensões culturais atuais, uma vez que essas interferem no processo de busca identitária vivido pelo sujeito contemporâneo. Considerando a existência de opressões interseccionais que enredam as tentativas de integração social de mulheres que, em suas vivências, colocam culturas dominantes e marginalizadas em diálogo, a escrita de autoria feminina e imigrante contribui fortemente para a percepção de formas de discriminação.

Ao ficcionalizar personagens que compartilham a perspectiva da mulher negra e imigrante, esta autoria permite, também, a identificação de maneiras de subversão do silenciamento cultural, de gênero e de raça. Como escritoras migrantes, que trabalham aspectos de identidade e pertencimento cultural, Chimamanda Ngozi Adichie e Zadie Adeline Smith têm trabalhado a favor da construção de uma noção coletiva mais sensível e empática. Ambas compõem a gama de autores que publicam suas obras em língua inglesa e possibilitam, com e em seus trabalhos, importantes trocas culturais. Além disso, em seus trajetos de vida, vivenciaram a dualidade identitária que acompanha o imigrante.

Chimamanda Adichie, nascida em 1977, na Nigéria, é amplamente conhecida por seus trabalhos ficcionais, como *Half of a Yellow Sun* (2006) - vencedor do Orange Prize - e *Purple hibiscus* (2003). É conhecida, também, por suas contribuições não ficcionais ao movimento feminista, como, por exemplo, *We Should All Be Feminists* (2014), *Dear Ijeawele, or a Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions* (2017) e diversas palestras. Zadie Adeline Smith, nascida em 1975, na Inglaterra, é professora de Escrita Criativa, na Universidade de Nova York, e é conhecida por seus ensaios, contos e romances, como *The Autograph Man* (2002) e *Swing Time* (2016). Adichie, como imigrante de primeira geração, é testemunha da assimilação cultural entre Estados Unidos e Nigéria, e ainda vive esse intercâmbio. Para Smith, como imigrante de segunda geração, a mescla de raízes caribenhas e inglesas é onipresente. Principalmente, as autoras são conhecidas, respectivamente, por seus célebres romances *Americanah* (2013) e *White Teeth* (2001), sendo

aquele eleito um dos dez melhores livros do ano pela *New York Times Book Review* e vencedor do *National Book Critics Circle Award for Fiction* e esse o primeiro livro da autora e vencedor dos prêmios *The Guardian First Book Award*, *The New York Times Books Review Editor's Choice* e *Whitbread First Novel Award*.

Especificamente, em *Americanah* (2013) e *White Teeth* (2001), há uma atenção especial aos elementos de raízes nacionais colonizadas, que são entrecruzadas pelo domínio cultural hegemônico dos Estados Unidos e da Inglaterra, respectivamente. Ifemelu, a protagonista do romance nigeriano, vive na diegese uma experiência de imigração (similarmente/analogamente ao que é conhecido a respeito da vida da autora da obra). Dessa forma, o leitor tem a oportunidade de se aproximar de suas dificuldades e sofrimentos diaspóricos. Irie, uma das protagonistas do romance inglês, assim como a autora da obra, é filha de mãe jamaicana e de pai inglês, e apresenta ao leitor conflitos de pertencimento, pois não consegue se identificar totalmente com apenas uma de suas origens.

Nos dois romances, a questão da imigração é agravada por problemáticas de classe e de raça/etnia, que refletem, também, em problemáticas de gênero. É interessante observar como o leitor tem a oportunidade de atentar para a alteridade com a leitura dessas obras, perceber denúncias de hierarquias culturais, contestar e politizar discriminações. Portanto, a dinâmica expositiva das obras de autoras como Adichie e Smith mostra as diferentes formas de tentativa de integração<sup>2</sup>, como no caso da imigrante Ifemelu, ou de distanciamento em relação à tradição, como no caso de Irie, a filha de imigrantes. Esses movimentos de acomodação ou afastamento cultural podem ser explicados, visto que as sociedades modernas são, de acordo com Hall (2006, p.14), “por definição, sociedade de mudança constante, rápida e permanente”.

Ifemelu e Irie compartilham da fragmentação identitária do ser imigrante, porém, em diferentes níveis. A primeira tem toda sua experiência migratória exposta, desde sua partida para os Estados Unidos, durante a faculdade até o momento de retorno para a Nigéria, 15 anos depois. A segunda ingressa na narrativa após a apresentação da trajetória de seus pais, Archie e Clara, e vive, na narrativa, a descoberta de suas raízes e termina indo pela primeira vez para a Jamaica com

---

<sup>2</sup> De acordo com John Berry (2004, p. 29), “integração, como processo e resultado do contato intercultural, é tanto de continuidade como de mudança, além de reciprocidade e acomodação mútuas”. Chantal Lacroix (2010) também aborda a questão da integração e ressalta que é necessário respeitar o contexto cultural e identitário pertencente às minorias neste processo. Portanto, o pensamento de Berry contribui para a presente análise, se compreendermos a importância da aceitação total da cultura de origem, naquela de assentamento, visando evitar qualquer apagamento cultural na realidade transcultural.



sua avó, Hortense, que retorna depois de muitos anos vividos na Inglaterra. Trata-se de uma diferenciação central, visto que a evolução do autoconhecimento das protagonistas difere no ritmo e depende das formas como elas reconhecem suas origens. Mesmo assim, ainda é possível correlacionar os eventos que contribuem para tal maturação. O processo de autoconhecimento vivenciado por Ifemelu acontece de forma mais clara e evidente, dada a escolha consciente dessa, a respeito de sua experiência migratória. Em divergência, Irie, como imigrante de segunda geração, manifesta um processo mais intrínseco e complexo, já que a sua existência sempre esteve pautada entre culturas.

Portanto, de maneira geral, é preciso afirmar a importância de obras que, como as de Adichie e Smith, possibilitam o exercício da compreensão de lutas de povos marginalizados e permitem a percepção do contexto de inserção dos diversos indivíduos formadores da sociedade. Assim, torna-se necessário analisar as estratégias utilizadas na construção de protagonistas como Ifemelu e Irie, a fim de detectar a reprodução de práticas culturais que não contemplam a existência das diversas identidades de gênero, de raça e de culturas que se distinguem do padrão heteronormativo, eurocêntrico e elitista. Nesse sentido, é fundamental observar que a narrativa de Smith abarca intrigas que envolvem até três gerações anteriores à de Irie, além do contato com outra família de imigrantes, os Iqbal, originários do sul da Ásia. Dessa forma, *White Teeth* (2001) conta com múltiplas focalizações e núcleos, enquanto, em *Americanah* (2013), a intriga está principalmente ligada à protagonista, mesmo que exponha, também, a luta de outras personagens. Nessa narrativa, a focalização varia apenas com a de Obinze, seu par romântico. Nos dois romances, a narração fragmenta-se entre diferentes pontos de vista e é desenvolvida em terceira pessoa.

Visando destacar problemas referentes à aceitação da diferença, é congruente tomar como objetos de pesquisa romances de escritoras migrantes, que externem diferentes formas de discriminação em momentos de encontros multiculturais. Em diferentes níveis, essa construção de pertencimento é diversamente representada nas obras propostas, considerando tanto as experiências de personagens secundárias, como as das principais. O trabalho, como este, que evidencia formas de exclusão racial, cultural e de gênero, requer a compreensão de contextos particulares em ambas as narrativas, nas quais é possível identificar similaridades e diferenças entre os locais de fala de cada protagonista. Esse diagnóstico feito através do comparatismo pode, como resultado, levantar novos conhecimentos sobre a literatura de fluxos migratórios, especialmente no que diz respeito às

personagens femininas. Além de expandir a compreensão geral acerca da realidade social híbrida contemporânea, é possível, através da comparação de tais obras, identificar construções semelhantes, que contribuem conjuntamente para a problematização de “verdades”<sup>3</sup> absolutas. Construções ficcionais, como as personagens Irie e Ifemelu, têm um papel central no processo de ressignificação de padrões, especialmente quando se atenta para os diferentes níveis de entendimento que elas têm sobre valores hegemônicos e patriarcais, historicamente impostos.

Logo, em relação às obras de Adichie e Smith, é necessário salientar quais aspectos são pertinentes à crítica social e literária, e que já foram cobertos pela discussão crítica dessas construções ficcionais. Ao observar o grande número de pesquisas voltadas para o estudo das protagonistas de *Americanah* (2013) e *White Teeth* (2001), é possível identificar a presença do foco na questão da negociação identitária. Os estudos dedicados à análise do romance de Adichie (2013) tendem a atentar para manifestações de tensão cultural, vividos pela imigrante de primeira geração, que vive entre fronteiras e que, por isso, tem uma intensa experiência de instauração mais consciente de um lugar de fala. Por outro lado, o que perpassa as análises referentes ao romance de Smith (2001) é a predominância da identificação de uma busca identitária particular à socialização da personagem imigrante de segunda geração, mostrando que a influência cultural europeia domina a instauração de valores e dificulta, embora não inviabilize, processos de negociação identitária.

A representação de identidade analisada no artigo de Emmanuel Adeniyi e Niyi Akingbe (2017) revela as tensões raciais presentes no romance. O artigo evidencia o preconceito existente no contexto social da diegese a partir da experiência transcultural da protagonista e o impacto do racismo na vida de imigrantes, que pode ser compreendido como resultado das contradições sociais das culturas americana e inglesa. Os autores argumentam a respeito da falha do transculturalismo no romance de Adichie, dada a atitude racista das demais personagens, o que impede a fluidez da colocação social de Ifemelu como imigrante. Em outro estudo, a nigeriana Chinenye Amonyeze compreende a personagem de Adichie como um “modelo positivo da imigração nigeriana em resposta à formação de estereótipos raciais negativos” (AMONYEZE, 2017, p. 7). Desse artigo, é pertinente ressaltar que a autora observa que a protagonista do romance de Adichie consegue manter suas crenças culturais, mesmo com as dificuldades encontradas no contexto americano, o que confirma que a assimilação absoluta é um mito e o que acontece é uma negociação entre

---

<sup>3</sup> Compreendida de acordo com o pensamento de Lyotard (2009, p. VIII), a respeito da “crise de conceitos caros ao pensamento moderno, tais como ‘razão’, ‘sujeito’, ‘totalidade’, ‘verdade’, ‘progresso’”, como será discutido no primeiro capítulo desta dissertação.

culturas. Entretanto, similarmente ao que é defendido por Adeniyi e Akingbe (2017), Amonyeze (2017, p. 5) afirma que Ifemelu percebe a urgência da defesa de sua alteridade e volta para seu local de origem, mesmo tendo estabelecido um processo de aculturação integrativo nos Estados Unidos.

No que diz respeito ao romance inglês, a percepção da representação de uma etnicidade múltipla e diversa pode ser observada. Em paralelo ao que é ressaltado na pesquisa de Kyle Grady (2019), a criação de personagens como Irie tem um importante papel na representação da busca identitária vivida pelos herdeiros da imigração. Em seu estudo, que considera a busca identitária da protagonista, uma vez que sua educação inglesa interfere significativamente em sua identificação como jamaicana, Grady (2019, p. 38) afirma que “abordar várias questões de identidade continua sendo uma mudança que nossa área deve continuar a buscar<sup>4</sup>”. É interessante observar a subjetividade que acompanha a palavra “educação”, pois essa depende do sistema - hegemônico ou periférico - ao qual a personagem tenta se integrar. Nessa esteira, a tese de Amanda Medlock (2018) questiona a interferência de uma educação baseada em princípios europeus na formação de sua identidade como imigrante. É pertinente observar o impacto de seu deslocamento identitário na construção de sua autoestima, visto que ela não identifica sua aparência no padrão de beleza imposto pela sociedade que conhece.

Considerando a imposição de padrões estéticos que contemplam apenas características caucasianas, como a pele clara e o cabelo liso, é possível identificar uma quantidade relevante de estudos que exploram questões de raça conflitantes com as práticas de beleza valorizadas pela mídia. Dina Yerima (2017) explora o fenômeno da “estética imperial”, que provoca a autoaversão em mulheres que não pertencem ao padrão perpetuado por princípios estéticos racistas que acompanham a hegemonia europeia. A partir da construção ficcional no romance de Adichie, Yerima identifica efeitos psicológicos da colonização na busca por pertencimento. De modo comparável, o artigo de Jaya Kumar Andru e D. Jyothirmal (2018) ressalta a autoalienação e a crise de identidade sofrida por imigrantes negros na Inglaterra. De acordo com os autores, a sensação de alienação vivida por Irie resulta de sua origem multicultural e é sentida por muitos imigrantes de segunda geração, que vivem em uma perpétua dicotomia (ANDRU e JYOTHIRMAI, 2018, p. 85).

A partir da comparação dos resultados de pesquisas anteriores, é possível identificar que a diferença geracional na experiência migratória das respectivas personagens é um elemento que

---

<sup>4</sup> “Engaging various issues of identity remains a shift our field must continue to work toward” (GRADY, 2019, p.38).

influencia suas noções de pertencimento e, conseqüentemente, suas negociações identitárias. Assim, compreende-se que a metodologia comparatista é altamente funcional para o estudo das representações ficcionais de literaturas de fluxos migratórios, sobretudo na detecção de opressões que atravessam fronteiras. A Literatura Comparada possibilita a ampliação do conhecimento acerca de conflitos contemporâneos vividos por indivíduos pertencentes aos locais periféricos, já que adota perspectivas das ciências sociais e políticas.

Dessa forma, é possível compreender que, pela sua característica interdisciplinar, o método comparativo pode permitir que o comparatista perceba sistemas dicotômicos e excludentes. Esse aspecto é especialmente válido para pesquisas interessadas em divulgar descobertas relacionadas aos Estudos Culturais, Pós-Coloniais e Decoloniais, uma vez que o local de fala precisa ser considerado cuidadosamente na análise dos objetos de pesquisa. Diante do que é problematizado pelo pós-modernismo, como o benefício de interesses e perspectivas fixas e dominantes, é adequado utilizar o comparatismo, pois é uma forma de desestabilizar saberes e verdades privilegiadas. Por trabalhar com as várias camadas do simbólico, ao tratar da vida, a literatura torna possível reflexões particulares e bastante pertinentes para a sensibilização do sujeito social.

No quinto capítulo de *Literatura Comparada* (2006), Tânia Carvalhal explica a dependência cultural que pode advir da comparação e que aponta “um saldo de créditos e débitos” (2006, p. 75) entre obras - e, conseqüentemente, entre as respectivas nações de origem das criações artísticas em paralelo. Diferentemente, a abordagem deste estudo visa destacar reflexos globais da sociedade, em textos literários de diferentes origens - especialmente considerando conexões entre países hegemônicos e colonizados - e possíveis correlações entre eles, ao invés de comprovar hierarquias entre as obras. Afinal, “tal perspectiva só podia beneficiar os sistemas culturais consolidados, dos quais os mais novos seriam sempre ‘parentes pobres’ ou herdeiros remotos” (CARVALHAL, 2006, p. 76). Dessa forma, através do comparatismo, é possível identificar e correlacionar formas globais de discriminação. O paralelo entre as protagonistas imigrantes de Adichie e Smith, dentro de parâmetros culturais e de raça, realça, além da comum abordagem e construção desses assuntos na intriga, a representação da mulher negra na sociedade.

Ao construir pontos de vista que são compartilhados por sujeitos marginalizados pela parcela dominante da sociedade, a escrita de autoria feminina negra e imigrante viabiliza a compreensão de perspectivas periféricas. A partir da análise de protagonistas negras, inseridas em contextos de fluxos migratórios, é pertinente detectar as formas de desestabilização de “verdades”

estabelecidas. Através da comparação de narrativas de fluxos migratórios, é possível perceber padrões de exclusão, questionamento e resistência ao sistema hegemônico.

Assim, com o intuito de analisar a visibilidade feminina e os contextos sociais no qual se inserem as protagonistas dos romances *Americanah* (2013), de Chimamanda Adichie, e *White Teeth* (2001), de Zadie Smith, pretende-se encontrar similaridades e diferenças acerca de questões étnicas, culturais e de gênero nas configurações de personagens como Ifemelu e Irie, respectivamente. A percepção da cosmovisão resultante da figuração feminina negra e imigrante em contextos de negociação identitária contribui, também, para a descontinuação de valores hegemônicos. É importante ressaltar, por fim, a dupla abordagem pretendida neste estudo, que visa analisar, principalmente, a forma da representação literária e, a partir desse trabalho, refletir criticamente sobre a sociedade.

Ademais, para especificar a relação entre a literatura de fluxos migratórios e os eixos temáticos, haverá, antes de cada capítulo, uma introdução específica, com as teorias norteadoras referentes à cada tema, para a análise da configuração das protagonistas de Adichie e Smith em questão. Os três capítulos apresentam, respectivamente, três macrodimensões nas quais esta análise se desdobra, que são tematizadas em situações que representam o preconceito racial, cultural e de gênero. A próxima seção apresenta o embasamento teórico, que contém uma argumentação alicerçada nas ideias de Stuart Hall (2006), Antoine Compagnon (1996), Jean-François Lyotard (2009), Eduardo Coutinho (2005) e Linda Hutcheon (1991), para refletir a respeito da interconexão entre literatura e sociedade.



## 2 NARRATIVAS MESTRAS EM CRISE: FRAGMENTAÇÃO E RUPTURAS

Com o intuito de estudar a figuração feminina na literatura de imigrantes, sob os focos temáticos de questões de raça, cultura e gênero, será desenvolvida, nesta seção, uma discussão teórico-crítica que guiará a análise literária. De forma a abordar o contexto histórico-social e estético, serão utilizadas, como aporte teórico, além das perspectivas de autores como os supracitados, as ideias de Silviano Santiago (1989), Marshall Berman (2007), Susan Friedman (2007) e Chantal Lacroix (2010).

Em narrativas pós-modernas, o conceito de identidade cultural apresenta ressignificações alavancadas pelo processo de globalização. Como reação à manutenção de um imaginário nacional puro e tradicional, no pós-modernismo, a crítica social presente na ficção, tendo sua questão principal no âmbito da cultura, procura afirmar a diversidade e a hibridez étnico-racial, de maneira a pôr em xeque valores hegemônicos. O indivíduo social, como membro de um grupo ou nação, tem sua construção identitária fortemente atrelada ao ideal da cultura nacional<sup>5</sup>. De acordo com Stuart Hall (2006, p. 51), “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades”. Embora a identidade nacional não seja uma característica inata ao ser humano, ela resulta e contribui para a sua socialização. Por isso, é central observar que seu surgimento depende da linguagem e da representação, assim como as demais criações humanas (HALL, 2006, p. 48-49).

A administração afetiva que permeia o pertencimento e a identificação nacional depende dos valores mantidos através de narrativas tradicionais de um determinado povo ou região. Na atualidade, narrativas que enfatizam origens claras, tradicionais e puramente contínuas, gradualmente falham em representar a identidade de comunidades pós-coloniais, dado o crescente fluxo de migrações consequente da industrialização. Em *Os cinco paradoxos da modernidade* (1999), Antoine Compagnon conclui que, diferente de apenas mais uma crise da modernidade, a pós-modernidade é “a conscientização de que ‘o projeto moderno’ (...) não estará nunca terminado” (1999, p. 124). Ademais, trata-se de uma nova perspectiva para compreender dicotomias modernas e categóricas. Obras pós-modernas, portanto, como resultado “de uma crise essencial da história

---

<sup>5</sup> Ao discutir as origens específicas do nacionalismo, Benedict Anderson (2008, p. 69) argumenta a favor do conceito de comunidades imaginadas, que é fundamentado na gênese de um ideal nacional baseado na presença de uma língua escrita, organização social em torno de centros elevados e temporalidade histórica em comum.

no mundo contemporâneo, de uma crise de legitimidade dos ideais modernos de progresso, de razão e de superação” (COMPAGNON, 1999, p. 120), atentam para as margens da sociedade e desestabilizam “verdades” histórica e politicamente estabelecidas. Para tanto, tais obras podem expor ao leitor diferentes formas de configuração do preconceito na atualidade, fundadas em princípios patriarcais e racistas, por exemplo, e possibilitar a percepção das mais variadas formas de violência.

É pertinente observar que a construção da voz narrativa adere ao sentimento de ruptura que acompanha a descontinuidade de tradições e totalidades cultivadas previamente. Silviano Santiago (1989) considera, como hipóteses de trabalho, que o narrador pós-moderno não narra mergulhando na própria existência, mas atento ao fato para poder informar e, por isso, transmite uma sabedoria decorrente da observação (1989, p. 39-40). De acordo com o autor, o narrador, que é pós-moderno por seu movimento de rechaço e distanciamento,

se subtrai da ação narrada e, ao fazê-lo, cria um espaço para a ficção dramatizar a experiência de alguém que é observado e muitas vezes desprovido de palavra. Subtraindo-se à ação narrada pelo conto, o narrado identifica-se com um segundo observador - o leitor. Ambos se encontram privados da exposição da própria experiência na ficção e são observadores atentos da experiência alheia. Na *pobreza da experiência* de ambos se revela a importância do personagem na ficção pós-moderna; narrador e leitor se definem como espectadores de uma ação alheia que os empolga, emociona, seduz, etc. (SANTIAGO, 1989, p. 44).

Dessa forma, para que se configure a representação da experiência, a construção ficcional precisa contar com a sensibilidade de quem percebe para contar e de quem lê para perceber. Em um esquema de perspectivas compartilhadas e fraturadas, a relação entre narrador, personagem e leitor está intimamente relacionada à captação da ação que comove, em tempos de grande acesso à informações inéditas e impressionantes.

Especificamente, a literatura de fluxos migratórios, resultante desse contexto político e econômico, sensibiliza o leitor para a formação híbrida<sup>6</sup> do indivíduo social contemporâneo.

---

<sup>6</sup> Para Bhabha (1998, p. 20) “as experiências intersubjetivas e coletivas de *nação* [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados” na sobreposição e deslocamento de domínios da diferença, que, por sua vez, se faz possível a partir do “hibridismo cultural” (BHABHA, 1998, p. 21). A respeito do hibridismo, é central ressaltar a definição de Canclini sobre o que ele denomina hibridação: “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2011, p. XIX). Se, na atualidade, a diferença domina espaços socialmente híbridos, é possível compreender que, por isso, o caráter híbrido da sociedade contemporânea permite a ressignificação de sentidos socioculturais tradicionais.



Trabalhos ficcionais que abordam a condição de sujeitos migrantes e transmigrantes de diferentes gerações e a forma como estes são modificados por suas experiências interculturais, ao passo que modificam o meio em que estão inseridos, tendem a problematizar esclarecimentos totalitários. A dimensão estética da obra acompanha a situação ética do sujeito social que, por sua vez, encontra-se no caos da atualidade, afetado pela infinidade de informações disponíveis acerca dos variados elementos formadores das culturas nacionais (BERMAN, 2007, p. 44). Possivelmente, se o indivíduo compreender sua origem múltipla e ambivalente, sua autoidentidade e história (ou falta dela), ele pode expressar artisticamente a fragmentação inerente à sua existência.

Narrativas que têm como contexto de desenvolvimento a realidade pós-colonial tendem a questionar valores hegemônicos, denunciando, portanto, situações em que o sexismo, o racismo e o classismo são naturalizados. As autoras Chimamanda Ngozi Adichie e Zadie Smith, reconhecidas por suas obras de significativa crítica social, contribuem, com seu trabalho, para uma cultura de problematização de princípios eurocêntricos e discriminatórios. Imigrantes de diferentes gerações, ambas escrevem em língua inglesa e denunciam as tensões que acompanham a negociação identitária no contexto da experiência migratória. Seus romances *Americanah* (2013) e *White Teeth* (2001), respectivamente, são configurados através de um estilo que expõe formas de discriminação, às quais, a sociedade, em sua maior parte, ainda não se encontra totalmente atenta e sensibilizada.

Por um lado, a construção da protagonista de Adichie (2013) permite a apresentação da experiência de uma jovem adulta nigeriana, chamada Ifemelu, que migra para os Estados Unidos em busca de formação profissional de qualidade. Por outro, Smith (2001) desenvolve dois núcleos familiares e as diferentes formas de adaptação cultural sentida pelas personagens imigrantes de sucessivas gerações, na Inglaterra. A primeira narrativa tem a focalização intercalada entre a perspectiva de Ifemelu e de Obinze, seu par romântico, o que admite *flashbacks* à vida na Nigéria antes da migração, além da exposição da experiência transcultural de personagens secundárias. A segunda mostra, além do processo de reassentamento cultural de uma família de imigrantes bengalis, a forma como uma família de mulheres jamaicanas sente a migração, até que a protagonista Irie seja apresentada na narrativa, fruto de um casamento entre um inglês e uma jamaicana. Irie é imigrante de segunda geração dessa família de mulheres jamaicanas, visto que sua mãe, Clara, e avó, Hortense, vão juntas da Jamaica para a Inglaterra. Ifemelu, que deixa os pais em seu país de origem para terminar sua formação na América e buscar sustento financeiro,

conhece a luta do imigrante de primeira geração. Mesmo que Ifemelu e Irie representem imigrantes de gerações diferentes, é possível aproximá-las pelas suas experiências vividas na diegese.

Em seus enredos singulares, as formas como Ifemelu e Irie experienciam discriminações de gênero, raça e classe, por serem mulheres negras originárias de culturas marginalizadas, são similares. No entanto, por pertencerem a diferentes gerações de imigrantes, o modo como sentem o preconceito e a discriminação pode representar uma diferença significativa entre elas. Esta diferença justifica a aplicação do método comparatista que, por sua vez, possibilita um paralelo entre figuras similares e problematiza o eurocentrismo que domina os meios acadêmicos. Assim, é possível identificar algumas formas de consolidação do preconceito e de legitimação da discriminação. Já que o questionamento do cânone permite a discussão de um “sistema de valores instituído por grupos detentores de poder, que legitimaram decisões particulares com um discurso globalizante” (COUTINHO, 1996, p. 70), torna-se relevante a análise de personagens que denunciam princípios excludentes.

Uma vez criado o desejo de questionamento do cânone, ou seja, de desestabilização de grandes narrativas, é pertinente perceber transformações coletivas nas esferas sociais dominantes, a partir dos processos de industrialização e modernização. Em concordância com o que é esclarecido por Jean-François Lyotard, em seu livro *A condição pós-moderna* (2009), para compreender as formas de produção de conhecimento na sociedade pós-industrial, é necessário atentar para as maneiras como acontece a transmissão de informação na atualidade. No capítulo intitulado “O saber nas sociedades informatizadas”, o autor observa que a produção e a recepção do discurso científico dependem da “tradutibilidade dos resultados eventuais em linguagem de máquina” (2009, p. 4). Em outras palavras, dada a predominância da informatização, a construção do saber subordina-se à lógica comunicativa da modernidade: uma vez que existe uma relação mercadológica entre produtores e receptores do conhecimento, tal relação deixa de ser emancipatória para tornar-se produto comercial. Há, portanto, uma mudança na concepção do valor do conhecimento, que deixa de servir unicamente para formar o indivíduo social e passa a ser produzido para ser vendido.

Com base na lógica da competição, da dominação e da exploração que acompanha o desenvolvimento da economia mundial, ao considerar o saber como mercadoria, é preciso, então, levar em consideração a hierarquia histórica inerente aos Estados-nações modernos. Se o saber é fabricado para ser vendido e por produtores que já se encontram em posições privilegiadas para tal

construção, ele será disseminado como essencial para a possibilidade de uma existência mais solidária, de forma a ter sua imprescindibilidade garantida. Assim, tanto um saber específico como seu criador são legitimados e, conseqüentemente, é assegurado o poder de quem o produz. De acordo com Lyotard,

A idéia de que estes dependem do “cérebro” ou do “espírito” da sociedade que é o Estado será suplantada à medida que seja reforçado o princípio inverso, segundo o qual a sociedade não existe e não progride a não ser que as mensagens que nela circulam sejam ricas em informação e fáceis de decodificar. O Estado começará a aparecer como um fator de opacidade e de “ruído” para uma ideologia da “transparência” comunicacional, que se relaciona estritamente com a comercialização dos saberes. (2009, p. 5-6)

Logo, de forma a contemplar os interesses do Estado, do mercado e dos detentores do poder, a informação que é conhecida, transmitida e discursivamente consolidada tende a funcionar de forma a preservar e certificar interesses de indivíduos que vêm se beneficiando de um sistema pautado na desigualdade de oportunidades. Compreender as fundações do poder é importante para entender como se formam instituições de construção do saber. Diante da realidade de um acesso elitista ao saber, é pertinente esclarecer que, por um lado, há o sistema de manutenção da desigualdade pautado pelo princípio mercadológico e, por outro, o sistema de opressão instaurado pelo desequilíbrio de poder discursivo criador de opressões. Uma vez reconhecido o jogo de poder que mantém o sistema mercadológico, é válido perceber a relação entre a participação funcional de cada indivíduo e a concepção de identidade que é criada a partir de uma dada função social.

A literatura de fluxos migratórios torna possível, dentre outros sentidos que apenas a mensagem esteticamente concatenada consegue alcançar, a compreensão da construção da noção de identidade nacional. Registros literários têm o poder de traduzir, com sensibilidade artística suficiente, a não coincidência entre pertencimento e fronteiras geográficas, além de transcender a perspectiva colonial. Na contemporaneidade, embora muitas comunidades tenham a tendência de associar identidade nacional a um local de origem específico, muitos migrantes desafiam <sup>7</sup>essa percepção. Esses mostram que, tanto o indivíduo pode ter uma formação identitária resultante da mistura de duas ou mais origens nacionais, como uma nação pode ser formada por elementos culturais advindos de múltiplos locais. Entretanto, a conscientização sobre o multiculturalismo

---

<sup>7</sup> Como expõe Anderson (2008, p. 58) ao explicar a “imaginação nacional” do sujeito que utiliza a linguagem para correlacionar a sua individualidade, ou a de um grupo, a um projeto específico de “nação”.

pode levar a um abalo de tradições culturais que nem todos os indivíduos contemporâneos podem ou querem questionar, pelos mais diversos motivos. O não reconhecimento da formação de origens diversas das culturas na atualidade resulta da manutenção de interesses de culturas hegemônicas, ou de relações de poder desiguais.

Por esse ângulo, é válido refletir acerca da maneira com que a sociedade contemporânea é retratada. No capítulo intitulado “A natureza do vínculo social: a alternativa moderna”, Lyotard (2009) baseia sua explicação no imperativo do capital, uma vez que a centralidade da vida social está na ideia de funcionamento e desempenho, ou seja, na função das coisas e das pessoas. Além disso, tal funcionamento depende de maneira fundamental de como são compreendidas as articulações de linguagem e comunicação, pois essas regem a consolidação do vínculo social. O que Lyotard denomina de “jogos de linguagem” depende necessariamente de legitimação para que se torne válido e, assim, está diretamente relacionado a formas de poder.

Ao adentrar no quesito da linguagem na construção do saber, é adequado atentar para a forma como o autor explana a construção do saber como cultura que, por sua vez, deriva de descrições etnológicas (2009, p. 36-37). Visto que toda a sociedade está interconectada através da linguagem, seja entre remetente, destinatário ou questionamento, o jogo de poder que legitima o saber torna-se mais evidente. Dessa forma, dada a divisão que separa contextos culturais entre primitivos e desenvolvidos, uma relação hierárquica é estabelecida. Os relatos populares, que podem superiorizar ou inferiorizar as conquistas de um povo, podem ser interpretados como a base da formação social. Através da rememoração do passado, que acontece por meio da narrativa, relatos ganham significado e vínculos sociais são construídos. Ademais, não é ideal limitar formas de elocução, mesmo que existam regras para a existência e para a compreensão da expressão, pois estas dinâmicas de comunicação são fundamentais para que se entenda o funcionamento das instituições da construção do saber.

Partindo do saber pós-moderno, uma revisão dos relatos tradicionais, que até então vinham definindo a identidade da nação, é necessária. Há uma fragmentação dos “grandes Relatos” (LYOTARD, 2009, p. 28), que está intimamente conectada ao rompimento do vínculo social e que reflete a individualização social contemporânea. O elo entre o que define a realidade social e o fenômeno estético que retrata tal sociedade precisa, então, ser considerado, para que seja compreendida a noção identitária consequente da assimilação entre a forma como se vive e a forma como uma tradição é narrada. O retrato, que já fora elaborado, de uma sociedade tradicional e pura

vem sendo ressignificado e, portanto, compreendida como híbrida<sup>8</sup>, a partir da era da globalização. No capítulo “Revisitando o pós-moderno”, Eduardo Coutinho (2005) lembra da crise da representação instaurada pelo Modernismo<sup>9</sup> e a caracteriza como elitista, a-histórica e autorreferencial, na qual a obra, “centralizadora e hegemônica, calcada num princípio binário hierarquizante, (...) excluía toda manifestação que não correspondesse aos parâmetros instituídos” (2005, p. 35-36). Como reação a esse movimento, o pós-modernismo, estilo estético e literário, carrega as características da pluralidade e multiplicidade, e tende a acompanhar as mudanças nas formas de produção, influenciadas pelo surgimento das novas tecnologias, resultantes da globalização.

Tendo em vista o questionamento da instauração de aspectos da representação social em conexão com a construção da visibilidade da alteridade, é pertinente considerar que o estabelecimento identitário de indivíduos marginalizados depende do poder enunciativo de quem comunica valores. Como argumenta Walter Mignolo (2017, p. 13-14), há uma aproximação de sentido compartilhada entre os termos “modernidade”, “colonialidade” e “decolonialidade”, baseada em relações de poder. O autor esclarece a questão da justificativa da violência colonial, ligada a uma “retórica da modernidade”, ou seja, aos relatos que prometem o desenvolvimento desejado na modernidade e que fomentam um desprezo ao atraso. Considerando que, no processo de colonização, muitas narrativas são transferidas de seu local de origem para os espaços colonizados, o questionamento de uma retórica que tem um importante papel na estruturação de uma tradição é central para que a identidade do povo colonizado não se perca na imposição de valores estabelecidos em contexto variantes do seu. É pertinente atentar para o conceito da decolonialidade<sup>10</sup>, uma vez que esse resulta de interesses do Terceiro Mundo<sup>11</sup>, como resposta ao

---

<sup>8</sup> É válido destacar o que observa Rogério Haesbaert (2012, p. 31), ao argumentar sobre o contexto latino-americano, sobre o hibridismo das identidades sociais em contextos (pós) coloniais culturalmente ricos: não se trata apenas de uma ruptura com a unidade cultural do colonizador que desterritorializa tantos grupos hegemônicos como subalternos, mas também uma forma de resistência que recria, pela mistura, “novas formas de construção identitário-territorial”.

<sup>9</sup> “(...) reagindo à transparência da representação realista da segunda metade do século XIX, associada à ordem social burguesa (...)” (COUTINHO, 2005, p. 35)

<sup>10</sup> A diferenciação entre o Pós-Colonialismo as perspectivas deconcoloniais pode envolver os dois objetos de estudo da presente análise, visto que estes estão inseridos nas macrodiscussões do Pós-Modernismo, Pós-Colonialismo e a Decolonialidade. No entanto, com o intuito de restringir o foco de discussão teórica, é pertinente limitar a argumentação ao escopo da fragmentação da tradição moderna que acontece no período pós-moderno.

<sup>11</sup> De acordo com o autor, “(Des)colonialidades é um conceito cujo ponto de origem foi o Terceiro Mundo. Para ser mais preciso, surgiu no mesmo momento em que a divisão em três mundos se desmoronava e se celebrava o fim da história e de uma nova ordem mundial” (MIGNOLO, 2017, p. 14).

racismo. Conectado aos assuntos problematizados no movimento pós-moderno, esse conceito contempla experiências e ensinamentos de,

peças de cor em países desenvolvidos, migrantes e, em geral, uma grande maioria daquelas pessoas cujas experiências de vida, memórias longínquas e imediatas, línguas e categorias de pensamento foram alienadas por parte daquelas outras experiências de vida, memórias longínquas e imediatas, línguas e categorias de pensamento que deram lugar ao conceito de “biopolítica” para dar conta dos mecanismos de controle e das regulações estatais (MIGNOLO, 2017, p. 14).

Se a participação social de indivíduos marginalizados contribui para a formação das diversas nações tanto quanto a de indivíduos advindos da parcela dominante, valorizados pelas macronarrativas ocidentais, onde estaria a lógica da hierarquização de origens? A diferença entre essas participações está no sistema de atribuição de valores dominado por indivíduos detentores do poder discursivo, que, por sua vez, têm legitimidade de fala e conduzem o que é valorizado, de maneira a manter em sua linha hereditária a concentração de atributos considerados nobres. Portanto, para identificar e compreender os relatos de indivíduos periféricos, é necessário desconstruir as macronarrativas (ou, como diria Lyotard, as “narrativas mestras” ou os “grandes Relatos”) condutoras de valores condizentes com interesses hegemônicos e capitalistas. A perspectiva decolonial, ao invés de propor uma nova verdade universal, sugere uma nova perspectiva ou forma de compreender o mundo.

Todo são convidados, então, a pensar sobre os processos formadores dos modelos que são seguidos e que ensinam a sentir, a pensar e a agir. Para tanto, é preciso questionar, desestabilizar e ressignificar esses modelos, que carregam, em si, valores estabelecidos pelos detentores de poder e do privilégio enunciativo. Também, é preciso reconhecer o comportamento não compatível com a iniciativa de padronização pautada por moldes excludentes. Aqueles que não correspondem às expectativas dominantes tendem a revelar um conflito identitário consequente da imposição de hierarquias culturais. Em outras palavras, de forma condizente com os valores do pós-modernismo, em que as representações estéticas denunciam as diferentes manifestações da violência da colonização, é indispensável (re)presentar o subalterno.

Reagindo em parte à pós-modernidade e em parte ao Modernismo, o pós-modernismo possibilita a elaboração de produções artísticas que provocam concatenações que descontinuum a valorização da unidade, do fechamento, da ordem, do anseio pelo absoluto e da racionalidade

(COUTINHO, 2005, p. 36). Em demasia, o foco em aspectos padronizantes podem resultar na discriminação de identidades que divergem do que foi estabelecido como norma, pois acaba desviando a atenção de problemáticas particulares a indivíduos marginalizados, para garantir a perpetuação de questões interessantes apenas à uma elite que domina. Ademais, tamanha busca por unidade e fechamento pode ser considerada paradoxal, vista a hibridez que forma o indivíduo social desde os primeiros processos de globalização (FRIEDMAN, 2007, p. 260). Mesmo assim, o que já foi perpetuado através das grandes narrativas e que, hoje, ainda, é garantido por um capitalismo midiático, resultante de um processo violento e histórico de colonização, é uma superioridade das características pertencentes ao grupo cultural dominante.

A respeito da estandardização dos recomeços geracionais, de acordo com a argumentação de Antoine Compagnon (1996), há uma incongruência nesse padrão de comportamento. O autor considera paradoxal o ato de padronizar recomeços, visto que esses, por serem inovadores por natureza, não poderiam cair na lógica da predictabilidade. Por isso, é possível observar que o autor compreende o estético moderno como anunciado pela contradição de sua tradição em si mesma e esta “denuncia sua aporia ou seu impasse lógico” (COMPAGNON, 1996, p. 10). Então, no estudo da construção ficcional de personagens que, em suas existências, incorporam a descontinuidade de padrões tradicionais, é pertinente destacar o elo entre um grupo de atores sociais dominantes e outro de atores sociais marginalizados. Se há um padrão tradicional, seja no âmbito das hierarquias raciais, culturais ou de gênero, que são discursivamente construídas e socialmente estabelecidas, conseqüentemente, os indivíduos dominantes serão aqueles que pertencem aos moldes eurocêntricos e patriarcais. Entretanto, mesmo a parcela dominante é fruto de processos migratórios, sendo híbrida por natureza e, atualmente, constantemente reinventa o panorama identitário nacional. A periferia social, por sua vez, é formada por uma miscelânea de sujeitos que não correspondem a esse padrão de uma forma mais intensa, o que faz com que a contradição da manutenção da padronização seja maior e mais evidente.

Diante desse fato, manifestações artísticas experimentais começam a surgir a partir da segunda metade do século XX, de forma a confrontar o caráter elitista e padronizante da arte modernista, e ganham a atenção da crítica literária, no passar das décadas. A partir de então, é percebida uma gradual atenção voltada para as massas culturais periféricas, que precisaram construir uma voz própria, através de um esforço árduo e crescente. As narrativas tradicionais, que contemplam majoritariamente os interesses das classes dominantes, por outro lado, corroboram

com a perpetuação de valores despreocupados com a realidade multicultural. Dada a importância do contexto social de produção da arte, é adequado trazer à discussão o que considera Linda Hutcheon, em seu livro *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*, sobre o caráter contestatário inerente ao movimento pós-moderno. De acordo com a autora (1991, p. 19-20), o pós-modernismo tende a ser definido através da descontinuidade, do descentramento e do deslocamento, tendo em si uma cultura pluralista e fragmentada, que não permite perspectivas generalizantes ou totalizantes. Assim, o pós-modernismo, como movimento estético, é definido por Hutcheon como “fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político” (1991, p. 20), o que indica a tendência à reavaliação social, diante da estrutura social ditada pelo capitalismo. Atuando no mesmo sistema que tenta subverter, então, traz uma pletera de gêneros heterogêneos e de narrativas autorreflexivas.

Dessa forma, a literatura de fluxos migratórios proporciona o contato com construções ficcionais que retratam contextos que subvertem a imagem idealizada do indivíduo social contemporâneo, seja ela referente à sua respectiva identidade racial, cultural ou de gênero. Exercitando a configuração e a recepção de focalizações pertencentes às realidades marginalizadas, essa forma de expressão artística pode permitir a reflexão acerca da uniformização e de tendências que beneficiam culturas dominantes. Além disso, há, no pós-modernismo, narrativas que contribuem para o estabelecimento de uma voz que pode representar a busca identitária da mulher negra e imigrante. Segundo Hutcheon, a hegemonia cultural causada pelo capitalismo recente é desafiada, mas não negada pelo movimento que, também, “busca afirmar a diferença, e não a identidade homogênea” (HUTCHEON, 1991, p. 22). Uma vez reconhecida a valorização da origem, da homogeneidade e da hierarquia, que advêm do processo de modernização e que o pós-modernismo tenta desintegrar, é pertinente compreender os processos antropológicos e sociais refletidos na arte entre um movimento e outro.

Como consequência do processo de industrialização, portanto, os movimentos migratórios são intensificados, aumentando a população marginalizada, que procura sobreviver no sistema capitalista. Na tentativa de sobrevivência, esta população, que vive à margem de onde estão instalados os núcleos familiares e/ou empresariais que dominam a legitimação de valores na sociedade, é quem, de fato, sustenta a existência de tais núcleos dominantes. Sua mão de obra, que é central para todos os aspectos do estabelecimento da superioridade do homem branco, é historicamente explorada e desvalorizada, o que resulta em uma dicotomia cujo reconhecimento é



necessário e possível, inclusive, através da arte. Através do contato com narrativas de representação cultural, portanto, essa dicotomia pode ser identificada, questionada e ressignificada. Em narrativas de fluxos migratórios, é possível encontrar a figuração das mais diversas e híbridas identidades, dentre elas, as de protagonistas como Ifemelu e Irie, que contemplam a existência da mulher afrodescendente que vive entre culturas.

Mesmo que a imigração não seja um processo novo, como explica Friedman (2007, p. 261), é no movimento pós-moderno que ela começa a ser vista como um fator central na construção da identidade social na contemporaneidade. Como um problema político, os fluxos migratórios participam ativamente da construção de um imaginário nacional e, conseqüentemente, da noção de pertencimento a um local ou comunidade. Entretanto, a imigração pode significar, também, um conflito de interesses, visto que sua mão de obra é tão necessária para a construção do Novo Mundo, quanto socialmente excluída, silenciada e compreendida, por muitas pessoas locais, como uma ameaça ao ideal de pureza nacional. É possível compreender, então, que os imigrantes contradizem a interpretação cultural de histórias da tradição compartilhadas entre gerações de indivíduos cuja legitimidade nunca fora questionada e que acreditam ser puramente originários de um local específico. Diferente de um deslocamento exploratório e hierarquizante, os movimentos migratórios promovem a intersecção de elementos culturais de distintos locais geográficos e, de geração em geração de imigrantes, novos povos, cientes das diversas realidades socioculturais, emergem.

A maneira como interconexões culturais interferem na formação de identidades individuais e coletivas e refletem relações de poder é interessante argumentada por Friedman (2007, p. 276). A autora expõe, através da explicação do termo "transculturalismo", o importante papel da influência recíproca entre culturas, que depende não apenas do local de assentamento, mas também da mudança que estrangeiros provocam, trazendo consigo elementos de seus respectivos locais de origem. A partir dessa questão, é pertinente estudar construções ficcionais que, em suas configurações, produzem o efeito de valorização da formação cultural híbrida. Essas, ao contemplar todas as origens formadoras dos novos imaginários nacionais, evidenciam o resultado histórico da manutenção de relações de poder desiguais, que formam as civilizações ocidentais atuais e que podem garantir a permanência da intolerância.

Por isso, é pertinente considerar o contexto e as interações sociais conseqüentes de movimentos migratórios, para poder trabalhar com textos literários que ficcionalizam estes

processos cotidianos específicos. Em seu livro *Immigrants, Literature and National Integration* (2010), Chantal Lacroix oferece uma explicação detalhada sobre integração social diante de realidades resultantes de processos migratórios. A autora ressalta que a integração social está intensamente ligada ao direito que grupos minoritários têm de manter suas identidades culturais e sociais, uma vez que a escolha cultural é intrínseca à democracia (LACROIX, 2010, p. 13 *apud* KYMLICKA, 1995). Portanto, é importante compreender que a integração não é unilateral e, para que possa ser consolidada com sucesso, deve exercitar a compreensão acerca da alteridade pertencente às minorias. Chantal Lacroix (2010, p. 19) ressalta que “a construção de mundo é baseada em uma dinâmica de interação entre majorias e minorias, além de fatores externos e internos. Esse exercício de ‘construção de mundo’ é traduzido como a compreensão que temos das nações existentes na atualidade<sup>12</sup>”. De forma a oportunizar a compreensão das diferentes identidades nacionais da atualidade, construções ficcionais representam, na diegese, problemáticas sociais que podem oportunizar o exercício da reflexão acerca de questões como empatia e aceitação da diversidade étnica e cultural.

Com o objetivo de comparar personagens femininas e imigrantes, em *Americanah* (2013) e *White Teeth* (2001), de Adichie e Smith, respectivamente, para compreender a formação identitária da mulher imigrante na diegese, através da configuração da voz narrativa, portanto, considera-se o caminho entre grupos majoritários, minoritários, e, dentre esses, imigrantes mulheres negras. É necessário identificar quais problemas sociais são expostos nos romances, para que seja possível analisar a forma de construção de tais problemas e, por fim, detectar diálogos entre a arte e a vida. Por isso, de forma a introduzir cada capítulo referente aos macro-focos de análise - respectivamente, sobre questões de raça, cultura e gênero -, as teorias que guiam o viés político-ideológico serão expostas, sempre pensadas a partir de interesses estéticos e literários.

Já na retórica argumentativa, parte-se da perspectiva do grupo majoritário, que detém a legitimidade do poder discursivo, como explica Coutinho (1996), e do poder econômico que engendra a funcionalidade desse discurso e estabelece os “grandes relatos”, como argumenta Lyotard (2009), para poder entender o deslocamento identitário (HALL, 2006, p. 9), característico aos grupos minoritários. Os grupos majoritários, ao buscar a perpetuação de valores tradicionais, podem garantir o estabelecimento de ideais discriminatórios, além de entrar em contradição, visto

---

<sup>12</sup> “the building of one’s world is based on a dynamic interaction between majority and minority communities, along with external and internal factors. This ‘world building’ exercise translates into the understanding that we have of the nation(s) that we have today”. (LACROIX, 2010, p. 19)

que, como expõe Compagnon (1996), é paradoxal ignorar a natureza de renovação carregada pelas novas gerações. Referente a estas novas gerações, o movimento pós-moderno, tende a questionar e descontinuar verdades totalizantes e dar voz ao subalterno. Dentre os grupos minoritários que podem ser representados em obras pós-modernas, esta dissertação foca, especialmente, na literatura de imigrantes e, especificamente, na visibilidade feminina negra.

Para analisar, então, a construção literária de protagonistas como Ifemelu e Irie, que representam a condição da mulher negra e imigrante na sociedade contemporânea, é preciso considerar a intersecção de opressões que configura a existência das personagens. As ideias de Ribeiro (2017) e Collins (2000) abordam a questão da intersecção das lutas de raça, classe e gênero, enquanto hooks<sup>13</sup> (1984), a partir do viés do feminismo negro, expõe a raiz de comportamentos discriminatórios e, por isso, são centrais para a presente discussão. Ademais, para discutir a questão cultural resultante da interação entre grupos majoritários e minoritários, dentro do contexto dos fluxos migratórios, são empregados argumentos de Lacroix (2010), sobre contatos e hierarquias interculturais. Autoras como Lacroix defendem a implementação de diálogos institucionalizados entre culturas, com o objetivo de destacar o contraste intercultural e o aprofundamento do conhecimento cultural - tanto sobre a cultura do outro, como sobre a própria. De acordo com Lacroix (2010, p. 21), o aspecto social da criação artística é comprovado pelo envolvimento de diversos agentes que trabalham para o surgimento e consumo de tais criações, sendo, então, um ato resultante da socialização e que, por sua vez, colabora para a socialização de outras pessoas.

---

<sup>13</sup> Grafado em letras minúsculas, bell hooks é o pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins, como forma de homenagear os sobrenomes da mãe e da avó.



### 3 DIMENSÕES RACIAIS

Análises de obras literárias que ficcionalizam realidades estigmatizadas são de suma importância para a compreensão da representação social como um todo. Ao representar pontos de vista periféricos, a voz narrativa possibilita ao leitor a chance de compreender o mundo através de uma focalização que se diverge da dominante, que mantém o arquétipo burguês europeu. As realidades estigmatizadas, nascentes do avanço industrial, portanto, tendem a apresentar indícios de deslocamento identitário, visto que suas características não são contempladas pelos sujeitos detentores do poder discursivo e, conseqüentemente, pela *mass media*. Consonantemente, literaturas de fluxos migratórios, que tendem a acompanhar as mudanças econômicas e sociais trazidas pelo processo de globalização, podem simbolizar existências em que tal deslocamento tem um papel central. De acordo com Stuart Hall (2006, p. 9), “as identidades modernas estão entrando em colapso”, então, é possível defender a análise de questões como as de deslocamento identitário na contemporaneidade. Se fragmentações estruturais atuais interferem tão intensamente em “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 2006, p. 9), torna-se impreterível compreender a singularidade de configurações identitárias na atualidade.

Ademais, visto que “o cidadão individual tornou-se enredado nas maquinarias burocráticas e administrativas do estado moderno” (HALL, 2006, p. 30), é construtivo para a análise de obras de escritoras migrantes atentar para movimentos industriais estabelecidos em um sistema opressor. Já que a conjuntura econômica e industrial interfere intensamente na dinâmica social, é preciso observar conexões entre formas de socialização e transformações econômicas e industriais, para refletir sobre as negociações identitárias do indivíduo contemporâneo. Nessa esteira, emergem alguns aspectos-chave da socialização, cuja investigação torna-se proveitosa para perceber como é configurada a busca identitária de agentes historicamente invisibilizados. Segundo Bach (1993 *apud* Lacroix, 2010, p. 157), o foco de pesquisas preocupadas em compreender processos migratórios deve examinar não apenas os imigrantes, mas as populações estabelecidas por esses e as formas como a imigração afeta o relacionamento entre grupos em comunidades urbanas. Assim, é pertinente destacar que a relação entre a condição econômica e profissional do imigrante e as possibilidades de inserção social, resultantes de tal condição, existe e que essa pode ser agravada quando estes imigrantes são, também, mulheres e negras.

Patricia Hill Collins (2000, p. 246) explica o impacto desse processo de industrialização no contexto familiar, quando indivíduos não conseguem mais subsistir na economia capitalista que foi implementada em seus locais de origem. Como resultado desse impacto, movimentos migratórios de pessoas em busca de oportunidades profissionais (dentre outras promessas de melhorias) passaram a caracterizar esse fenômeno histórico, econômico e social. Além disso, interligando culturas, esses indivíduos procuram identificação e inserção no mundo globalizado. Entretanto, por mais que se esteja na era da inovação, princípios tradicionais da identidade nacional ainda são conservados, não acompanhando a miscigenação resultante da globalização (HALL, 2006, p. 74). Por causa da manutenção de valores que conservam uma identidade nacional patriarcal, elitista e racista, a socialização dessas pessoas que migram para sobreviver no sistema capitalista é permeada por diversas formas de opressão.

Percebendo a hierarquia social que permeia a estrutura social ocidental, é possível identificar uma dicotomia entre o padrão e o alternativo, ou entre o central e o periférico. A partir de um ponto de vista que considera o sujeito branco, economicamente bem estruturado e heterossexual como a norma, torna-se estigmatizado aquele que não consegue se encaixar nesse perfil. Portanto, além de exercitar o reconhecimento de locais de fala privilegiados, é ideal reconhecer de que maneiras as variadas manifestações de discriminação de classe, de raça e de gênero estão entrelaçadas na vivência do indivíduo social, especialmente, na da mulher negra e imigrante. Ao dialogar com as ideias desenvolvidas por Simone de Beauvoir (1949) e aprofundadas por Grada Kilomba (2012), Djamila Ribeiro (2017) enfatiza que o lugar da mulher negra na sociedade ainda é caracterizado pela invisibilidade. De acordo com a autora,

é preciso focar nessa realidade, ou como as feministas negras afirmam há muito: nomear. Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível. A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto. (RIBEIRO, 2017, p. 24)

Por isso, é imprescindível atentar para as “condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania” (RIBEIRO, 2017, p. 34). Sobre este respeito, é possível desenvolver, a partir da leitura dos textos literários em pauta, uma sensibilidade para formas de exclusão guiadas por valores compartilhados pelos detentores de poder discursivo. Na medida em que mais formas de sensibilização são articuladas, mais a ampla recepção terá oportunidades de

compreender diferentes formas de opressão. À sua maneira, a retórica ficcional tem, também, contribuído para a disseminação gradual da luta antirracista e antisexistista.

Tendo o poder de nomear uma realidade, a literatura torna visíveis problemas cuja discussão pode ser bastante enriquecedora para sua recepção. Diante de uma infinidade de possíveis exercícios proporcionados por essa forma artística, é relevante destacar a percepção da construção de personagens femininas que carregam diferenciais que contemplam o perfil da mulher pós-moderna. Para garantir a emancipação dos princípios tradicionais do imaginário nacional e identitário, mulheres precisam ter seu local de fala compreendido, sendo que esse é um exercício que ressignifica verdades estabelecidas. Ainda de acordo com Ribeiro (2017, p. 25), o deslocamento do pensamento hegemônico, bem como a ressignificação de identidades, é urgente para que se possa “construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica”. Dado o contexto de globalização, essas identidades, sejam de raça, de classe ou de gênero, têm, em sua unicidade, formações culturalmente híbridas e que desafiam a dicotomia entre o certo e o errado surgido na modernidade.

Nesse viés, o trabalho de autoras como bell hooks, pseudônimo de Gloria Jean Watkins, é central para refletir acerca da interconexão entre as formas de opressão classista, racista e sexista. hooks (1984, p. 3) reforça a urgência da representatividade da luta de mulheres negras, para que padrões comportamentais discriminatórios sejam identificados, questionados e ressignificados. O espaço ocupado pela figuração feminina negra permite uma ressignificação dos estereótipos que envolvem esses indivíduos fora da diegese e possibilita, assim, uma reeducação do pensamento sistemático que propaga a opressão. É possível extrair, de seu texto *Feminist Theory: from margin to center* (1984) que a solidariedade entre indivíduos é central para o combate à opressão sexista e é preciso compreender a diversidade para descontinuar opressões. Essa compreensão da diversidade pode ocorrer através de debates construtivos, que visam levantar conhecimento acerca de diferenças. Através da compreensão e do reconhecimento da diversidade, é possível desconstruir formas de exclusão que oprimem toda a comunidade social em diferentes níveis, pois a valorização da alteridade discorda da padronização patriarcal e eurocêntrica.

Mesmo que hooks centralize sua discussão no contexto estadunidense, suas articulações parecem contemplar as mesmas dificuldades vividas por mulheres negras e imigrantes, o que sinaliza similaridades estruturais nas formas de opressão presentes nos Estados Unidos e em demais

contextos de fluxos migratórios. Ao discutir a condição da mulher negra na sociedade, hooks colabora significativamente para uma conscientização acerca da interferência de agentes opressores na forma como a parcela marginalizada compreende a si. Por isso, seu trabalho é válido, também, para estudos literários dedicados à análise da busca identitária representada na configuração de personagens femininas imigrantes e negras. É benéfico para a defesa da alteridade que haja uma expansão de percepções da diversidade, pois essas, até então, foram construídas através das lentes excludentes e binárias, que estigmatizam toda e qualquer origem diferente da ocidental.

Ademais, a partir da noção de intersecção entre opressões - de raça, de cultura e de gênero - é necessário problematizar os diferentes níveis de violência sofridos em distintos locais de fala. Para expor a misticidade presente na ideia de um compartilhamento geral e transcendente de opressões entre mulheres, hooks (1984, p. 4) explica que “há muita evidência substanciando a realidade que identidades de raça e de classe criam diferenças na qualidade de vida, status social e estilo de vida que antecedem as experiências compartilhadas por mulheres<sup>14</sup>”. Por isso, é importante valorizar as diversas configurações de identidades culturais, de raça e de gênero, por exemplo, e perceber o impacto que elas têm na forma como mulheres marginalizadas lutam por dignidade. Assim, a tentativa de promover empatia para com “O Outro do Outro” (RIBEIRO, 2017, p. 22) torna-se possível, a considerar o desejo de investimento em um maior conhecimento de causa.

Compreender o local de fala de cada uma das personagens analisadas é fundamental para realizar um estudo coerente com os valores e com as inclinações cultivadas em cada contexto nacional desenvolvido nas respectivas narrativas. Em concordância com o que ensina Djamilia Ribeiro, o local de fala não se limita simplesmente “ao ato de emitir palavras”, mas pode ser definido como a possibilidade de existência em um dado espaço. De acordo com a filósofa e jornalista, “quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus social*, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência” (RIBEIRO, 2017, p. 36). Por isso, inclusive, é interessante realizar uma análise atenta aos detalhes das configurações dos formatos de opressão étnica, cultural e de gênero na figuração da mulher imigrante, para compreender possíveis cruzamentos entre tais formações.

---

<sup>14</sup> “there is much evidence substantiating the reality that race and class identity creates differences in quality of life, social status, and lifestyle that take precedence over the common experience women share” (HOOKS, 1984, p. 4)



Além disso, ainda de acordo com Ribeiro, quando se considera o local de fala, exercita-se uma recusa da tradicional hierarquização de saberes, resultante de uma sociedade estruturada em valores racistas. A hierarquização de saberes engloba muitos aspectos da vida cotidiana, como, por exemplo, a valorização de características de etnias específicas, especialmente padrões estéticos e culturais condizentes com interesses hegemônicos. Portanto, é construtivo para a análise dos textos literários considerar o estágio de conscientização de cada personagem detentora da focalização em questão, acerca da imposição de moldes ocidentais. A busca por pertencimento, decorrente do deslocamento identitário, vivido pelas protagonistas em questão, mostra a incoerência entre o que é culturalmente valorizado e o que é etnicamente cultivado. Por isso, seus processos de questionamento do imperativo ocidental irão depender de seus próprios graus de imersão em tais valores. É válido observar que tais processos, para indivíduos pertencentes aos contextos de fluxos migratórios, podem ser distintamente intensos, dada a hibridez característica de suas vivências.

A noção de intersecção de opressões de gênero, raça e classe, também defendida por autoras como Collins (2000, p. 227), é essencial para que se promova a compreensão sobre como elas se perpetuam mutuamente. Essas formas de suprimir a legitimidade de identidades alternativas ao hegemônico dependem da conservação da dominação (ou formas de manutenção do poder). Crenças inabaláveis e inflexíveis acerca da tradição, da pureza de origens e que defendem, mesmo que inconscientemente, a supremacia ocidental e heteronormativa são obstáculos na ressignificação de relações de dominação social. Tendo em vista o empoderamento das massas de indivíduos considerados subalternos, é necessário treinar o olhar para detectar as diversas formas de opressão. A sutileza na maneira em que estão interligadas pode representar uma dificuldade na identificação das mesmas. Porém, a elaboração artística, por meio da narrativa, possibilita a percepção das configurações mais veladas de exclusão social, a depender da aptidão do leitor para compreendê-las.

Portanto, para identificar as estratégias de exposição das mais diversas formas de discriminação racial nos romances de Chimamanda Adichie (2013) e Zadie Smith (2001), é interessante utilizar valores defendidos por Collins, Ribeiro e hooks. Visto que é compartilhado entre as autoras o desejo de desconstrução de parâmetros patriarcais, racistas, dominantes e violentos, é possível identificar semelhanças entre o que é apontado por essas sobre a sociedade contemporânea e o que é construído na ficção por aquelas. Para evidenciar tais semelhanças, serão

apresentados no próximo tópico quesitos relacionados à problemática social que envolve o aspecto racial de construção das protagonistas. Mais especificamente, no primeiro subcapítulo, é exposta a análise de excertos que indicam momentos de exclusão da alteridade baseados em princípios conservadores da superioridade ocidental. No segundo subcapítulo, é identificado um movimento de questionamento de tais princípios e que permeia os objetos de análise em questão. Finalmente, no terceiro subcapítulo, é possível identificar um paralelo entre as protagonistas, quando essas subvertem parâmetros homogeneizantes e ressignificam a ideia de pertencimento como imigrantes negras.

### 3.1 SUBMISSÃO

Através da configuração ficcional das protagonistas e das relações entre essas e as personagens secundárias, que também representam mulheres negras, é possível identificar semelhanças e diferenças entre as narrativas de Adichie e Smith, na questão da discriminação racial. Partindo da diferença geracional entre as protagonistas, no quesito da migração, é preciso considerar os diferentes momentos da vida delas em relação à experiência no local de assentamento. A compreensão sobre o local de assentamento também pode ser relativizada, assim como a questão da diferença do momento da vida das personagens em que a migração acontece.

É central esclarecer que a personagem nigeriana capta uma realidade específica de quem conhece a experiência migratória de maneira solitária e praticamente sem prelúdios, enquanto a experiência da personagem inglesa carrega dualidades fortes de quem tem raízes híbridas. Visto que a compreensão da experiência migratória é restrita, no caso da primeira protagonista, à perspectiva de imigrantes de primeira geração, Ifemelu é quem descobre e revela os conflitos de raça que permeiam sua vivência. Diferentemente, por ser imigrante de segunda geração, Irie vive um processo de exposições menos claras em relação à configuração do racismo, visto que está inserida em seu local de nascimento, que é um local de hegemonia europeia. Esta, que não conhece suas raízes em sua completude, em um primeiro momento, apenas percebe a acidez da diferença ao tentar interagir em seus meios sociais.

Archie, o pai de Irie, recebe, durante o expediente de trabalho, a notícia da gravidez de Clara, que, curiosa sobre a aparência da criança, pergunta ao médico “como é que vai ser, se meio

preto, meio branco, essa coisa toda<sup>15</sup>” (SMITH, 2003, p. 74), e esse informa sobre a possibilidade de ela ter olhos azuis. Extasiado, “não dava para Archie imaginar. Não dava para imaginar qualquer pedaço dele competindo no mar de genes com um pedaço de Clara e ser o *vencedor*<sup>16</sup>.” (SMITH, 2003, p. 74). Em primeiro lugar, é válido problematizar a ideia de vitória da parte caucasiana trazida pelo imagético criado em torno de uma “competição genética”. Em segundo lugar, é central destacar a reação das demais personagens a respeito da concepção de Irie. Preso na informação sobre os olhos azuis, Archie comenta a notícia com seus colegas de trabalho e a resposta da colega Maureen revela uma resistência em relação à miscigenação: “- Archie, meu bem, você disse olhos *azuis*? (...) Não quero fazer brincadeira... mas a sua mulher não é, bem, *de cor*?”<sup>17</sup>. Ainda, após o assentimento de Archie e sua colocação sobre os olhos azuis serem um milagre da natureza, há a seguinte resposta: “- Ah, sim, milagre - disse Maureen com sobriedade, achando que era uma palavra polida em face do que se tratava”<sup>18</sup> (SMITH, 2003, p. 76). Mesmo que a voz narrativa não explicita totalmente o significado da reação de Maureen, é possível perceber, através da necessidade que essa sente de polir sua resposta e da resistência que ela apresenta em concordar com a ideia do milagre, que se trata de uma dificuldade em aceitar a miscigenação. Possivelmente, para essa personagem, que representa o indivíduo moderno que valoriza o fechamento, a pureza e a tradição, a existência de Irie representa mais um desastre do que um milagre.

No romance de Adichie, a construção de perspectivas acerca da miscigenação racial se distingue da exposta anteriormente: no contexto criado, de forma a representar a alta sociedade na Nigéria, a mistura com traços brancos é motivo de agrado, como pode ser visto no momento em que a esposa de Obinze, Kosi, “se deleita com franqueza e aceitação com sua aparência, quando as pessoas lhe perguntavam ‘Sua mãe é branca? Você é mestiça?’, por ela ter a pele tão clara<sup>19</sup>.” (ADICHIE, 2014, p. 29). Desse paralelo, é possível perceber, então, uma polaridade a respeito da miscigenação: no contexto inglês, na perspectiva das personagens brancas, há um estranhamento diante da ideia da mistura de raças, se essa for entre raízes negras e origens caucasianas, enquanto, no contexto nigeriano, há um contentamento, na perspectiva de algumas personagens negras, diante

<sup>15</sup> “What it will look like, half black an’ half white an’ all dat bizness.” (SMITH, 2001, p. 67)

<sup>16</sup> “Archie couldn’t imagine that. He couldn’t imagine any piece of him slugging it out in the gene pool with a piece of Clara and *winning*.” (SMITH, 2001, p. 67)

<sup>17</sup> “Did you say *blue* eyes, Archie, love? (...) I’m not bein’ funny... but in’t your wife, well, *coloured*?” (SMITH, 2001, p. 69)

<sup>18</sup> “‘Oh yes, miracle,’ said Maureen tersely, thinking that was a polite word for what it was.” (SMITH, 2001, p. 69)

<sup>19</sup> “with an open, accepting enjoyment of her own looks, when people asked her “Is your mother white? Are you a half-caste?” because she was so fair-skinned” (ADICHIE, 2013, p. 21)

da possibilidade de carregarem traços brancos. Se uma sensação de aprazimento emerge, não de uma forma bilateral, mas estritamente da interferência das características caucasianas sobre as negras, é discutível que essa associação carregue sedimentos de pensamento colonialista. A partir dessa exposição, é possível constatar a comunicação de um valor comum, baseado na hostilidade diante de origens afrodescendentes.

Ainda em paralelo ao excerto exposto anteriormente, a respeito do contato entre raças, é válido destacar, no romance da autora nigeriana, a manutenção de princípios parecidos, no contexto estadunidense. Ifemelu revela algumas das respostas que normalmente recebe após revelar que escreve um *blog* sobre comportamento. Dentre elas, vale ressaltar, primeiramente, a de um indivíduo branco que diminui a luta antirracista: “‘Esse negócio de raça é totalmente exagerado hoje, os negros precisam desencanar, é tudo questão de classe agora, os opressores e os oprimidos’, dissera ele sem hesitar<sup>20</sup>.” E, logo após, a de uma outra pessoa branca, que observa o racismo no contexto americano: “‘Já escreveu sobre adoção? Ninguém quer saber de bebês negros nesse país, e eu não estou falando dos mulatos, mas dos bebês negros. Nem as famílias negras querem adotar<sup>21</sup>’” (ADICHIE, 2014, p. 10-11). É interessante perceber a variedade de perspectivas captadas através da focalização de Ifemelu, que relata o que percebe em um *blog*. O surgimento, na ficção, de opiniões como a supracitada, que abranda a gravidade do racismo, pode mostrar o problema residente em comportamentos que não reconhecem as dimensões e interseccionalidades entre as opressões. Assim, a elaboração de um ponto de vista que denuncia a falta de interesse da comunidade em adotar bebês de origem não-caucasiana anuncia de forma mais direta o problema de rejeição sofrida por pessoas negras, desde o início de suas vidas.

De formas distintas, os excertos expostos podem comprovar uma conexão entre o preconceito racial existente nos locais de assentamento de Irie e Ifemelu - respectivamente, Inglaterra e Estados Unidos -, que surge a partir da simples existência de pessoas negras nesses meios. É evidente, portanto, que o racismo está instaurado nos contextos sociais em questão e manifesta-se de forma gratuita. Nessa esteira, é possível identificar outras configurações da exclusão por causa da raça, especialmente quando as protagonistas tentam participar socialmente

---

<sup>20</sup> “Race is totally overhyped these days, black people need to get over themselves, it’s all about class now, the haves and the have-nots,” he told her evenly” (ADICHIE, 2013, p. 9)

<sup>21</sup> “Ever write about adoption? Nobody wants black babies in this country, and I don’t mean biracial, I mean black. Even the black families don’t want them.” (ADICHIE, 2013, p. 9)

e sofrem discriminação por causa de seus atributos físicos e/ou de suas claras origens africanas/caribenhas.

É possível tomar como exemplo de discriminação, na narrativa de Smith, o momento em que Irie sofre *bullying* de seus colegas ao tentar se identificar com “a dama escura”, de um soneto de Shakespeare. Em uma aula de literatura, em que estudavam a obra do autor inglês, surge, por acaso, o quesito da negritude (ou seja, dificilmente o objetivo da aula era, de fato, levantar críticas sociais acerca de questões de raça) e a protagonista pergunta se a personagem analisada é negra. Mesmo com a explicação da professora, que afirma que a preferência na época de elaboração do soneto, era por mulheres excessivamente pálidas, Irie tenta encontrar evidências linguísticas que fundamentam sua desconfiança: “- É que eu pensei, como quando ele fala aqui: *Então, juro, a beleza em si é negra...* E a coisa do cabelo crespo, arames pretos... - Irie desistiu ao ouvir risinhos e deu de ombros”<sup>22</sup> (SMITH, 2003, p. 266). Interessantemente, na construção de um elo intertextual, a autora consegue, em sua própria narrativa, revelar uma forma de racismo com a elaboração de uma aula de literatura, cujo objetivo não era fazer a mesma denúncia. Em outras palavras, de forma bastante sutil e irônica, Smith compõe na literatura um momento de exposição do racismo através de uma aula de literatura, em que o que acontece é justamente a manutenção de princípios discriminatórios. Na diegese, o resultado da inflexibilidade de interpretação resulta em uma quebra ainda maior, na tentativa da protagonista em se identificar com elementos da cultura inglesa, como pode ser visto em:

E o reflexo que Irie vira de relance se retirou furtivamente para dentro da escuridão familiar. Quando estava saindo da sala, Annalese Hersh lhe passou um bilhete (...): “Por William Shakespeare: ODE A LETÍCIA E A TODAS AS MINHAS MINAS DE BUNDONA COM PÊLO PIXAIM” (SMITH, 2003, p. 266)<sup>23</sup>

É clara a violência sofrida pela protagonista que, por sua vez, apenas tenta identificar traços parecidos com os seus na cultura de seu país de nascimento. Porém, uma vez situada em um território imperialista, que apresenta muitas dificuldades de reconhecimento de sua formação

---

<sup>22</sup> ‘I just thought... like when he says, here: Then will I swear, beauty herself is black... And the curly hair thing, black wires-’ Irie gave up in the face of giggling and shrugged. (SMITH, 2001, p. 272)

<sup>23</sup> And the reflection that Irie had glimpsed slunk back into the familiar darkness. On the way out of class, Irie was passed a note by Annalese Hersh, who shrugged to signify that she was not the author but merely one of many handlers. It said: ‘By William Shakespeare: ODE TO LETITIA AND ALL MY KINKY-HAIRED BIG-ASS BITCHEZ.’ (SMITH, 2001, p. 272)

multicultural - como explica Chantal Lacroix (2010, p. 17) - é vista a reação preconceituosa de todos os demais. Os colegas, que não conseguem conceber a possibilidade de reconhecimento da beleza negra, acabam respondendo de forma a ridicularizar o interesse da protagonista, o que ilustra tamanha dificuldade de aceitação da diversidade que compõe o país em questão.

Ifemelu, por sua vez, sente dificuldade de inserção no contexto escolar (porém, do ensino superior), desde os primeiros contatos com a população americana. No momento de recepção dos calouros na universidade, ela pergunta a Cristina Tomas, que é descrita por seus “olhos azuis aguados, seu cabelo desbotado e sua pele pálida”<sup>24</sup> (ADICHIE, 2014, p. 146), se aquele lugar onde estavam era o local de matrícula. A forma como a americana interage com Ifemelu revela um claro preconceito acerca de suas habilidades linguísticas:

“Isso. Você. É. Uma. Aluna. Estrangeira?”

“Sou.”

“Você. Primeiro. Precisa. Pegar. Uma. Carta. Do. Departamento. De. Alunos. Estrangeiros.”

Ifemelu deu um sorriso de pena, porque Cristina Tomas certamente tinha alguma espécie de doença que a fazia falar tão devagar, (...). Mas, quando ela voltou com a carta, (...) Ifemelu entendeu que a menina estava falando desse jeito por causa *dela*, de seu sotaque, e durante um instante sentiu-se como uma criança pequena, de braços e pernas moles, babando.

“Eu falo inglês”, disse Ifemelu. “Aposto que fala”, disse Cristina Tomas. “Só não sei se fala *bem*”. Ifemelu se encolheu. Naquele segundo de silêncio difícil em que ficou olhando nos olhos de Cristina Tomas antes de pegar os formulários, ela se encolheu. Como uma folha seca. Falava inglês desde pequena, fora a capitã da equipe de debate no ensino médio e sempre achara a pronúncia anasalada dos americanos um pouco rudimentar; não deveria ter se acovardado e encolhido, mas o fez. E, nas semanas seguintes, conforme o frio do outono ia surgindo, começou a treinar o sotaque americano.<sup>25</sup> (ADICHIE, 2014, p. 146-147)

A protagonista nigeriana não está livre da necessidade de apagar sua alteridade, tendo em vista a urgência de inclusão social. Mesmo apresentando maior sensibilidade e ciência acerca das imposições culturais baseadas em aspectos econômicos e hegemônicos, a hostilidade de Cristina

<sup>24</sup> “her washy blue eyes, faded hair, and pallid skin” (ADICHIE, 2013, p. 101)

<sup>25</sup> “Yes. Now. Are. You. An. International. Student?” “Yes.” “You. Will. First. Need. To. Get. A. Letter. From. The. International. Students. Office.” Ifemelu half smiled in sympathy, because Cristina Tomas had to have some sort of illness that made her speak so slowly, (...) But when Ifemelu returned with the letter, (...) she realized that Cristina Tomas was speaking like that because of *her*, her foreign accent, and she felt for a moment like a small child, lazy-limbed and drooling. “I speak English,” she said. “I bet you do,” Cristina Tomas said. “I just don’t know how *well*.” Ifemelu shrank. In that strained, still second when her eyes met Cristina Tomas’s before she took the forms, she shrank. She shrank like a dried leaf. She had spoken English all her life, led the debating society in secondary school, and always thought the American twang inchoate; she should not have cowered and shrunk, but she did. And in the following weeks, as autumn’s coolness descended, she began to practice an American accent. (ADICHIE, 2013, p. 101)

provoca em Ifemelu uma sensação de encolhimento e acovardamento. A necessidade de adaptação ao sotaque do inglês americano pode ser vista como um exemplo de silenciamento, visto que, mesmo fluente no idioma, a protagonista investe na forma de expressão americana, para que não se sinta inferiorizada ao falar com nativos, mais uma vez. Isso está atrelado à questão de exclusão baseada na diferença racial, uma vez que é produzida uma dinâmica de valor a partir da reação da americana diante da diferença carregada pela protagonista. Em outras palavras, existe um pré-julgamento de Cristina, baseado no sotaque e, provavelmente, na cor da pele de Ifemelu, já que aquela presume que essa não saberia se comunicar na língua inglesa, sem razão alguma para compreender a situação dessa forma.

No romance de Smith, Irie também sente a necessidade de apagar sua negritude para caber em padrões determinados por seu meio social. Entretanto, diante da divergência entre a formação da cosmovisão de ambas as personagens, é possível perceber que Irie se submete ao apagamento de suas características por realmente acreditar no padrão de beleza europeu. Assim, ela vai ao salão de beleza com a intenção de alisar o cabelo, “decidida a operar uma transformação, decidida a combater seus genes, um lenço de cabeça disfarçando o ninho de passarinho do cabelo, a mão direita colocada atentamente sobre o estômago<sup>26</sup>” (SMITH, 2003, p. 266-267). Mais uma vez, há a ideia de “competição genética”, dada a clara decisão da protagonista de combater seus traços de origem caribenha, o que denuncia a dicotomia criada entre características hegemônicas e marginalizadas, ou entre traços caucasianos e negros. Ademais, é possível perceber que Irie sente a necessidade de esconder tanto a “desordem” de seu cabelo, quanto suas curvas, que desafiam a ditadura da beleza que valoriza apenas corpos magros, brancos e cabelos lisos e claros.

Nesse quesito, a diferença está na consciência de cada personagem acerca da imposição de uma estética determinada em propagar características físicas compartilhadas naturalmente por mulheres ocidentais: enquanto Ifemelu se submete ao apagamento de seus cachos, ciente do sistema opressor, Irie realmente deseja um “cabelo liso. Um comprido cabelo preto liso macio esvoaçável jogável sacudível tocável afável vento-soprável<sup>27</sup>” (SMITH, 2003, p. 267), na tentativa de alcançar uma participação social mais fluida. Com o desenvolvimento de realidades ficcionais em que as protagonistas das narrativas precisam se submeter a uma concepção de beleza que favorece

---

<sup>26</sup> “intent upon transformation, intent upon fighting her genes, a headscarf disguising the bird’s nest of her hair, her right hand carefully placed upon her stomach” (SMITH, 2001, p. 273)

<sup>27</sup> “Straight hair. Straight straight long black sleek flickable tossable shakeable touchable finger-through-able wind-blowable hair.” (SMITH, 2001, p. 273)

exclusivamente a parcela dominante da sociedade, é possível questionar a quem, de fato, essa concepção beneficia. Com a ajuda da propagação desse padrão estético feito pela mídia que, por sua vez, é impulsionada por interesses comerciais, a base de tal concepção está em interesses capitalistas e de manutenção do poder. Assim, os detentores de poder enunciativo garantem a perpetuação de modelos estéticos e valores tradicionais que sempre contemplaram as suas próprias características: as pertencentes ao indivíduo ocidental. Os atores sociais que, muitas vezes por questão de sobrevivência, precisam encaixar-se em tais padrões acabam se submetendo ao apagamento de suas qualidades distintivas, em busca de pertencimento. É possível compreender, portanto, que, para que seja possível a desconstrução de tal estereótipo, a necessidade de transformação não está nas características da mulher negra, por exemplo, mas no que é compreendido como belo, adequado e valioso.

O sofrimento que muitas mulheres passam para adaptar-se ao padrão eurocêntrico é apresentado em partes das narrativas em que há a descrição de sensações de dor física, a partir da focalização das protagonistas, que procuram alisar o cabelo. É possível interpretar, então, o alisamento do cabelo como uma forma de apagamento da africanidade. Ao passar pelo processo de alisamento do cabelo, que pode ser interpretado como uma forma de embranquecimento de uma característica negra bastante simbólica, ambas as personagens sentem na pele a violência da imposição do padrão hegemônico.

No romance inglês, logo após solicitar o serviço que, tecnicamente, tornaria seu cabelo liso, macio e “tocável” - como se o cabelo afro causasse tamanha aversão, ao ponto de ser impossível de tocar -, começa a experiência de dor. Irie é avisada que, para utilizar o elemento químico que tornaria liso os seus cabelos, ela deveria ficar duas semanas sem lavar a cabeça, dada a agressividade do produto. Mesmo assim, a protagonista não obedece a orientação, diante de tamanha ansiedade para estar dentro do padrão de beleza europeu, para se sentir bonita e inserida. A voz narrativa afirma que, no salão de beleza onde estava, “o impossível desejo da lisura e do “movimento” lutava cotidianamente contra a teimosa determinação do folículo africano<sup>28</sup>” (SMITH, 2003, p. 268), o que transmite a ideia de combate entre a força da raiz africana e o desejo de caber em moldes distintos e pertencentes à hegemonia.

---

<sup>28</sup> “the impossible desire for straightness and ‘movement’ fought daily with the stubborn determination of the curved African follicle” (SMITH, 2001, p. 275)



Diante da “competição para ver quem se agoniava mais<sup>29</sup>” (SMITH, 2003, p. 269) no processo de alisamento do cabelo, o sofrimento de muitas mulheres é figurado, mas Irie não desiste de seu desejo. Mesmo com a admiração das mulheres jamaicanas diante de seus cachos soltos, “de meia casta<sup>30</sup>” (SMITH, 2003, p. 270), Irie ainda não consegue deixar de se achar feia, de expressar seu ódio por seus cabelos e por seu tamanho (SMITH, 2003, p. 278)<sup>31</sup>. Assim que o amoníaco é aplicado em seus cabelos, Irie sente uma ardência terrível e começa a gritar. Na descrição da narrativa, sua agonia pode ser percebida em: “Irie mordeu a língua durante outros trinta segundos, até que o sangue apareceu acima da orelha direita. Em seguida, a coitada da menina perdeu a visão. Ao recobrá-la, estava com a cabeça sobre a pia, examinando o cabelo, que caía em chumaços<sup>32</sup>” (SMITH, 2003, p. 271). Nos excertos expostos acima, é possível perceber que o processo violento e opressor de apagamento da africanidade é figurado através da construção de momentos em que as protagonistas se submetem à dor trazida pelo alisamento do cabelo.

Mesmo que as protagonistas analisadas tenham sido motivadas por razões diferentes a passar pelo apagamento de uma importante característica de suas origens, a figuração da dor é um elemento similar entre as narrativas. Na obra de Adichie, além da violência que se configura com o silenciamento da forma como Ifemelu se expressa em língua inglesa, outra forma de apagar características divergentes da norma dominante acontece diante de uma oportunidade de contratação, em que lhe aconselham a alisar o cabelo:

Quando ela falou da entrevista em Baltimore, Ruth disse: “Meu conselho? Tire essas tranças e alise o cabelo. Ninguém fala nessas coisas, mas elas importam, A gente quer que você consiga esse emprego”.

Tia Uju havia dito algo parecido no passado e, na época, Ifemelu rira. Agora, sabia que não devia rir. “Obrigada”, disse. (ADICHIE, 2014, p. 220)<sup>33</sup>

---

<sup>29</sup> “competition in agony” (SMITH, 2001, p. 275)

<sup>30</sup> “Half-caste” (SMITH, 2001, p. 277)

<sup>31</sup> (SMITH, 2001, 284)

<sup>32</sup> “Irie bit her tongue for another thirty seconds until blood appeared above her right ear. Then the poor girl blacked out. She came to with her head over the sink, watching her hair (...) coming out in clumps” (SMITH, 2001, p. 278)

<sup>33</sup> When she told Ruth about the interview in Baltimore, Ruth said, “My only advice? Lose the braids and straighten your hair. Nobody says this kind of stuff but it matters. We want you to get that job.” Auntie Uju had said something similar in the past, and she had laughed then. Now, she knew enough not to laugh. “Thank you,” she said to Ruth. (ADICHIE, 2013, p. 150)

Apesar da maior prontidão em resistir aos padrões impostos por valores eurocêntricos, Ifemelu acata o conselho de Ruth, pois sabe que, em uma sociedade sistematicamente racista, ela precisaria se submeter ao que é naturalizado para poder se encaixar.

Visto que, em toda sua experiência nos Estados Unidos, Ifemelu usara o cabelo trançado e sem químicas, o alisamento seria uma nova experiência no país de assentamento. O tempo da narrativa é fragmentado e intercalado não apenas com a focalização de Obinze, mas também na forma de *flashbacks* entre o momento em que procura um último salão de beleza para trançar o cabelo antes de voltar para a Nigéria e demais eventos formadores de sua experiência migratória e diaspórica. Por causa da extensão da experiência nesse último salão de beleza, é possível notar que o cuidado que a protagonista tem com o cabelo e com o couro cabeludo permeia toda a narrativa. Inclusive, antes de procurar uma profissional para alisar seu cabelo, Ifemelu tenta fazê-lo sozinha em casa, sem sucesso. Por isso, a dolorosa experiência de Ifemelu com um processo de relaxamento capilar que ela nunca desejou torna-se, para o leitor, especialmente impactante. Diferentemente de Irie, Ifemelu se submete ao processo de alisamento ciente dos cuidados que antecedem a aplicação da química no cabelo. Mesmo assim, o sofrimento é inevitável, como pode ser visto em:

Ifemelu sentiu apenas uma leve ardência no começo, mas quando a cabeleireira estava tirando o relaxante enquanto ela mantinha a cabeça apoiada em uma pia de plástico, agulhadas de dor profunda surgiram em diversas partes de seu couro cabeludo e se refletiram em partes diferentes do corpo, ricocheteando de volta para a cabeça. (...) À noite, ela demorou para encontrar uma posição confortável no travesseiro. Dois dias depois, partes de seu couro cabeludo estavam em carne viva. Três dias depois, havia pus ali. (...) Mais tarde, quando passou pela entrevista de emprego e a mulher apertou sua mão e disse que “se encaixaria maravilhosamente” na empresa, Ifemelu se perguntou se a mulher teria achado a mesma coisa se ela tivesse entrado naquele escritório com a coroa espessa e crespa que Deus lhe dera, seu afro. (ADICHIE, 2014, p. 221-222)<sup>34</sup>

No excerto acima, além da configuração da experiência dolorosa, feita pelas escolhas lexicais “agulhadas de dor profunda”, “carne viva” e “pus”, há a narração da reflexão feita pela protagonista sobre seu receio em relação à possibilidade de não ser aceita naquele meio

---

<sup>34</sup> Ifemelu felt only a slight burning, at first, but as the hairdresser rinsed out the relaxer, Ifemelu’s head bent backwards against a plastic sink, needles of stinging pain shot up from different parts of her scalp, down to different parts of her body, back up to her head. (...) At night, she struggled to find a comfortable position on her pillow. Two days later, there were scabs on her scalp. Three days later, they oozed pus. (...) Later, after she breezed through the job interview, and the woman shook her hand and said she would be a “wonderful fit” in the company, she wondered if the woman would have felt the same way had she walked into that office wearing her thick, kinky, God-given halo of hair, the Afro. (ADICHIE, 2013, p. 150-151)

profissional. Tal possibilidade de rejeição, como pode ser visto, é baseada na forma como ela viria a usar seu cabelo, o que poderia parecer algo superficial ou fútil, se a discriminação de raça não dependesse da dominação até da forma como as mulheres negras assumem sua africanidade. Outro problema está na gravidade da configuração da dor presente tanto na narrativa de Smith, em que a protagonista morde a língua, sangra e desmaia, quanto na de Adichie, que sinaliza um processo doloroso e bastante acentuado.

A articulação de signos simbolicamente mediatizada para representar o agir humano dentro de um tempo específico, com referências culturais, atua em uma ressignificação de valores considerados eticamente justos. Em outros termos, o texto “*instrui e o leitor constrói*” (COMPAGNON, 1999, p. 150). O leitor, que compreende a unidade da narrativa, estabelece conexões através da percepção/construção de elementos como pensamentos, ações, sentimentos, aspectos sócio-ideológicos, dentre outros. Nas obras analisadas, a ilusão da homogeneidade étnica discursivamente construída é representada, podendo ser absorvida pelo indivíduo receptor da construção literária. Assim, ele pode atentar para pontos que possivelmente se tornam paradoxais na modernidade e desenvolver uma cosmovisão mais condizente com os aspectos das sociedades contemporâneas formadas pelos fluxos migratórios.

Portanto, a grande distinção na percepção das protagonistas, se forem comparados esses primeiros contatos evidenciados, pode ser diretamente ligada ao contexto de socialização de ambas. Inicialmente, Irie não tem grande oportunidade de conhecer suas raízes caribenhas, sofrendo um apagamento parcial dessas origens, o que resulta em deslocamento identitário. Quando ela se aproxima da avó, que mantém a culinária, os costumes, o sotaque, dentre outros elementos pertencentes ao contexto jamaicano, Irie compreende melhor e aprende a admirar sua alteridade, tendo, assim, chance de defendê-la. A partir de então é que ela começa a compreender a diversidade e a denunciar a contradição da manutenção dos valores hegemônicos europeus em tempos atuais, nos quais a diversidade cultural deve ser reconhecida e respeitada.

Ifemelu, por sua vez, oferece uma maturação diferente da protagonista do romance de Smith, visto que o choque cultural vivido por ela contribui para a manifestação e a identificação de diversas incoerências e preconceitos sociais. Proporcionando, em sua figuração, reflexões essenciais para a desconstrução do comportamento violento para com a diversidade étnica e cultural, a protagonista nigeriana representa a luta vivida pela mulher imigrante e negra na atualidade.

### 3.2 QUESTIONAMENTO

Imigrantes de descendência majoritariamente não europeia, na busca por pertencimento no local de assentamento, lutam para adequar-se a padrões reforçados por ideais hegemônicos. Não correspondendo ao padrão europeu, imigrantes precisam lidar com uma série de obstáculos na tentativa de aceitação social. Diante das mais diversas dificuldades de adaptação sofridas pelos imigrantes de diferentes gerações, é fundamental perceber como a discriminação de raça é representada na ficção pós-moderna. As personagens femininas negras em *Americanah* (2013) e *White Teeth* (2001), em diferentes momentos das narrativas, protagonizam momentos de silenciamento por causa de sua cor. Delineando um paralelo que expõe a similaridade de tais momentos em diferentes obras do contexto de fluxos migratórios, é possível contribuir para a identificação de padrões de violência de raça. O leitor pode compreender as protagonistas Ifemelu e Irie através da exposição de diversos momentos em que essas precisam resistir ao preconceito de raça, por exemplo. Pela forma como elas lidam com a discriminação, é possível perceber uma evolução em relação à quebra da submissão aos padrões coloniais. Cada vez mais próximas da emancipação de moldes étnicos e estéticos, é possível perceber similaridades nos momentos em que Ifemelu e Irie começam a questionar tais moldes.

Para poder participar socialmente, as personagens periféricas femininas passam por alguns processos de apagamento de suas características originais. É possível perceber que elas realizam um movimento de internalização das práticas dominantes, com o intuito de pertencer a seus respectivos meios - mesmo que inconscientemente. De forma interessante, é possível perceber que, por mais diversos que sejam os locais de origem e assentamento das personagens, o padrão capitalista europeu resiste e insiste em padronizá-las. Essa padronização perpassa as esferas pessoais e profissionais das personagens, como um pré-requisito implícito para a tentativa de pertencimento. Enquanto Ifemelu passa por um doloroso processo de alisamento de seus cabelos, para aumentar suas chances de conseguir um emprego, Irie vive o mesmo com o objetivo de ser aceita por seu par romântico. É notável que, além das razões pontuais que levam as protagonistas a apagar suas características afro, elas o fazem para que possam fortalecer sua autoestima em meios homogeneizados pelo padrão europeu e, então, aumentar suas chances de participação social.

A narrativa mostra a perspectiva delas que, por sua vez, pelo fato de perceberem momentos em que a denúncia do racismo se faz possível, se mostram inclinadas a questionar modelos

discursivamente construídos e insensíveis ao olhar periférico. O movimento entre submissão e emancipação de padrões hegemônicos e homogeneizantes parece ser mais emocional do que racional, baseando-se na reação das personagens diante de algum momento padronizador, silenciador ou excludente. Por mais que elas se submetam aos processos de embranquecimento, as protagonistas reagem emocional e criticamente ao momento em questão, ressignificando valores e princípios.

Excertos que mostram a reação das protagonistas, quando essas veem o resultado do processo de alisamento do cabelo e tentam conectar suas novas aparências às suas personalidades, demonstram o desconforto de Ifemelu e Irie com o fato de terem que se submeter a esse apagamento de características. Em *Americanah* (2013), apesar da satisfação da cabeleireira com seu próprio trabalho, esse deixa Ifemelu com “um balanço de branca!<sup>35</sup>” (ADICHIE, 2014, p. 221). É possível perceber o descontentamento da protagonista, dentre outras questões, no excerto a seguir:

O cabelo de Ifemelu pendia em vez de se manter armado. Estava liso e cintilante, dividido na lateral e virando levemente para dentro na altura do queixo. Não tinha mais cachos. Ela não se reconheceu. Saiu do salão quase de luto; enquanto a cabeleireira alisava as pontas com um ferro, o cheiro de queimado, de algo orgânico morrendo, causou nela uma sensação de perda<sup>36</sup>. (ADICHIE, 2014, p. 221)

Pela construção imagética da personagem estando “de luto” diante desse resultado, sem se reconhecer, além do “cheiro de queimado, de algo orgânico morrendo” e da sensação de perda, é coerente perceber que Ifemelu não sai ilesa da experiência. Então, é através da elaboração do que é sentido pela protagonista e pela simbologia da morte que envolve tais sentimentos, que ela processa o apagamento de sua alteridade como quem perde uma parte de si.

Além disso, é possível que a tradução do excerto “the verve was gone” (ADICHIE, 2013, p. 151) tenha sofrido uma certa perda do significado da palavra “verve”, que foi traduzido simplesmente como “cachos”. De acordo com o dicionário Merriam-Webster, o vocábulo “verve” pode ser definido como “the spirit and enthusiasm animating artistic composition or performance: VIVACITY” (VERVE, 2021). Por causa dessa escolha lexical, é válido observar, portanto, a

<sup>35</sup> “the white-girl swing!” (ADICHIE, 2013, p. 151)

<sup>36</sup> Her hair was hanging down rather than standing up, straight and sleek, parted at the side and curving to a slight bob at her chin. The verve was gone. She did not recognize herself. She left the salon almost mournfully; while the hairdresser had flat-ironed the ends, the smell of burning, of something organic dying which should not have died, had made her feel a sense of loss. (ADICHIE, 2013, p. 151)

maneira como a voz narrativa descreve a forma que Ifemelu percebe o apagamento de uma parte de sua negritude. Portanto, é argumentável que, ao passar pelo processo estético, a protagonista sente que está acabada a vivacidade e o entusiasmo de sua *performance*. Cleonice Alves Lopes-Flois (2018) afirma que:

A importância da cor, do cabelo e do corpo na construção da identidade negra existe e se manifesta no modo como o sujeito se vê e é visto pelo outro, independente da classe social a que pertença. Essa interação pode acontecer com os negros imigrantes nos Estados Unidos, na Inglaterra ou até mesmo, com os afro-brasileiros, afro-americanos, hispano-americanos e assim por diante, porque não tem a ver somente com o local onde estão, mas com a condição de subalternidade que a raça e o fato de ser estrangeiro perpetuam. (ALVES LOPES-FLOIS, 2018, p. 468)

De acordo com a argumentação exposta pela autora, a cor, o cabelo e o corpo representam universalmente elementos centrais para a negociação identitária negra na atualidade e têm uma importância que perpassa o nível econômico, a origem e a localização do indivíduo. É essencial compreender as formas mais sutis de criação da condição de subalternidade, para evitar a perpetuação de princípios incoerentes com a diversidade e excludentes da alteridade. O leitor, portanto, uma vez que a protagonista nigeriana não extrai um aprendizado positivo da experiência que tem, é convidado a detectar a formação de um questionamento ético no fato narrado. Através das sensações da protagonista, diante do evento vivido, a voz narrativa consegue mostrar ao leitor nuances de uma problemática social velada.

Em *White Teeth* (2001), é o trauma da experiência com o alisamento que impulsiona o questionamento feito por Irie acerca dos padrões eurocêtricos. Ao sair do salão de beleza, ela anda “o trajeto inteiro até a casa dos Iqbal com a mão no cabelo, com um medo terrível de que o vento o desmantelasse<sup>37</sup>” (SMITH, 2003, p. 276), já que deseja encantar Millat Iqbal com seu novo visual. Chegando à casa da família Iqbal, Irie não alcança seu objetivo principal, visto que Millat não se encontra em casa. Entretanto, Neena, a sobrinha da família bengali, reage à aparência de Irie da seguinte forma: "Irie, você é uma garota com cabeça. Mas não aprendeu todas as sacanagens. Você tem que se reeducar. Reconhecer o teu valor, parar com essa dedicação servil e viver. (...) O afro era legal, cara. Era duca. Era teu<sup>38</sup>” (SMITH, 2003, p. 278). As palavras de Neena, que

<sup>37</sup> “all the way to the Iqbal house with her hands on her hair, terrified that the wind would displace it” (SMITH, 2001, p. 282).

<sup>38</sup> “Look: you’re a smart cookie, Irie. But you’ve been taught all kinds of shit. You’ve got to re-educate yourself. Realize your value, stop the slavish devotion, and get a life (...) The Afro was cool, man. It was wicked. It was yours” (SMITH, 2001, p. 284-285).

impulsionam o início do questionamento de Irie acerca do padrão europeu e midiático, contribuem para a afirmação do valor e da beleza da mulher negra. Além disso, Neena atenta para a necessidade de reeducação de Irie, ou seja, para a urgência de ressignificação de valores no mundo atual.

Ao sair da casa dos Iqbal, Irie “flagrou uma infeliz visão de si mesma nos arranhões e nas manchas do espelho do vestíbulo. Parecia a filha ilegítima de Diana Ross e Engelbert Humperdinck<sup>39</sup>” (SMITH, 2003, p. 282). A partir da passagem anterior, é possível identificar a forma como a Irie assimila o que é dito por Neena, uma vez que a protagonista não se encontra mais feliz com o que vê no espelho. De acordo com um estudo de Banaz Ali (2019), Neena, por ser bastante clara, articulada e desconstruída, tem o importante papel de expor sua opinião acerca de normas raciais e de gênero e alavanca a auto aceitação de Irie (ALI, 2019, p. 334). Assim, Irie arranca o aplique de cabelos que havia sido posto em sua cabeça para esconder o corte químico sofrido por ela no salão de beleza. Além disso, essa passagem carrega uma forte imagem da protagonista encarando sua aparência no espelho arranhado e manchado, como se, na superfície do espelho, ela estivesse enxergando a profundidade de seus sentimentos.

Quando decide alisar o cabelo, Irie já vem carregando um grande peso relacionado à sua dualidade de origens e tem dificuldade em aceitar sua particularidade étnica. Como agravante, a protagonista passa por um processo bastante doloroso na tentativa de adequar-se ao padrão hegemônico e termina com um resultado falso e irreal, pois precisa aplicar cabelos para corrigir o processo de alisamento que lhe machucara. Por fim, ao chegar à casa dos Iqbal, em vez de surpreender com seu visual que tinha tudo para ser aceito, Irie é confrontada com a realidade trazida por Neena e começa a se dar conta do que ela havia feito com ela mesma, na busca por aceitação. Por isso, é possível extrair da simbologia do espelho manchado e arranhado que, além de fisicamente manchada e arranhada, a protagonista percebe que se sente dessa forma também intimamente.

Nesses casos, a arte desestabiliza verdades estabelecidas, pois quebra com expectativas universais. É esperado que uma pessoa saia de um centro estético se sentindo melhor consigo mesma, afinal, está fazendo o possível para estar dentro do padrão de beleza difundido pela mídia. Porém, o que acontece é o contrário: Ifemelu e Irie se sentem apagadas pelo processo de alisamento e suas sensações permitem ao leitor questionar a legitimidade da associação entre a aparência

---

<sup>39</sup> “caught an unfortunate glimpse of herself in the scratch and stain of the hall mirror. She looked like the love child of Diana Ross e Engelbert Humperdinck” (SMITH, 2001, p. 289).

caucasiana, o sentido de beleza e a promessa de felicidade feita pela mídia, diante dos padrões que ela mesma cria. É possível perceber, então, através da sensibilidade dada às protagonistas, o início do questionamento de padrões que, até os momentos expostos, eram tidos para Ifemelu e Irie como sinônimos de uma beleza legítima, disseminada por todos os meios de comunicação possíveis. A configuração de algumas personagens secundárias também contribui para o amadurecimento das protagonistas (e, conseqüentemente, do leitor apto para captar a unicidade da crítica realizada pela arte) acerca de problemáticas sociais ligadas aos padrões estéticos.

No romance de Adichie (2013), são muitas as personagens secundárias que afirmam o sistema de valores hegemônicos de forma inconsciente. Socializadas em um sistema patriarcal, capitalista e racista, as personagens femininas nigerianas, amigas ou parentes de Ifemelu, reproduzem valores sexistas e eurocêntricos e, ao passo que não refletem explicitamente sobre a seriedade dos princípios compreendidos como legítimos e verdadeiros, contribuem para a formação de opinião da protagonista. A estratégia narrativa, ao invés de contar diretamente ao leitor que o valor hegemônico está em dissonância com a realidade étnica e cultural da população pós-colonial, mostra algumas perspectivas que estarão em claro desacordo com os princípios defendidos por Ifemelu, que é a principal portadora da focalização pela qual o leitor compreende o enredo. Tia Uju pode ser considerada uma dessas personagens secundárias que contribui bastante para a formação crítica de Ifemelu, em relação à discriminação sofrida por mulheres, pretas e pobres. Ela acaba ensinando Ifemelu a identificar o problema em valores que apagam e/ou violentam a diversidade cultural das origens étnicas e raciais de tanto sofrer com as próprias escolhas racistas e sexistas. Portanto, por mais que Tia Uju seja uma personagem completamente imersa nos parâmetros eurocêntricos, suas atitudes permitem que Ifemelu ressignifique tais princípios ao vivenciar momentos de opressão. Em outras palavras, ao observar as escolhas de Uju, a protagonista tem a chance de descontinuar iniciativas que perpetuam opressões de gênero e de raça.

Desde a infância de Ifemelu até o momento em que ela decide retornar para a Nigéria, após sua experiência com a migração, Tia Uju se faz presente na narrativa como uma tia mais jovem, que a aconselha em quesitos como sexualidade e relacionamento com os pais. Antes de migrar para os Estados Unidos, Tia Uju tem um estilo de vida similar ao que cultivam as amigas de infância/adolescência de Ifemelu, que as reencontra ao retornar para a Nigéria. Nessa esteira, é possível perceber que as amigas de Ifemelu, assim como Uju, se submetem às condições de vida determinadas por homens (no caso de Tia Uju, o General) oficialmente indisponíveis, mas que



prometem a elas estabilidade financeira. O General, um homem casado e com influência militar, proporciona essa estabilidade para Tia Uju que, por sua vez, investe fortemente em sua aparência, com o intuito de agradar seu par romântico. O problema desse relacionamento, que representa o domínio do homem com poder aquisitivo sobre as mulheres, agrava-se quando o General engravida Tia Uju. Através do ponto de vista de Ifemelu, é possível conhecer a luta de Tia Uju, que passa por um processo forçado de imigração para fugir da família legítima do General, quando esse morre em um acidente de carro. Tia Uju, portanto, como imigrante de primeira geração e mãe solteira de um menino, passa por um abrupto e complexo processo de percepção das opressões e hábitos ocidentais, a partir do momento em que luta para sobreviver e alimentar seu filho sozinha, em outro continente. Em sua vivência, Uju leva mais tempo do que Ifemelu para perceber, questionar e se emancipar dos padrões hegemônicos, o que indica que, para a protagonista, o sofrimento da tia é indiretamente pedagógico.

Ao invés de representar alguém que ensina por refletir diretamente sobre suas experiências, Tia Uju ensina porque sofre a imposição dos padrões hegemônicos e, mesmo assim, não consegue percebê-los ou se libertar deles. Ela passa por tantos traumas, que, possivelmente, torna-se impossível compreendê-los em sua totalidade. Além do envolvimento trágico com o General e da migração forçada para os Estados Unidos, Uju vive uma grave mudança em seu padrão de vida: o que, na Nigéria, era uma vida luxuosa e de ostentação material, torna-se, nos Estados Unidos, uma constante batalha para ser reconhecida como médica e respeitada como mulher negra. Também é possível identificar o compartilhamento de aprendizados entre Uju e Ifemelu, por exemplo, através da simbologia da adaptação à estética ocidental, uma vez que:

Se o cabelo e o corpo forem pensados como cultura, ambos podem ser considerados como expressões e suportes simbólicos da identidade negra, particularmente, identidade negra feminina, que formam uma identidade construída historicamente ao longo de muitas décadas, de muitas imigrações, de muitas adaptações ao sistema vigente ao país que não é o seu e da cor que não é a sua. (ALVES LOPES-FLOIS, 2018, p. 469)

Portanto, mesmo que Tia Uju não consiga se desvencilhar do cultivo de valores hegemônicos efetivamente, a forma como ela se submete ao padrão é tão intensa, que sensibiliza a protagonista. Antes de sua experiência migratória, quando tinha mais recursos (do General) e razões para investir em produtos e cosméticos, pelo General, “Ela evitava tomar sol e usava cremes que vinham em frascos elegantes para que sua pele, naturalmente tão clara, ficasse ainda mais clara,

mais luminosa e ganhasse uma camada de brilho<sup>40</sup>” (ADICHIE, 2014, p. 83). A voz narrativa observa, inclusive, que Uju se firma “em sua nova vida com grande leveza, mais consumida pelo próprio General do que por sua nova prosperidade<sup>41</sup>” (ADICHIE, 2014, p. 83), o que confirma tal prosperidade de Uju como um presente do General para ele mesmo. Assim, é pertinente perceber que esse investimento do General na imagem de Tia Uju significa, basicamente, um financiamento de um processo de embranquecimento. Além de, como pode ser percebido na passagem mencionada anteriormente, procurar clarear sua pele, Uju usava “apliques de cabelos sedosos que cascadeavam até a altura dos ombros: era um mega-hair chinês, a versão mais nova, brilhante e reto de tão liso; nunca embaraçava<sup>42</sup>” (ADICHIE, 2014, p. 86). Retomando a afirmação de Alves Lopes-Flois (2018, p. 469), sendo o cabelo e o corpo afro elementos culturais e de identidade negra, é possível afirmar que, na busca por aceitação em um sistema (de)formado por parâmetros eurocêntricos, personagens femininas negras como Uju sofrem um apagamento de suas marcas étnicas.

Além das opressões de gênero que envolvem o relacionamento de Uju com o General, existem questões raciais às quais Tia Uju se submete, possivelmente sem conseguir perceber a gravidade da situação. Ela, que porventura não tem a oportunidade de perceber a imposição de valores imperiais, não consegue perceber a dificuldade que seu próprio filho encontra no processo de negociação identitária. É, dessa forma, majoritariamente, que ela contribui para a percepção crítica da protagonista do romance acerca de opressões sociais. É pertinente observar a complexidade da elaboração da crítica social resultante da dinâmica da relação entre Uju e Ifemelu. Para que o leitor possa entender os diferentes níveis das problemáticas sociais denunciadas na narrativa, ele precisa captar não apenas o sofrimento das personagens secundárias, mas também a forma como Ifemelu compreende o sofrimento alheio e utiliza esse conhecimento para ressignificar suas escolhas e atitudes. Com suas vivências, Uju apura o olhar de Ifemelu em relação a algumas opressões da atualidade que ainda não se evidenciam como formas claras de preconceito.

---

<sup>40</sup> “She avoided the sun and used creams in elegant bottles, so that her complexion, already naturally light, became lighter, brighter, and took on a sheen.” (ADICHIE, 2013, p. 58)

<sup>41</sup> “into her new life with a lightness of touch, more consumed by The General himself than by her new wealth.” (ADICHIE, 2013, p. 58)

<sup>42</sup> “silky hair extensions that fell to her shoulders: Chinese weave-on, the latest version, shiny and straight as straight could be; it never tangled.” ADICHIE, 2013, p. 60)

No romance de Smith (2001), é radicalmente diferente a construção da personagem Neena, que é introduzida na narrativa, como “Sobrinha da Vergonha<sup>43</sup>” (SMITH, 2003, p. 71), após um desentendimento que ocorre entre os progenitores da família bengali, Alsana e Samad Iqbal. Essa apresentação revela, desde o início da narrativa, que há um choque de ideais entre Neena e Alsana, sua tia conservadora. Criada em uma família rígida e religiosa<sup>44</sup> (SMITH, 2003, p. 84), Neena traz consigo uma constante quebra de padrões de raça e de sexualidade, visto que confronta a supremacia branca ao defender a beleza natural de Irie, por exemplo, e, com sua namorada Maxine, desafia o padrão heteronormativo. É bastante clara a consciência social de Neena, que, não apenas se posiciona de uma maneira bastante sóbria, como também ajuda diretamente as demais personagens a libertarem-se de suas “falsas consciências<sup>45</sup>” (SMITH, 2003, p. 85).

De maneira a oportunizar um constante acesso ao diálogo, com ideais que problematizam a norma, é possível considerar que Neena é a personagem secundária que proporciona o primeiro momento de desconstrução para Irie. Interessantemente, Neena impulsiona as desconstruções adequadas para cada personagem que necessita de seu ponto de vista: ela ajuda as progenitoras imigrantes Alsana e Clara, que se submetem aos moldes patriarcais, a perceberem opressões de gênero, desestabiliza a esfera de interação ao aparecer com sua namorada na casa da família Chalfen, que conserva valores hegemônicos e heteronormativos, e conscientiza Irie da beleza de sua cor. Por isso, ainda que Neena provoque o questionamento em Irie apenas uma vez, com o intuito de desestabilizar a supremacia branca, trata-se de um momento central e que impulsiona uma série de reações da protagonista em relação aos parâmetros imperiais. Então, é interessante atentar para a forma como ela provoca o despertar da protagonista:

- Nossa! - exclamou Neena, a voz esganiçada, ao deparar com a visão que se aproximava.  
 - Mas que porra de visual é esse?!  
 Estava linda. Liso, não-encarapinhado. Linda.  
 - Que coisa mais esdrúxula! (...) Pelo amor de Deus, Irie. O que está querendo com isso exatamente?  
 Então não era óbvio? Liso. Lisura. Sedosidade.  
 - Melhor dizendo, qual é o grande plano? Ser a Maryl Streep negra? (SMITH, 2003, p. 276)<sup>46</sup>

<sup>43</sup> “Niece-of-Shame” (SMITH, 2001, p. 63)

<sup>44</sup> brought up in strict, religious families (SMITH, 2001, p. 77)

<sup>45</sup> “false consciousness” (SMITH, 2001, p. 78)

<sup>46</sup> “‘Bloody Hell!’ screeched Neena at the approaching vision. ‘What the fuck do you look like?!’ She looked beautiful. She looked straight, un-kinky. Beautiful. ‘You look like a freak (...) Jesus Christ, Irie. What exactly were you aiming for?’ Wasn’t it obvious? Straight. Straightness. Flickability. ‘I mean, what was the grand plan? The negro Maryl Streep?’” (SMITH, 2001, p. 283)

É pertinente analisar a reação da personagem secundária, visto que se trata de um dos fatores que impulsionam o incômodo de Irie acerca das imposições de valores hegemônicos. O uso que Neena faz, por exemplo, de palavras de baixo calão, para reagir ao visual de Irie, demonstra um certo engajamento daquela para expressar sua surpresa com a mudança dessa. A voz narrativa, desenvolvida em forma de discurso indireto livre, demonstra uma proximidade de perspectivas entre o narrador e a protagonista. A alternância entre a voz narrativa e as manifestações de Neena indicam um choque de expectativas: Neena estava esperando se deparar com a mudança de Irie, tanto quanto essa acreditava que seu objetivo com o alisamento estava claro para todos. Inclusive, a voz narrativa responde, internamente, ao questionamento de Neena, demonstrando que Irie, até então, não tinha dúvidas de que estava linda. Somente após o segundo questionamento de Neena, em relação ao objetivo de Irie, é que a protagonista começa a desconfiar de que não o havia alcançado com êxito. Por fim, ao perguntar jocosamente se Irie pretende ser a Meryl Streep negra, Neena faz uma crítica bastante perspicaz, pois é como se Irie não conseguisse perceber o mundo fora do parâmetro da branquitude.

Assim, na tentativa de definir um paralelo entre personagens secundárias que contribuem para a desconstrução de padrões hegemônicos feita pelas protagonistas de *Americanah* (2013) e *White Teeth* (2001), é interessante destacar o papel de personagens como Tia Uju e Neena. Por mais que essas tenham grandes diferenças entre si, suas perspectivas auxiliam na evolução do pensamento de Ifemelu e Irie, na busca pela negociação identitária. Enquanto Tia Uju não consegue se emancipar dos parâmetros patriarcais, Neena já se encontra em um patamar sólido de desconstrução. Enquanto Neena compartilha seu ponto de vista com mais personagens, as ações de Uju, por mais submersas que estejam nos princípios dominantes, ajudam essencialmente Ifemelu a quebrar paradigmas. Em suas diferentes configurações, Neena e Uju contribuem para o processo de libertação de moldes ocidentais, seja esse o processo delas, das demais personagens, das protagonistas ou até mesmo do leitor preparado para perceber a crítica social na ficção. Diante da diferença entre essas personagens secundárias, é central ressaltar a importância da promoção ao acesso à informação e à educação, visto que o sistema opressor é o que molda o indivíduo social e, por isso, o mínimo questionamento subversivo tem muita relevância.

As personagens secundárias Tia Uju e Neena contribuem fortemente para o processo de negociação identitária experienciado por Ifemelu e Irie, respectivamente. Por mais que, particularmente, estejam em diferentes momentos de suas jornadas em direção à percepção e

emancipação de moldes patriarcais e ocidentais, elas acabam impulsionando o questionamento feito pelas protagonistas acerca de tais padrões. Por isso, é justificável atentar para a construção ficcional das personagens secundárias que, direta e indiretamente (nos casos de Neena e Tia Uju, respectivamente), participam no deslocamento de princípios hegemônicos.

### 3.3 SUBVERSÃO

Considerando a possibilidade de Ifemelu e Irie alcançarem um nível considerável de libertação em relação à imposição de valores raciais eurocêtricos, é possível perceber uma diferença no processo de emancipação das protagonistas. Tal variação parece depender de uma certa conexão com o local de origem de cada uma delas e reflete suas respectivas noções de pertencimento, além do ritmo e a fluidez de seu processo de conscientização. Enquanto Ifemelu passa por um processo inconstante, o processo de Irie é mais progressivo, dada a forma como evolui a descoberta de suas origens e, conseqüentemente, das opressões. A primeira expressa maior emancipação dos padrões no início e ao final da narrativa, antes de ir para os Estados Unidos e após seu retorno à terra natal. A segunda entra gradativamente em contato com sua ascendência jamaicana e progride até o final da narrativa, quando, possivelmente, se emancipa dos moldes ocidentais. Mesmo com suas particularidades, ambas passam por um processo de identificação de violências de raça, que se compreende desde os eventos em que elas se submetem ao padrão hegemônico, atravessa momentos de questionamento de verdades estabelecidas e culmina em uma criação de um lugar de fala particular e estabelecido. Ademais, é compartilhado entre as protagonistas o fato de desenvolverem trajetórias singulares de percepção social, baseadas em suas vivências híbridas e ricas, em adição ao que conseguem absorver das vivências das demais personagens, em relação às discriminações, nos distintos ambientes em que se encontram.

A configuração de personagens como Ifemelu e Irie contribui para a representação de figuras femininas, negras e imigrantes, mostrando ao leitor possíveis formas de resistência a princípios dominantes. Através da exposição de figuras que mostram casos de submissão, questionamento e emancipação de princípios europeus, as protagonistas subvertem valores que, até então, vêm beneficiando atores sociais pertencentes a uma parcela dominante racial, cultural e sexualmente. Mesmo em suas particulares existências e condições, ambas conseguem desenvolver um maior empoderamento racial, depois de sofrerem as fases de submissão e questionamento -

afinal, conforme Ribeiro (2019, p. 14) “muitos outros grupos sociais oprimidos compartilham experiências de discriminação em alguma medida comparáveis”. Assim, atentando para possíveis formas de rompimento com estigmatizações étnico-raciais, é pertinente definir um paralelo entre as duas protagonistas e analisar como acontece esse processo de instauração de uma voz própria.

Em relação à diversificação de origens formadoras dos cenários étnicos e culturais atuais, é considerável a quantidade de elementos que configuram a formação híbrida do indivíduo pós-moderno. Já que esse resulta do processo da globalização (HALL, 2006), sua identidade se revela interligada com sua condição de descontinuidade de um padrão tradicional e “puro”. Por isso, quando as protagonistas em questão tentam caber dentro dos moldes dominantes, elas têm dificuldade em reconhecer seu pertencimento dentro de um contexto padronizante. O conflito gerado por esse não reconhecimento é o que sinaliza possibilidades de desconstrução e, portanto, crescimento - tanto da personagem, como do leitor preparado para reconhecer a verossimilhança entre elementos artisticamente construídos e fatos reais identificáveis no enredo.

Significativamente, em momentos em que Ifemelu e Irie estão mais próximas de suas origens, elas encontram elementos que reconhecem como familiares e que, portanto, encaixam em seus moldes próprios e singulares. Diante do conforto com a forma em que se encontram em determinados momentos da narrativa, é possível perceber que as protagonistas se reconhecem como participantes daquele meio em que estão inseridas, ao mesmo tempo em que admitem sua unicidade étnica. Através da elaboração que a voz narrativa faz desses momentos de encontro com as raízes, é pertinente observar como acontece essa negociação identitária, que é, basicamente, contemplar e valorizar as origens, apesar do que pregam os valores dominantes nos espaços em que transitam. Diante disso, é pertinente destacar o que afirma Djamilia Ribeiro:

Não é realista esperar que um grupo racial domine toda produção do saber e seja a única referência estética. Por causa disso, a população negra criou estratégias ao longo de suas histórias para superar essa marginalização. O conhecido movimento Panteras Negras, do qual a ativista e filósofa Angela Davis fez parte, além de lutar contra a segregação racial nos Estados Unidos e pela emancipação do povo negro, tinha também suas bases a valorização da estética negra. Kathleen Cleaver, uma das lideranças do movimento, aponta para a importância de que pessoas negras quebrem com a visão de que somente pessoas brancas são bonitas, valorizando o cabelo natural e as características típicas do povo negro e criando para ele uma nova consciência. (RIBEIRO, 2019, p. 27-28)

É possível compreender que a estética negra de que fala Ribeiro, que confirma a urgência da desconstrução da supremacia estética branca/ europeia e afirma a importância do olhar sobre as características fenotipicamente negras, promove visibilidade ao povo negro através da elaboração

de uma nova consciência. A configuração de protagonistas como Ifemelu e Irie, portanto, contribui para o deslocamento de valores que perpetuam o domínio da estética do grupo racial branco, além de possibilitar a análise da condição feminina negra e imigrante. Jeroen Dewulf, que argumenta sobre o caráter decolonial das produções culturais do último século, observa a existência de quatro correntes nos *Post-Colonial Studies* que contemplam as particularidades de autoria minoritária, feminina, negra e “que privilegia a transgressão de fronteiras” (DEWULF, 2005, p. 135). Diante disso, é argumentável que as narrativas de Adichie (2013) e Smith (2001) sejam decoloniais por encaixarem-se em diversas correntes dos *Post-Colonial Studies*, visto que não somente a autoria é minoritária e imigrante, mas também a representação da figura feminina feita nelas reflete essa realidade. Se a decolonialidade tende a substituir princípios hegemônicos pela lógica da igualdade e da aceitação da alteridade, a existência destes romances configura resistência em diversos níveis. Portanto, não apenas por fragmentarem expectativas, as protagonistas de *Americanah* (2013) e *White Teeth* (2001) ajudam na constituição da decolonização cultural, por serem mulheres marginalizadas em foco de leitura e análise.

Visto que Ifemelu e Irie conseguem se autovalorizar, ao passo que se reconhecem como africana e como inglesa de ascendência caribenha, respectivamente, é necessário estudar o contexto de desenvolvimento desse processo de alforria das narrativas oficiais e discriminantes para que se possam compreender maneiras de descontinuação de valores ocidentais e homogeneizantes. Outrossim, é possível que elas sejam uma das maneiras estratégicas de superar a marginalização, como propõe Ribeiro.

Nesse aspecto, para abordar a perspectiva da protagonista nigeriana, é central observar que, uma vez concebida através das percepções de Ifemelu, a construção do tempo não é linear. A narrativa de Adichie (2013) é desenvolvida ao longo de sete partes, em que o tempo é configurado pela construção das perspectivas de Ifemelu e Obinze, que se intercalam entre cinquenta e cinco capítulos. Enquanto é mostrada a experiência de seu par romântico como imigrante na Inglaterra, até ser deportado e voltar para a Nigéria e estabelecer uma família, a voz narrativa que acompanha o ponto de vista de Ifemelu também expõe sua experiência migratória nos Estados Unidos, até que ela volta para seu país de origem e ressignifica uma série de padrões. Em relação à perspectiva da protagonista, especificamente, até o final da Parte 4 (Capítulo 41), ela mostra o momento de sua última ida ao salão de beleza nos Estados Unidos antes de voltar para a Nigéria intercalado com *flashbacks* que configuram momentos de sua infância, além de toda sua trajetória na América, até

sua decisão de retorno. A partir da Parte 5, inicia sua readaptação ao seu contexto de origem e a reaproximação das focalizações de Ifemelu e Obinze.

É importante considerar a formação temporal no romance, para que seja possível atentar para os momentos em que Ifemelu está mais próxima de sua terra natal e, por isso, consegue encontrar maior representatividade no meio social em que se encontra. De forma a sustentar tal hipótese, é pertinente destacar excertos que indicam a configuração de uma possível emancipação de padrões hegemônicos, atentando para possíveis relações entre essa forma de conscientização e elementos referentes às suas raízes. Uma vez destacado que Ifemelu conhece a divisão racial em sua experiência migratória (ADICHIE, 2014, p. 436), é possível que sua aproximação com a Nigéria sinalize maior representatividade em relação às características formadoras da identidade da protagonista como mulher nigeriana. Ademais, é exposto pela voz narrativa que, no primeiro verão de Ifemelu nos Estados Unidos, enquanto esperava o início das aulas, “havia uma desolação em sua vida, uma aridez em brasa, sem pais, amigos ou um lar, os marcos familiares que faziam com que fosse quem era<sup>47</sup>” (ADICHIE, 2014, p. 122). Em relação a este excerto, é pertinente observar, primeiramente, o efeito da construção imagética de “kindling<sup>48</sup> starkness<sup>49</sup>”, precisamente traduzido como “uma aridez em brasa”, na descrição da forma como a protagonista se sente naquele momento. A ausência das pessoas estimadas por Ifemelu, somada à falta de um espaço representante do lar, representa a suspensão da conexão entre a protagonista e os elementos culturais/familiares que compõem sua identidade, o que impacta pela sensação de desconexão/fragmentação. A *secura* e a *ardência* da aridez em brasa, portanto, funciona de forma a descrever a subjetividade do que é sentido pela protagonista como reação à fratura representada pela separação de seu local de origem.

Isso posto, é importante afirmar que o processo de emancipação de Ifemelu se manifesta através de identificações de formas veladas (ou nem tanto) de discriminações raciais sofridas por ela mesma ou pelas personagens secundárias. Já que o fato de o leitor ser conscientizado dessas ações opressoras depende do que é percebido pela detentora da focalização da narrativa, é possível que a atenção dada para eventos em que o preconceito é denunciado também signifique resistência.

---

<sup>47</sup> “There was a stripped-down quality to her life, a kindling starkness, without parents and friends and home, the familiar landmarks that made her who she was.” (ADICHIE, 2013, p. 84)

<sup>48</sup> “Galhos pequenos e secos ou outros materiais usados para começar uma fogueira” (KINDLING, 2021)

<sup>49</sup> “Qualidade de estar vazio, simples, limpo, especialmente sem decoração or qualquer coisa que não seja necessário” (STARKNESS, 2021)



Conforme exposto por Theodor Adorno (2003, p. 56), a manifestação do narrador já é ideológica por si própria, portanto, é justificável que o posicionamento crítico da protagonista diante de eventos que acontecem com demais personagens seja considerado. É relevante tomar como exemplo a percepção de Ifemelu apresentada na seguinte passagem:

Mais tarde, disse: “Vou ter que desfazer minhas tranças para a entrevista e fazer relaxamento no cabelo. Kemi disse que não devo usar tranças na entrevista. Eles acham que você não é profissional se tem o cabelo trançado”.

“Então não existem médicas de cabelo trançado nos Estados Unidos?”, perguntou Ifemelu, “Falei o que me disseram. Você está num país que não é o seu. Faz o que precisa fazer se quiser ser bem-sucedido.”

Lá estava ela de novo, aquela estranha ingenuidade com a qual tia Uju se cobrira, como se fosse um cobertor. Às vezes, quando estavam conversando, ocorria a Ifemelu que tia Uju deliberadamente deixara parte de si para trás, uma parte essencial, num lugar distante e esquecido. Obinze dizia que era a gratidão exagerada que vinha com a insegurança do imigrante<sup>50</sup>. (ADICHIE, 2014, p. 130-131)

No excerto apresentado acima, a reflexão exposta como reação da protagonista, expressa pela voz narrativa em discurso indireto livre, diante da submissão de Uju aos parâmetros hegemônicos, indica a criticidade de Ifemelu em relação a tais parâmetros, mesmo que ela também precise se submeter a eles mais adiante na narrativa. Além disso, a fim de transmitir o ponto de vista da protagonista, é relevante perceber como a voz narrativa associa tal submissão a um abandono de uma parte essencial de si. Tal abandono acontece “em um lugar distante e esquecido”, que pode significar a relação entre a autêntica identidade de uma pessoa e suas origens geográficas e culturais. Portanto, é possível perceber que a associação entre a submissão de Uju e a ideia de abandono de uma essência pessoal confirma uma resistência da protagonista em relação a uma homogeneização estética e uma valorização da forma natural e essencial de aspectos mais característicos do povo afrodescendente.

Ainda com base no que é exposto pela voz narrativa, é importante lembrar que o evento acima é apresentado antes da ida de Ifemelu ao salão de beleza para relaxar os próprios cabelos, o

---

<sup>50</sup> Later, she said, “I have to take my braids out for my interviews and relax my hair. Kemi told me that I shouldn’t wear braids to the interview. If you have braids, they will think you are unprofessional.” “So there are no doctors with braided hair in America?” Ifemelu asked. “I have told you what they told me. You are in a country that is not your own. You do what you have to do if you want to succeed.”

There it was again, the strange naïveté with which Auntie Uju had covered herself like a blanket. Sometimes, while having a conversation, it would occur to Ifemelu that Auntie Uju had deliberately left behind something of herself, something essential, in a distant and forgotten place. Obinze said it was the exaggerated gratitude that came with immigrant insecurity. (ADICHIE, 2013, p. 90)

que evidencia o caráter não-linear de seu processo de emancipação. É possível considerar, portanto, que a protagonista tem momentos de menor clareza acerca de imposições estéticas e raciais, na medida em que aprofunda sua socialização durante sua jornada nos Estados Unidos, ou seja, durante sua experiência migratória em um país governado por parâmetros ocidentais. Nos momentos em que ela está mais conectada com seu país de origem, essa clareza parece se estabelecer de maneira mais presente e definitiva. É válido observar que um dos momentos mais intensos de submissão ao padrão, que foi exposto na seção 3.1, e o supracitado, acontecem em plena experiência migratória. Nessa esteira, é relevante apresentar outros momentos de resistência aos moldes raciais e analisar de que maneiras a protagonista está mais próxima de suas raízes étnicas.

É relevante destacar que, mesmo que Ifemelu expresse um posicionamento mais crítico e definido em momentos de maior proximidade com sua terra natal, a imposição de valores eurocêntricos ainda é bastante presente no contexto nigeriano construído na diegese. Como pode ser visto, por exemplo, através da descrição feita da amiga de escola Ginika, existe uma valorização culturalmente estabelecida em torno das características mais próximas da fisionomia caucasiana: “sua pele era caramelo e seus cabelos, quando não estavam presos em tranças, desciam em ondas até o pescoço em vez de continuar em pé num afro. Todo ano era escolhida a menina mais bonita do ano e sempre dizia, irônica: ‘É porque sou mestiça (...)’<sup>51</sup>” (ADICHIE, 2014, p. 64). A existência de uma tendência estética voltada para o embranquecimento de características negras, portanto, é confirmada pela tendência de quem a escolhe como “a menina mais bonita” (ADICHIE, 2014, p. 64). Essa tendência é fundamentada no fato de que sua pele é mais clara em comparação às demais. Ademais, essa tendência é exposta através da polarização implícita feita entre os seguintes elementos: pele caramelo e pele totalmente preta, cabelos “que descem em ondas” e cabelos que ficam “em pé num afro”, ser mestiço e ser predominantemente afro.

Por isso, é fundamental esclarecer que não é pela ausência de racismo na Nigéria que Ifemelu consegue se posicionar de maneira mais perceptível em relação às discriminações de raça. Possivelmente, por ter sido socializada neste contexto pós-colonial, por conhecer as manifestações de racismo de sua cultura de origem e por pertencer a um grupo étnico majoritário nesse meio específico, Ifemelu está mais apta a reagir do que a ser silenciada pelos padrões nigerianos.

---

<sup>51</sup> “caramel skin and wavy hair that, when unbraided, fell down to her neck instead of standing Afro-like. Each year, she was voted Prettiest Girl in their form, and she would wryly say, “It’s just because I’m a half-caste (...)” (ADICHIE, 2013, p. 44)

Ademais, sua experiência migratória, embora sofrida, a sensibiliza ainda mais intensamente a entender as diversas configurações de discriminação e de silenciamento. Em um momento em que encontra outros migrantes que retornaram à Nigéria, é possível perceber a maneira como as personagens se posicionam em relação ao costume de alisar os cabelos:

Falaram sobre os salões do país, onde as cabeleireiras se atrapalham para pentear cabelos naturais como se fossem erupções alienígenas, como se seu próprio cabelo não tivesse sido assim antes de ser derrotado por produtos químicos.

“As meninas do salão sempre dizem: ‘Tia, você não quer relaxar o cabelo?’ É ridículo que os africanos não valorizem cabelo natural na África”, disse Yagazie. “Concordo”, disse Ifemelu, e ela percebeu a superioridade em sua voz, na voz deles todos<sup>52</sup>. (ADICHIE, 2014, p. 438)

Paradoxalmente, mesmo com uma forte criticidade em relação a um hábito que contraria a natureza estética de seu povo, as personagens em questão não consideram que se trata de um costume intrínseco à socialização colonial. Os retornados, que percebem a incoerência de uma atitude embranquecedora em um contexto africano, o que demonstra um certo grau de conscientização da imposição de padrões hegemônicos, não compreendem, entretanto, a falta de escolha de quem não tem recurso intelectual para desafiar a norma. A configuração dessas personagens, “os santificados, os que tinham voltado, aqueles que haviam chegado com uma camada de brilho extra<sup>53</sup>” (ADICHIE, 2014, p. 438), então, funciona de forma a expor hipocrisias sutis, que o leitor tem a chance de captar por causa da sensibilidade da heroína nigeriana que, ao passo que concorda com eles, percebe a superioridade que paira em torno “daqueles que escolhem retornar”. Esse nível de percepção é desenvolvido já ao final de seu percurso migratório e parece provocar posicionamentos críticos bastante claros, como pode ser visto na matéria escrita por Ifemelu sobre o Clube Nigerpolita (ADICHIE, 2014, p. 453-454)<sup>54</sup>. Esse, que é um grupo formado por repatriados nigerianos, funciona de maneira a denunciar a superioridade com a qual aqueles que retornam ao seu país de origem após uma experiência migratória encaram as condições de tal local, apenas por terem conhecido a forma como países hegemônicos são organizados.

---

<sup>52</sup> They talked about hair salons here, where the hairdressers struggled and fumbled to comb natural hair, as though it were an alien eruption, as though their own hair was not the same way before it was defeated by chemicals.

“The salon girls are always like, ‘Aunty, you don’t want to relax your hair?’ It’s ridiculous that Africans don’t value our natural hair in Africa,” Yagazie said.

“I know,” Ifemelu said, and she caught the righteousness in her voice, in all their voices. (ADICHIE, 2013, p. 292)

<sup>53</sup> “the sanctified, the returnees, back home with an extra gleaming layer” (ADICHIE, 2013, p. 292)

<sup>54</sup> (ADICHIE, 2013, p. 302-303)

Visto que os processos de conscientização em relação à imposição de valores eurocêntricos depreendidos por Ifemelu e Irie divergem de acordo com o que é vivido por elas em suas experiências migratórias, a maturação de Irie tende a ser menos latente do que a de Ifemelu. A protagonista do romance inglês tem mais dificuldade de sentir-se incluída em seu contexto de socialização, uma vez que sua diferença étnica interfere fortemente em sua autoestima e, conseqüentemente, em suas tentativas de pertencimento. Por não conhecer com propriedade e, dessa forma, não aceitar seus traços, que não estão dentro dos padrões dominantes na Inglaterra, Irie sofre para caber em um sistema racista e homogeneizante. Diante da falta de representação de uma composição étnica diversa como a de Irie, dentro de um sistema determinado por uma mídia racista e capitalista, a protagonista não consegue, até a sua adolescência, realmente compreender tamanho deslocamento identitário.

Considerando a forma como Irie administra sua constituição híbrida dentro de um contexto social pautado por valores ocidentais, é possível verificar uma evolução em relação à aceitação da protagonista acerca de sua identidade racial. Na passagem exposta a seguir, destaca-se a construção da aparência volumosa de Irie, muito similar à de sua avó, elemento que desafia os padrões valorizados na perspectiva britânica: “As dimensões européias do corpo de Clara haviam saltado uma geração e ela herdara a sólida constituição jamaicana de Hortense, carregada de abacaxis, mangas e goiabas. A moça tinha peso: peitos grandes, nádegas grandes, cadeiras grandes, coxas grandes, dentes grandes<sup>55</sup>” (SMITH, 2003, p. 259). Sem conhecer uma realidade em que as qualidades citadas acima sejam mais prezadas do que oprimidas, Irie constantemente renega suas características étnicas jamaicanas. Como resultado disso, antes que pudesse perceber o racismo sistemático em seu contexto de socialização, a protagonista “estava obcecada<sup>56</sup>” (SMITH, 2003, p. 260) em caber no padrão dominante. Em um horizonte que valoriza o corpo magro em detrimento do gordo, é interessante questionar o sentido da escolha lexical feita para caracterizar o corpo de Clara, que é negra e magra, e argumentar que, nesse excerto, as dimensões europeias carregam o sentido de magreza. Clara, por sua vez, mesmo sendo muito esbelta, ou seja, apesar de estar dentro do padrão de peso, tenta enaltecer as características da filha, quando vê que essa tem dificuldade em aceitar seus traços jamaicanos. Como pode ser visto no excerto exposto a seguir, mesmo que

---

<sup>55</sup> “The European proportions of Clara’s figure had skipped a generation, and she was landed instead with Hortense’s substantial Jamaican frame, loaded with pineapples, mangoes and guavas; the girl had weight; big tits, big butt, big hips, big thighs, big teeth”.(SMITH, 2001, p. 265)

<sup>56</sup> “was obsessed” (SMITH, 2001, p. 265)

Clara tente naturalizar suas raízes, Irie não se sente refletida no imaginário nacional de sua terra natal:

“(...) Como você consegue respirar? Irie, minha querida, você é vistosa... você tem o físico de uma autêntica Bowden... não percebe que é vistosa?”  
Mas Irie não sabia que era vistosa. Havia a Inglaterra, um espelho gigantesco e havia Irie, sem reflexo. Uma estranha numa terra mais estranha.<sup>57</sup> (SMITH, 2003, p. 260)

Através da aproximação entre a Inglaterra e o símbolo de um espelho que não reflete a imagem de Irie, apesar de ser gigantesco, é possível detectar a descontinuação de uma tradição étnica representada pela protagonista que, mesmo sendo inglesa, não se identifica com a imagem propagada naquele meio. O uso da metáfora, então, funciona de forma a manifestar uma crítica acerca da ironia baseada no fato de que não há uma representação justa da diversidade que forma o ocidente. Conclui-se, portanto, que Irie representa, também, a existência de muitos descendentes de imigrantes que, apesar de terem contribuído fortemente para a construção da Inglaterra como potência mundial, não se sentem representados pela atual construção discursiva desta nação. A terra natal de Irie é definida na narrativa, além da metáfora do espelho, como uma terra ainda mais estranha do que a própria protagonista pode vir a se considerar. Por isso, é possível defender a configuração, na narrativa, de uma denúncia acerca da incoerência que emerge do fato de centros hegemônicos, como a Inglaterra, não reconhecerem a participação social de indivíduos que constroem, com sua mão de obra, tais esferas nacionais.

Até esse momento da narrativa, Irie ainda não tem recursos para que consiga se libertar dos padrões dominantes de seu local de nascimento. É importante, portanto, destacar que, quando ela se aproxima de sua avó jamaicana, ela tem a chance de encontrar características compatíveis com as suas, além de elementos que explicam uma parte de sua origem que ela ainda não havia explorado propriamente. A voz narrativa, ao descrever o primeiro encontro entre Hortense e Irie nos últimos seis anos, expõe que “Irie ficou chocada com as semelhanças<sup>58</sup>” (SMITH, 2003, p. 368), que podem ser identificadas quando elas estão diante uma da outra:

Sim, Irie Jones. Seis anos mais velha do que na última vez em que se encontraram. Mais alta, mais gorda, com peitos e sem cabelo, chinelos apenas entrevistados sob um casaco de baeta comprido. E Hortense Bowden. Seis anos mais velha, mais baixa, mais gorda, com

<sup>57</sup> ‘How can you breathe? Irie, my love, you’re fine – you’re just built like an honest-to-God Bowden – don’t you know you’re fine?’ But Irie didn’t know she was fine. There was England, a gigantic mirror, and there was Irie, without reflection. A stranger in a stranger land. (SMITH, 2001, p. 266)

<sup>58</sup> “Irie was struck by the shock of sameness” (SMITH, 2001, p. 381)

peitos caídos sobre o estômago e sem cabelo (...), chinelos apenas entrevistos sob um roupão acolchoado rosa e comprido<sup>59</sup>. (SMITH, 2003, p. 368)

Como pode ser visto no excerto acima, Irie reconhece na avó feições que consegue identificar em nenhuma outra personagem na narrativa, além de si mesma. Tratam-se de características típicas da família Bowden, que funcionam, na narrativa, como elementos de subversão ao padrão estético dominante, uma vez que esse valoriza a magreza, a branquitude, dentre outros aspectos pertencentes à descendência europeia. Tais feições, focadas em elementos corporais, como a altura, o peso, o tamanho dos seios e o cabelo, parecem ser correspondentes entre avó e neta, já que a única diferença entre elas é que Irie está mais alta e Hortense está mais baixa. A partir dessa construção, em que ambas se parecem até na forma em que estão vestidas, apesar da diferença de idade de mais de seis décadas, é possível perceber que a protagonista começa a conhecer o pertencimento identitário. De forma a contextualizar a relação entre a estética corporal e a negociação identitária vivida por mulheres na atualidade, Naomi Wolf explica, em *O mito da beleza* (1992), que:

Poucas mulheres têm um sentido forte de identidade corporal, e o mito da beleza nos força a considerar uma "bela" máscara preferível aos nossos próprios rostos e corpos. A dependência e a necessidade de aprovação por parte dos outros também são determinantes. As vítimas ideais para a lavagem cerebral são pessoas que não têm "nenhuma... organização ou ocupação com as quais se sintam firmemente identificadas". (WOLF, 1992, p. 166)

Curiosamente, o que leva Irie a recorrer à Hortense, com quem não mantinha um relacionamento sólido por causa da desavença entre sua mãe e avó, é sua vontade de “tirar ‘meio ano de férias’ no subcontinente e na África (...), o que conduziu a três meses de uma guerra aberta entre ela e Clara<sup>60</sup>” (SMITH, 2003, p. 363). É possível captar, então, que existem iniciativas por parte da protagonista, por mais inconscientes que sejam, de aproximar-se de meios ou de pessoas que representem sua afrodescendência, de forma a encontrar uma forte identificação étnica.

---

<sup>59</sup> It was Irie Jones all right. Six years older than the last time they met. Taller, wider, with breasts and no hair and slippers just visible underneath a long duffle coat. And it was Hortense Bowden. Six years older, shorter, wider, with breasts on her belly and no hair (...) and slippers just visible underneath a long, padded baby-pink housecoat. (SMITH, 2001, p. 381)

<sup>60</sup> “To take a ‘year off’ in the subcontinent and Africa, (...) which led to three months of open warfare between her and Clara.” (SMITH, 2001, p. 376)

Uma vez iniciado o processo de identificação de origens, que é possibilitado graças ao contato entre Irie e Hortense, portanto, a protagonista tem mais oportunidades de conquistar uma negociação identitária substancial. Estando mais ciente da formação de sua identidade como mulher anglo-caribenha e imigrante de segunda geração, a protagonista começa a manifestar a formação de um ponto de vista crítico sobre a condição humana/social no contexto globalizado. A partir do décimo quinto capítulo da narrativa, intitulado *Chalfenismo versus bowdenismo*<sup>61</sup>, Irie começa a mudar seu comportamento, descontinuando expectativas impostas sobre ela até então: sua paixão por Millat se transforma em breves conversas com esse, sua admiração pela família Chalfen dá espaço a momentos pontuais de interação com Joshua e Marcus, e ela passa a ver os pais apenas nos finais de semana, enquanto passa os dias da semana com Hortense (SMITH, 2003, p. 385)<sup>62</sup>. É possível identificar o processo de absorção de referências de suas origens étnicas em passagens como:

Ela reivindicou o passado - a versão dela do passado - agressivamente, como quem retira uma correspondência entregue em endereço errado. Então era dali que ela vinha. Tudo aquilo pertencia a ela, por direito hereditário, como um par de brincos de pérola ou um título do correio. Um xis marca o local, e Irie pôs um xis em cada coisa descoberta, reunindo uma miscelânea de objetos (certidões de nascimento, mapas, relatórios militares, notícias) e guardando-os embaixo do sofá, para que, como se por osmose, a suculência deles atravessasse o tecido e a penetrasse enquanto ela dormia<sup>63</sup>. (SMITH, 2003, p. 386)

Através de afirmações da voz narrativa acerca da protagonista, que confirmam que ela apropria-se agressivamente de informações sobre suas raízes, além de observações sobre a forma como ela reconhece seu pertencimento étnico, é viável compreender que Irie amplia a compreensão de sua própria identidade racial<sup>64</sup>. Uma vez que a protagonista começa a legitimar e a assimilar tais referências, o que possibilita um maior estabelecimento e valorização de sua identidade como mulher negra, é possível encontrar passagens em que seu pensamento revela indícios de empoderamento racial, como pode ser visto em um momento em que ela decide desvincular-se de

---

<sup>61</sup> Chalfenism versus Bowdenism

<sup>62</sup> (SMITH, 2001, p. 399)

<sup>63</sup> She laid claim to the past – her version of the past – aggressively, as if retrieving misdirected mail. So *this* was where she came from. This all *belonged* to her, her birthright, like a pair of pearl earrings or a post office bond. X marks the spot, and Irie put an X on everything she found, collecting bits and bobs (birth certificates, maps, army reports, news articles) and storing them under the sofa, so that as if by osmosis the richness of them would pass through the fabric while she was sleeping and seep right into her. (SMITH, 2001, p. 400)

<sup>64</sup> No sentido da compreensão que a personagem tem de si como mulher negra. É válido ressaltar que a questão racial é apenas uma das dimensões que compreendem o complexo fenômeno da questão identitária.

Joyce: “Era muito terapêutico desligar Joyce. Não que isso fosse totalmente pessoal. Só que, de repente, pareceu cansativo e desnecessário esse esforço para extrair algo do recalcitrante solo inglês<sup>65</sup>” (SMITH, 2003, p. 388). A partir desse momento, a voz narrativa articula, através do discurso indireto livre e do discurso indireto, reflexões acerca do local de origem de Irie, que parecem expressar a concepção que essa passa a ter sobre a Jamaica, como pode ser visto em:

Por que se importar quando agora havia esse outro lugar? (Pois, para Irie, Jamaica parecia recém-criada. (...)) Esse lugar bem provido de mata e água. Onde as coisas brotavam do solo desenfreadamente e sem supervisão, e onde um jovem capitão branco podia se encontrar com uma jovem negra sem complicações, ambos inexperientes, imaculados e sem passado ou futuro prescrito - um lugar em que as coisas simplesmente *existiam*. Sem ficções, sem mitos, sem mentiras, sem teias emaranhadas - assim Irie imaginava sua pátria. Porque *pátria* é uma das palavras de fantasia mágica, como *unicórnio*, *alma* e *infinito*, que agora fazem parte da língua. E a mágica especial da *pátria*, o fascínio especial que exercia sobre Irie, era que soava como um começo<sup>66</sup>. (SMITH, 2003, p. 388)

Nesse excerto, é possível compreender a forma como a protagonista interpreta o espaço de onde veio sua linha materna, em adição ao que a voz narrativa problematiza em relação à ilusão da concreticidade da concepção geral sobre a pátria. Elisabeth Howland (2009, p. 41) argumenta que as tentativas de mudança de Irie refletem o estado de estar constantemente “dentro” e “fora” de um local que representa pertencimento, seja ele qual for. A autora da tese, que busca mostrar como a performatividade funciona em concomitância com a busca de um “eu” autêntico, destaca (2009, p. 54- 55) que a protagonista se empodera ao aproximar-se da figura da avó, ao passo que mostra as falhas da performatividade de normas estabelecidas quando corresponde às expectativas sociais tradicionais - como faz Clara, sua mãe. Nos excertos previamente destacados, identifica-se um posicionamento crítico, irônico e definido acerca de verdades estabelecidas e validadas pelos detentores do poder discursivo. Mesmo que apresente uma concepção romantizada do seu local de origem, é possível que Irie já tenha alcançado, até esse momento específico da narrativa, um maior entendimento relacionado às hierarquias raciais e culturais. Inclusive, o que antes era expresso

---

<sup>65</sup> “It was quite therapeutic switching Joyce off. This was not entirely personal. It just seemed tiring and unnecessary all of a sudden, that struggle to force something out of the recalcitrant English soil.”(SMITH, 2001, p. 402)

<sup>66</sup> Why bother when there was now this other place? (For Jamaica appeared to Irie as if it were newly made. Like Columbus himself, just by discovering it she had brought it into existence.) This well-wooded and watered place. Where things sprang from the soil riotously and without supervision, and a young white captain could meet a young black girl with no complications, both of them fresh and untainted and without past or dictated future – a place where things simply were. No fictions, no myths, no lies, no tangled webs – this is how Irie imagined her *homeland*. Because homeland is one of the magical fantasy words like *unicorn* and *soul* and *infinity* that have now passed into the language. And the particular magic of *homeland*, its particular spell over Irie, was that it sounded like a beginning. (SMITH, 2001, p 402)



como uma grande paixão pela família, que representa a tradição da burguesia inglesa, a partir desse momento, se transforma em uma relativização de tal valor, já que a Jamaica, para Irie, parece ser muito mais fascinante.

Assim, de forma a viabilizar novos lugares de fala historicamente silenciados pelas tendências e valorizações hegemônicas, os excertos anteriormente expostos figuram momentos de um empoderamento não estritamente racial conquistado pelas protagonistas, após estágios de submissão e de questionamento de tais padrões. Retomando a afirmação de Ribeiro (2019, p. 27-28), destacada ao início deste subcapítulo, é apropriado afirmar que Smith e Adichie trabalham a favor da construção de uma estética que descontinua uma ditadura de valores imperiais forçados sobre a malha de percepção social de países que passaram por uma colonização. Ademais, ao ficcionalizar protagonistas como Irie e Ifemelu, respectivamente, as autoras contribuem para uma nova compreensão de valores éticos, étnicos e estéticos na contemporaneidade.

As protagonistas em questão, portanto, durante suas trajetórias como mulheres imigrantes de primeira e segunda geração, revelam diferentes estágios de questionamento de preceitos dominantes, que culminam em diferentes formas de emancipação. Ao captar o que é narrado acerca das experiências das protagonistas, o leitor tem a chance de atualizar malhas de sentido historicamente tidas como verdadeiras e legítimas, apesar de seu caráter discriminatório e excludente.



#### 4 DIMENSÕES CULTURAIS

Nas narrativas em questão, existem diversos momentos de contato entre as protagonistas analisadas e outros indivíduos ou grupos pertencentes à parcela dominante no sentido racial e econômico, principalmente. A análise das relações interpessoais das protagonistas auxilia na reflexão sobre a representação da mulher negra inserida nos fluxos migratórios. Mais especificamente, a simbolização dessas relações pode revelar uma parcela do papel desempenhado pelas figuras de Irie e Ifemelu na fragmentação de paradigmas hierárquicos no quesito cultural, visto que, a partir deste contato, algumas verdades absolutas que partem do discurso colonial podem ser expostas. Além disso, é possível observar como as protagonistas dialogam - estando inseridas, questionando ou resistindo à norma - com o estabelecimento desses valores. Como observa o autor John Berry (2004, p. 29), o contexto separado que constitui a formação daqueles que migram gera uma situação de aculturação que, para que seja bem-sucedida, precisa atingir a integração.

Uma vez que este é um processo que "requer constantes negociações, dar e receber, baseada em conhecimento mútuo, confiança, segurança e respeito" (BERRY, 2004, p. 29), são perceptíveis os momentos em que as protagonistas não obtêm esse reconhecimento. Na esteira do que argumenta Berry e dada a diferença de gerações no quesito da imigração que envolve as protagonistas analisadas, é válido destacar que, no caso de imigrantes de primeira geração, há um processo integrativo, com uma negociação entre culturas, enquanto um afastamento da tradição é mais comum no caso de descendentes de imigrantes. Por isso, em *Americanah* (2013), essa troca parece ser mais fluida, visto que Ifemelu é imigrante de primeira geração, em comparação ao que acontece em *White Teeth* (2001), visto que, pela maior exposição à cultura de seu país de nascimento, Irie se encontra distante da cultura Jamaicana, em um primeiro momento.

Além da percepção da existência desses estágios, a representação da hierarquia cultural permite a ressignificação de valores culturais. A partir disso, é argumentável que o olhar externo a tais relações pode funcionar a favor da identificação de um percurso que objetiva definir identidades culturais legítimas em sua singularidade e resistentes à estigmatização.

Entretanto, este olhar externo também pode carregar consigo hierarquias culturais inerentes ao local de fala do sujeito que analisa, mesmo que objetive subverter a normativa imperial e dominante. Com o intuito de evitar a perpetuação de princípios excludentes, portanto, é assumido

o horizonte teórico de Terry Eagleton, para dialogar com o conceito de cultura no contexto do Pós-Modernismo, e de Sten Pultz Moslund, que chama atenção para a interpretação de esquemas híbridos que considerem a fluidez não-binária de influência cultural na arte. O primeiro, ao retomar no *A Ideia de Cultura* (2003), a perspectiva de Johann Gottfried Herder, destaca que a cultura “não designa qualquer narrativa grandiosa e unilinear da humanidade universal, mas uma diversidade de formas de vida específicas, cada uma das quais com as suas próprias leis de evolução” (EAGLETON, 2003, p. 24). O segundo, em *Migration Literature and Hybridity: The Different Speeds of Transcultural Change* (2010), tenta aproximar polos dicotômicos para mostrar um terceiro espaço, o que pode justificar o percurso das protagonistas em busca do estabelecimento de uma identidade cultural.

Eagleton expõe que “em muito do pensamento pós moderno, o pluralismo surge, nesse contexto, estranhamente relacionado com a auto-identidade” (2003, p. 28), além de abordar a questão cultural diante das diferentes classes sociais (EAGLETON, 2003, p. 31-32). A exposição auxilia na compreensão do peso da questão da representação da diversidade, ao abordar o trajeto pela busca identitária na atualidade, enquanto a conscientização acerca da classe social está relacionada com o *lócus* de enunciação da perspectiva em questão. Por isso, o posicionamento do autor contribui significativamente para o presente estudo, visto que expõe a relação entre a concepção cultural a depender do local de fala (RIBEIRO, 2017) do sujeito analisado.

Dessa forma, para compreender a construção identitária simbolizada pelas protagonistas Irie e Ifemelu, é pertinente considerar a interferência do contexto social na determinação de um nicho cultural. Lembrando que o conhecimento da multietnia deve reconhecer a luta do movimento migratório, ao invés de compreendê-la como algo que se pode romantizar, é pertinente aproveitar o que afirma Jeffrey Santa Ana (2004). Mesmo centrando sua pesquisa na condição do imigrante asiático, seu estudo pode contribuir para a compreensão da construção identitária analisada nesta pesquisa, visto que o autor argumenta de forma a mostrar a interferência da premissa do consumo na negociação por pertencimento na atualidade. Além disso, Santa Ana (2004, p. 20) explica que o apagamento de evidências que reforçam a diferença, seja ela étnica, sexual ou de gênero, e a interferência da assimilação cultural baseada no consumo podem estar relacionadas a um descentramento da identidade. De maneira interessante, este descentramento identitário, categorizado pelo autor como esquizofrênico, pelo apagamento de relações sociais que compreendem a diferença e pela transformação dessas em uma sociedade baseada na assimilação

do consumo (2004, p. 20), pode estar relacionado com seu reflexo ao olhar do outro, se este outro for reconhecido e, assim, contribuir para sua definição. Isto possibilita a aproximação de suas ideias com as de Eagleton, visto que esse explica que a ideia de cultura, enquanto verdadeira civilização, perde credibilidade à medida que o capitalismo industrial evolui (2003, p. 34).

Por isso, é possível compreender mais claramente o nível de interferência que o olhar externo exerce sobre o sujeito em estado de negociação identitária. Esse sujeito, estando inserido no contexto dos fluxos migratórios, tem uma intensificação dos efeitos deste olhar e pode sofrer, em alguma medida, uma dissociação de uma identidade que poderia significar pertencimento. As argumentações dos autores supracitados permitem a compreensão da influência de interesses comerciais na consolidação de uma malha cultural que, por sua vez, guia o percurso pessoal por um empoderamento identitário. O autor David Palumbo-Liu afirma que a construção social da identidade sempre acontece em um contexto marcado por relações de poder (2000, p. 769). Visto que relações de poder são determinadas por detentores de poder discursivo, principalmente, é argumentável que interesses econômicos têm o poder de moldar a construção da identidade na atualidade. Além de abordar a diferença entre identidades individuais e tipos sociais, o autor explica a existência de uma normatividade comportamental, conseqüente da propensão à criação de um modelo para pessoas estigmatizadas feito pela massa dominante (2000, p. 774-775). Estas narrativas pré-definidas do ser, que tentam reger a negociação identitária, resultam de relações desiguais que não contemplam a diferença e podem ser identificadas nas narrativas analisadas.

Dessa forma, para compreender a figuração feminina na obra de Smith (2001) e Adichie (2013), é preciso identificar os pontos de intersecção cultural e, então, verificar a existência de relações hierárquicas entre os representantes das culturas em contato. Também, é preciso atentar para o local de fala das personagens em questão, para considerar possíveis manifestações do interesse capitalista como forma de direcionar a formação de valores entre as personagens das narrativas analisadas. Como são considerados momentos de contato entre as protagonistas e símbolos da família tradicional de seus respectivos locais de inserção, é possível identificar relações hierárquicas de classe. Essas, que envolvem não apenas diferenças econômicas, mas também culturais, provocam distintas reações das representantes do grupo minoritário diante da representação de uma proposta discursiva de heterogeneidade nacional. Se a identidade é fruto de interações, a discriminação cultural, especialmente baseada em valores econômicos, representa um obstáculo para o percurso por autoconhecimento e estabelecimento social.

Moslund (2010), ao problematizar o conceito de hibridismo, desconstrói o tom de celebração que envolve as produções transculturais, o que concorda com o que é defendido por Santa Ana (2004), quando esse discorre sobre o uso da diferença racial com o intuito de comercializar o sentimento humano. Esse, ao questionar a diferença entre a assimilação guiada pela ansiedade e o consumismo, prevê um processo dialético do qual surge uma identidade formada pela emoção (2004, p. 25). Portanto, o estudo das maneiras de administração das formas de representação cultural em questão, é interessante para que se compreenda a busca por pertencimento cultural de Irie e Ifemelu sem que haja uma tendência à exotização. Com o intuito de respeitar a alteridade de sentido, é pertinente considerar um crivo teórico que contemple a individualidade do Outro, visto que esse Outro não pode ser simplificado por um molde étnico.

A respeito da arena de discurso que é a literatura, é válido destacar o que observa Moslund, visto que ele exhibe a luta pelo poder discursivo e questiona perspectivas absolutas. De acordo com o autor (MOSLUND, 2010, p. 11), o romance que apresenta uma confluência cultural impulsiona uma reflexão em que há um dialogismo que conecta mundos claramente heterogêneos àqueles supostamente puros. Compreende-se, então, a importância da não fixação do sentido, pois não há sentido que se possa fixar. Não se trata de mostrar um sentido ou essência específicos, mas processos e percursos constantemente mutantes do sentido. Questionar e subverter tentativas ou representações da fixação do sentido, pode ser, portanto, uma forma de ressignificar verdades estáticas e que influenciam intensamente na busca identitária. Em concordância com o que é defendido por Palumbo-Liu, ao afirmar que “rather than to place the responsibility for moving beyond ethnicity on ethnic and racial minorities, it would be better to respect the dialectical engagement of race and ethnicity across multiple tableaux”<sup>67</sup> (PALUMBO-LIU, 2000, p. 777), é relevante observar o diálogo multiétnico apresentado nas construções ficcionais em detrimento à associação de tal responsabilidade como algo que pertence unicamente às minorias. O exercício, portanto, de percepção de relações culturalmente hierárquicas, que perpassa a conjuntura da vida real e da retratada nas narrativas analisadas, deve contemplar a alteridade em sua forma única e em diálogo com o meio social. Ele deve, também, considerar os interesses externos, globais e econômicos que podem interferir em uma busca identitária pessoal.

---

<sup>67</sup> “ao invés de colocar a responsabilidade de ir além da etnicidade e de minorias étnicas, seria melhor respeitar o engajamento dialético da raça e da etnicidade em vários quadros”

Em conclusão, os rótulos formulados por valores ocidentais podem ser inevitavelmente perpetuados, porque eles ditam a movimentação da percepção. No caso de Irie e Ifemelu, entretanto, o objeto observado demonstra uma manifestação direcionada à libertação da imposição dos moldes criados pelo olhar padronizador, limitando-o e subvertendo sua significação. Diante deste cenário, nos subcapítulos subsequentes, é exposta uma sequência definida por um momento (1) de submissão à expectativa hegemônica, (2) articulação de questionamento de tal expectativa e, (3) tentativa de emancipação da opressão cultural.

No primeiro subcapítulo, são demonstrados os primeiros contatos que as protagonistas têm com famílias representantes do ideal tradicional de seus respectivos locais de origem. Diante disso, são analisados, no segundo subcapítulo, comportamentos que partem da perspectiva das protagonistas e que problematizam a perpetuação de valores conservadores e culturalmente dominantes. Por fim, no terceiro subcapítulo, há a consideração de uma fragmentação de moldes homogeneizantes, visto que as protagonistas subvertem a expectativa pautada em hierarquias nacionais e culturais, e ressignificam suas próprias narrativas identitárias. De forma a dialogar com o que é afirmado pelos teóricos supracitados, o estudo da procura por emancipação de princípios culturais engessados, referente à figura da mulher negra e imigrante, em *White Teeth* (2001) e *Americanah* (2013), tenta identificar possíveis influências da narrativa da superioridade cultural ocidental na conduta analisada e, portanto, na formação identitária dessas personagens.

#### 4.1 SUBMISSÃO

Com uma representação de vivências em que a busca por pertencimento social é um processo turbulento por ser sensível a várias formas de discriminação, como as das protagonistas de Adichie (2013) e Smith (2001), estas criações ficcionais assemelham-se em mais um quesito. Diante de um contato com famílias cujo perfil corresponde ao padrão dominante e ocidental, elas, que não se enquadram nos padrões de vida social pertencentes à parcela hegemônica, precisam assimilar elementos culturais distintos, com o objetivo de aumentar suas chances de inserção social, em suas respectivas diegeses. Através da construção de tais contatos, há um efeito que impulsiona a reflexão acerca da subversão de hábitos e princípios alinhados com opressões de classe, raça e gênero, uma vez que esses podem ser percebidos em diversos níveis, durante o contato delas com as famílias. Neste estágio da análise, é possível constatar que, na percepção de momentos de

exclusão e subversão, a intersecção entre opressões de raça e de gênero também se faz presente na compreensão da relação intercultural representada nos romances em questão.

Irie e Ifemelu, que não vêm a conhecer essas famílias por casualidade, representam, dessa forma, elementos facilitadores para a compreensão de manifestações bastante sutis de diversas formas de discriminação. É pertinente notar o papel da literatura na compreensão de maneiras de oprimir que poderiam passar despercebidas no ritmo acelerado do cotidiano. No caso de Ifemelu, estas configurações de discriminação tendem a ser exibidas juntamente com uma reação mais consciente e subversiva a partir da protagonista. No caso de Irie, a reação formada que acompanha Ifemelu, que é bem mais velha no tempo ficcional, dá lugar a uma maturação longa e não-linear. Além disso, Irie não tem um entendimento tão claro do impacto dos fluxos migratórios em sua existência, por não ter, ainda, emigrado da Inglaterra. É válido lembrar que uma das diferenças centrais entre as protagonistas analisadas é que Ifemelu vive, durante sua experiência migratória, uma busca identitária, enquanto Irie sempre sentiu o deslocamento identitário que afeta filhos de imigrantes, mesmo sem ter saído de seu local de nascimento. Ademais, essas narrativas, ao denunciarem tais configurações, apresentam ao leitor diversos elementos e justaposições culturais.

Visto que a criticidade direcionada à figura das famílias tradicionais dos respectivos países representantes da hegemonia acompanha um diálogo constante com as raízes das protagonistas, também é semelhante entre as narrativas a menção de elementos das culturas marginalizadas. É pertinente observar que, em ambos os casos, as famílias tradicionais são formadas por pessoas com formação acadêmica, que têm amplo acesso à informação e participação em meios sociais compartilhados por sujeitos convenientemente brancos e pertencentes à classe alta. Apesar do considerável conhecimento e preparo das famílias tradicionais em questão, essas têm um papel central em provocar o desconforto das protagonistas e, conseqüentemente, do leitor, pela discriminação velada - até certa medida - em suas interações com as personagens imigrantes. Em outras palavras, uma oportunidade é criada para que os princípios discursivamente construídos como corretos dentro de uma sociedade padrão sejam questionados. Além disso, é viabilizada mais uma forma de percepção de valores que, na realidade, são bastante opressivos, mesmo que difundidos de maneiras relativamente sutis.

É possível identificar nas narrativas diversas formas de discriminação, a partir das circunstâncias que levam as protagonistas a entrar em contato com famílias tradicionais das culturas de cada país de assentamento. Esses eventos acontecem não porque a convivência de



Ifemelu e de Irie com essas famílias é comum e/ou frequente, mas por distintas circunstâncias de necessidade. Por isso, é importante reiterar que, como estão intimamente interligadas, uma configuração específica de opressão tenderá a revelar demais comportamentos opressivos. O contato de Irie e Ifemelu com as famílias representantes da cultura hegemônica, nas duas narrativas, é construído por eventos anteriores que configuram uma certa obrigatoriedade de tal contato.

Por isso, será preciso analisar, em certa medida, alguns eventos que permeiam a existência destes contatos em questão, com as famílias. Em um contexto mais maduro, Ifemelu precisa interagir com o meio familiar tradicional americano com interesses profissionais não oficiais, enquanto Irie, em um contexto colegial, conhece a família Chalfen como meio de punição pedagógica. Existe, portanto, a evolução de dois processos de maturação bastante peculiares e importantes e que são engatilhados por ou que envolvem o contato com representantes das culturas dominantes. Nesse caso, esses representantes são configurados no formato de estruturas familiares que, embora difiram no número de filhos, ainda têm uma base formada por um pai homem cis, que traz o sustento financeiro principal e uma mãe mulher cis, que majoritariamente cuida dos filhos. Por proporcionar momentos de questionamento e subversão nas protagonistas, esses contatos, mesmo que não sejam totalmente agradáveis para elas, representam uma etapa fundamental em suas particulares buscas identitárias.

No caso de Ifemelu, que vai aos Estados Unidos por ter sido agraciada com uma bolsa parcial de estudos de uma universidade na Filadélfia, é urgente buscar sustento financeiro. Entretanto, uma vez que ela tem apenas o visto de estudante, não é permitido que ela trabalhe oficialmente. Por isso, ela busca maneiras informais de trabalho, como cuidadora de idosos, de crianças ou como atendente, por exemplo. Depois de variadas e frustrantes tentativas para vagas de emprego, a constante opressão racista e sexista resultante dessas rejeições é bastante impactante para ela, o que contribui para o desenvolvimento de um quadro depressivo. É importante ressaltar que a opressão que se manifesta nesse momento de tentativa da nigeriana de inserção ao mercado de trabalho americano é motivada pelo fato da personagem ser mulher, negra e estrangeira, o que configura uma opressão interseccional cultural, racista e sexista<sup>68</sup>.

---

<sup>68</sup> Patricia Hill Collins (2000, p. 227-228) explica que, com uma sólida base de intersecções de opressão, um sistema de dominação é estabelecido. Mesmo que o estudo de Collins se concentre na experiência de mulheres afro-americanas, as ideias apresentadas pela autora são extremamente válidas para a presente pesquisa, visto que as personagens analisadas ratificam a existência de um “matrix de dominação”.

Através da percepção acerca da questão da saúde mental da protagonista, que se apresenta comprometida como um reflexo da situação em que ela se encontra, emergem posicionamentos que apontam estereótipos culturais. A amiga nigeriana de Ifemelu tenta alertá-la a respeito de sua condição, porém a primeira reação da protagonista é resistir à impressão de Ginika. Neste momento da narrativa, é possível conhecer a opinião da protagonista, além da percepção de uma internauta congoleza sobre a depressão:

Depressão era algo que acontecia com os americanos, com sua necessidade egocêntrica de transformar tudo numa doença. Ela não estava com depressão; estava apenas um pouco cansada e um pouco lenta. “Não estou com depressão”, disse. Anos mais tarde, escreveria sobre isso no blog: “Sobre negros não americanos sofrendo de doenças cujo nome se recusam a saber”. Uma congoleza havia escrito um longo comentário em resposta: ela tinha se mudado de Kinshasa para Virgínia e, quando já estava na faculdade fazia meses, começara a sentir tontura de manhã, o coração aos pulos como se estivesse tentando escapar do peito, o estômago embrulhado, os dedos dormentes. Foi ao médico. E mesmo tendo marcado “sim” em todos os sintomas descritos no cartão que ele tinha lhe dado, recusou-se a aceitar o diagnóstico de síndrome do pânico, porque síndrome do pânico era coisa de americano. Ninguém em Kinshasa tinha síndrome do pânico. Não era que chamasse aquilo de outro nome, não chamavam de nada. Será que as coisas só começavam a existir quando ganhavam um nome?<sup>69</sup> (ADICHIE, 2014, p. 172-173).

No excerto exposto acima, através do uso do discurso indireto livre, há uma aproximação significativa entre a voz narrativa e a focalização da personagem, o que flexibiliza a compreensão em relação ao que é enunciado por aquela e ao que é construído como pensamento dessa. A afirmação que define a depressão como algo que só acontece com americanos é seguida de outras orações que demonstram o pensamento da protagonista acerca da doença. As orações “Ela não estava com depressão; estava apenas um pouco cansada e um pouco lenta” demonstram que ela está emocionalmente envolvida em demasia com a circunstância e, por isso, está incapaz de compreender a situação com sobriedade suficiente. Esse fato se confirma, principalmente, pela sequência de fatos configurada nesse excerto, que revela que, anos mais tarde, a protagonista

---

<sup>69</sup> Depression was what happened to Americans, with their self-absolving need to turn everything into an illness. She was not suffering from depression; she was merely a little tired and a little slow. “I don’t have depression,” she said. Years later, she would blog about this: “On the Subject of NonAmerican Blacks Suffering from Illnesses Whose Names They Refuse to Know.” A Congolese woman wrote a long comment in response: She had moved to Virginia from Kinshasa and, months into her first semester of college, begun to feel dizzy in the morning, her heart pounding as though in flight from her, her stomach fraught with nausea, her fingers tingling. She went to see a doctor. And even though she checked “yes” to all the symptoms on the card the doctor gave her, she refused to accept the diagnosis of panic attacks because panic attacks happened only to Americans. Nobody in Kinshasa had panic attacks. It was not even that it was called by another name, it was simply not called at all. Did things begin to exist only when they were named? (ADICHIE, 2013, p. 119)

escreveria sobre o assunto, tendo ressignificado sua própria experiência. A exposição da dinâmica resultante do compartilhamento de uma elaboração textual contendo sua vivência e a resposta obtida através deste compartilhamento, retifica que, de fato, doenças mentais não acometem apenas americanos. Ademais, a iniciativa de Ifemelu de publicar um texto com sua experiência demonstra que o que ela precisava para compreender-se era nomear e, portanto, legitimar, uma realidade. Confirmando o que defende Djamila Ribeiro (2017, p. 24) e, com a ajuda da percepção da correspondente congoleza, a focalização de Ifemelu mostra que é possível despertar para melhorias para a realidade, se soubermos nomeá-la.

Assim, uma ideia inicialmente tendenciosa foi desenvolvida de uma forma a ser ressignificada, mostrando que todos podem formar preconceitos, da mesma forma como podem se permitir subverter estereótipos. A estratégia de aproximação entre a voz narrativa e a voz de Ifemelu permite ao leitor sentir uma possível configuração de pensamento da personagem principal, o que fortalece a captação de uma maturação em relação ao problema em questão. Por isso, compreende-se que, no excerto previamente exposto, há, possivelmente, a exposição de um movimento de submissão, seguido de questionamento e que culmina em uma subversão da norma imposta à protagonista. Primeiramente, há um momento de submissão ao sistema econômico americano, visto que a protagonista desenvolve uma condição de saúde mental precária, causada pelo contexto cultural como um todo: ela está no país para melhorar sua formação, porém impedida de trabalhar formalmente e suas tentativas de interação social são traumatizantes pelo contexto racista e sexista.

A elaboração dessa circunstância prepara a captação da opressão presente não apenas nas relações sociais, mas no quesito responsabilidade governamental. O sistema é tão intensamente construído sobre princípios capitalistas e ocidentais, que não prevê que alunos estrangeiros precisarão procurar por formas de sustento, tampouco a dificuldade que imigrantes vindos de países socialmente marginalizados terão para encontrar trabalho informal. Então, mesmo que muitos eventos sejam necessários para explicar a evolução do pensamento de Ifemelu em relação à realidade americana construída na diegese, há, nesse excerto em questão, uma passagem do tempo indicada pelas escolhas lexicais “anos mais tarde”. A partir dessa separação temporal e da afirmação da iniciativa da protagonista de escrever sobre o assunto, é possível captar um movimento de ressignificação do que lhe ocorreu, dada sua disposição em expor sua experiência na internet. Este movimento de ressignificação, além de carregar problematizações ecoantes que

acompanham a interação com a personagem congoleza, pode ser confirmado pelo efeito de questionamento que reverbera no leitor, ao perceber a compreensão de Ifemelu acerca de sua própria experiência.

Além disso, a impressão da protagonista sobre a conexão entre a depressão e o povo americano permite ao leitor refletir acerca da realidade social contemporânea, no que diz respeito ao impacto do sistema econômico e consequentes patologias. A busca por uma colocação profissional, que já é árdua e competitiva para pessoas que estão habituadas a um sistema cultural específico, torna-se ainda mais conturbada para personagens como Ifemelu. As escolhas autorais de incluir esse tipo de contexto em suas respectivas narrativas permitem ao leitor perceber as diferentes formas de opressão que se situam na experiência da mulher negra que vive a transculturalidade. A construção desse tipo de contato intercultural, típico em grandes centros urbanos e permeado de rejeições não apenas constantes, mas também discriminatórias, são sentidas pela protagonista ao tentar estabelecer-se socialmente no contexto ocidental e capitalista. A perspectiva de Ifemelu é relevante, pois, além de mostrar os efeitos do sistema ocidental na saúde mental do indivíduo contemporâneo, é construída como um ponto de vista estrangeiro/exterior ao contexto em questão e, portanto, sóbrio e preciso.

Antes que pudesse perceber o estado emocional da amiga, porém, Ginika faz o intermédio, para Ifemelu, de uma oportunidade de trabalho como *babysitter* das crianças de uma família tradicional americana, em que a contratação não seria oficialmente registrada. O contato da nigeriana com essa família gera momentos de choque intercultural, que podem significar a ressignificação de diversos parâmetros culturais limitados a valores conservadores. Por isso, é importante ressaltar que o próximo excerto a ser analisado é exposto, na narrativa, previamente ao que expõe o quadro depressivo da protagonista. Esse intervalo na linearidade da exposição dos eventos acontece porque uma das recusas que Ifemelu recebe, e que acaba agravando a depressão, vem dessa família em questão. Em um momento posterior ao desenvolvimento do quadro depressivo, Kimberly, que representa a figura materna dessa família, volta a entrar em contato, interessada na disponibilidade de Ifemelu para o trabalho. Este fato simboliza um fator central na recuperação emocional da protagonista, o que mostra o impacto do sistema econômico e de todas as opressões que o sustentam na figura e no bem-estar mental da mulher negra e imigrante.

A apresentação de Ifemelu ao contexto familiar americano permite que seja observada a narração ácida e jocosa que descreve a casa e os membros dessa família americana, atentando para

as diferenças de classe e de raça. Ginika e Ifemelu, depois de entrarem na “casa cuja riqueza era ostensiva<sup>70</sup>” (ADICHIE, 2014, p. 160), conhecem Kimberly e Laura, sua irmã. As primeiras impressões tidas sobre as irmãs, ainda no momento de primeiras introduções, mostram uma atenção voltada para a estrutura corporal das irmãs, além da riqueza material que as cerca. Ao abrir a porta, Kimberly aparece,

esguia e sem curvas, e ergueu ambas as mãos para tirar os espessos cabelos dourados da frente do rosto, como se fosse impossível para apenas uma delas dar conta de todas aquelas madeixas.

“Que prazer conhecer você”, disse para Ifemelu, sorrindo, quando a cumprimentou com uma mãozinha ossuda e frágil. Com seu suéter dourado marcando uma cintura surrealmente pequena, seu cabelo dourado e sua sapatilha dourada, ela parecia improvável como a luz do sol. [...] “Oi”, disse Laura. Ela era tão magra, reta e loura quanto Kimberly.<sup>71</sup>(...) (ADICHIE, 2014, p. 160)

Desse excerto, é possível perceber que o espaço é desenvolvido através da repetição do adjetivo “dourado”, que representa sucesso e riqueza. A caracterização da mulher branca, que também é feita através de elementos dourados, remete, além disso, a uma ideia de fragilidade. É possível perceber, então, a indicação de um contexto em que há riqueza material e, ao mesmo tempo, fragilidade. Dessa forma, o leitor pode ser levado a suspeitar que a abundância de recursos materiais não seja sinônimo genuíno de força e prosperidade e que diversas formas de fragilidade habitam os mais impecáveis e desejáveis espaços. A acidez na verbalização da percepção da protagonista em relação às figuras representantes de mulheres pertencentes ao padrão ocidental indica que Ifemelu tem certa sensibilidade para sistemas de dominação. O comportamento da protagonista nigeriana que, diferentemente de heroínas clássicas, não se encanta superficialmente pela riqueza material, fragmenta a expectativa criada em torno da protagonista e convida o leitor a questionar princípios patriarcais e padrões de gênero. Diferentemente de Irie, Ifemelu parece carregar uma consciência muito mais vívida acerca de imposições dominantes desde antes de sua experiência migratória. Irie, por sua vez, evolui sua compreensão mais intensamente ao longo da narrativa.

<sup>70</sup> “a house that announced its wealth” (ADICHIE, 2013, p. 110)

<sup>71</sup> She was slim and straight, and raised both hands to push her thick golden hair away from her face, as though one hand could not possibly tame all that hair. “How nice to meet you,” she said to Ifemelu, smiling, as they shook hands, her hand small, bony-fingered, fragile. In her gold sweater belted at an impossibly tiny waist, with her gold hair, in gold flats, she looked improbable, like sunlight.

“Hi,” Laura said. She was as thin and straight and blond as Kimberly. (ADICHIE, 2013, p. 110-111)

Paralelamente, em *White Teeth* (2001), Irie entra em contato com os Chalfen, a família tradicional da burguesia inglesa, embora esse contato não tenha sido inicialmente motivado por motivos profissionais. Como correção de conduta por terem sido flagrados com droga ilícita dentro da escola, Irie e Millat devem cumprir um programa de estudos de dois meses com a família de Joshua Chalfen - que não é amigo dos dois, porém também acaba envolvido no problema por sentir atração por Irie. A medida é vista pelo diretor como uma grande oportunidade para os filhos de imigrantes, já que ele não compreende as dificuldades circunstanciais que atrasam o desempenho escolar destes. De forma a evidenciar o contraste entre a longa tradição dos Chalfen e a instabilidade presente nas famílias de imigrantes, uma hierarquia pode ser observada, dada a fragmentação que caracteriza a configuração dos Jones e Iqbal.

Essa hierarquia, além de ser estabelecida sobre princípios eurocêntricos e patriarcais, se baseia na dificuldade que muitos imigrantes recentes têm de reconstruir um grande legado familiar em um local específico. Sem um histórico de existência bem conhecido e preservado, os imigrantes de origens marginalizadas são prejudicados no quesito da negociação identitária, visto que a noção de pertencimento nacional está intensamente ligada a uma manutenção de princípios específicos e tradicionalmente preservados. Enquanto o processo migratório que formou os Chalfen aconteceu muito antes dos que formaram as famílias dos Jones e Iqbal, de forma a estabelecê-los há muito mais tempo nas terras Inglesas, a fragmentação que acompanha o turbulento processo migratório dos imigrantes jamaicanos e bengalis parece contribuir para a figuração do tempo, na narrativa. Dessa forma, a hierarquia delineada na narrativa de Smith (2001), além de denunciar a configuração de uma noção de superioridade da cultura hegemônica inglesa em relação às demais colonizadas, expõe a dificuldade geral de compreender identidades culturais diversas como sendo reciprocamente influenciadoras e criadoras.

As noções de superioridade e inferioridade - não apenas culturais, mas também de gênero e de raça - que permeiam a interação entre as famílias de Irie, Millat e Joshua, respectivamente, os Jones, os Iqbal e os Chalfen, são constante na narrativa. Ela oportuniza a percepção de possíveis maneiras de configuração de opressões e os reflexos de tais mundividências (REIS, 2013, p. 56) na negociação identitária de Irie como jovem imigrante de segunda geração. Quando Irie e Millat vão pela primeira vez à casa dos Chalfen, há um contato imediato com a família inteira. As observações sexistas de Marcus, o pai, a respeito do gênero e da aparência da protagonista, além das sensações desta acerca de tal recepção podem ser vistas no seguinte excerto:

[...] Como eu estava dizendo ao Josh, esses são os amigos dele mais bem-apegoados que vimos até hoje! Em geral, são pequenos e mirrados, tão hipermetropes que são míopes, e com pé torto. E *nunca* fêmeas. Bom! - prosseguiu Marcus com regozijo, ignorando a cara de espanto de Joshua. - Foi muito bom você ter aparecido. Estamos procurando uma mulher que case com o velho Joshua... - Marcus parara nos degraus do jardim, admirando muito abertamente os seios de Irie. [...] Bom... - Marcus se calou, esperando Joyce voltar do jardim, tirar as luvas, cumprimentar Millat e acompanhá-los até a cozinha. - Você é uma garotona.

[...]

Irie parou estupefata no meio da cozinha, sem conseguir falar de tão nervosa. Não estava diante de uma espécie de pais que reconhecesse. (SMITH, 2003, p. 309)<sup>72</sup>

Mesmo que se tenha, também, a exposição de discriminação de gênero na passagem acima, é interessante observar a reação de Marcus acerca da exotividade de Irie como um todo, o que engloba suas características singulares como mulher de descendência anglo-jamaicana. Como observa a voz narrativa, a “espécie de pais” representada pelos Chalfen é desconhecida para a protagonista, o que está relacionado com as diferenças culturais entre as famílias de imigrantes e as tradicionais. Há, portanto, um choque de contextos, cujo impacto se manifesta na protagonista através do nervosismo e do estado de surpresa narrados, que se dá pelo não reconhecimento feito por Irie daquelas pessoas e do meio em que se encontra. Como consequência inicial desse contato e, antes que procurasse a avó para conhecer suas origens caribenhas mais intensamente, Irie desenvolve pelo núcleo familiar estável uma grande admiração. Por isso, é possível ao leitor perceber mais atentamente diferentes formas de discriminação de gênero, de raça e de classe, já que Irie aumenta gradativamente sua experiência com os Chalfen. É pertinente observar, portanto, que, em *White Teeth* (2001), assim como no romance de Adichie (2013), momentos de discriminação são mais recorrentes quando as protagonistas se aproximam de representantes do meio hegemônico de suas respectivas culturas de assentamento.

A incompatibilidade entre a estabilidade do lar tradicional e o seu próprio leva Irie a fazer comparações entre seus contextos de inserção, resultando em uma exaltação do ideal tradicional inglês, mesmo que este esteja repleto de valores heteronormativos, patriarcais e classistas. Com

---

<sup>72</sup> I was just saying to Josh, these are the best-looking friends of his we've ever seen! They're usually small and weedy, so long sighted they're short-sighted, and with club-feet. And they're never female. Well!" continued Marcus jovially, dismissing Joshua's look of horror. "It's a damn good thing you turned up. We've been looking for a woman to marry old Joshua .. ." Marcus was standing on the garden steps, quite openly admiring Irie's breasts [...] Well.. ." Marcus paused for Joyce to come out of the garden, take off her gloves, shake hands with Millat and follow them all into the kitchen. "You are a big girl." [...] Irie stood dumb in the middle of the kitchen, too nervous to speak. These were not any species of parent she recognized. (SMITH, 2001, p. 317-318)

pouca vivência, Irie tem a capacidade de perceber diferenças nas estruturas das casas, no conhecimento intelectual/ currículo acadêmico dentre os progenitores das famílias e demais formas de solidificação de tradição familiar. Embora essas diferenciações estejam baseadas em valores discriminatórios, é válido observar que se trata da primeira oportunidade que a protagonista tem de comparar culturas hegemônicas e marginalizadas e que ela se encontra em um momento sensível de negociação identitária. Reside neste ponto uma diferença central entre Ifemelu e Irie: os diferentes graus de conscientização étnica/cultural das protagonistas revela diferentes formas e etapas na ressignificação e desestabilização de valores estabelecidos. Enquanto Ifemelu normalmente valoriza sua individualidade em oposição a elementos de culturas dominantes, Irie, inicialmente, é levada a adorar características dessa família que figura o padrão hegemônico. Seu ponto de vista pode ser visto no seguinte excerto:

Tinha por eles uma nebulosa, esmagadora paixão de adolescente de quinze anos de idade, contudo sem direção ou objeto reais. Apenas desejava, digamos... meio que se *misturar* com eles. Desejava o caráter inglês. O caráter chalfenês. A *pureza* deles. A ela não ocorreu que os chalfen também eram, de certo modo, imigrantes (terceira geração via Alemanha e Polônia, nascidos com o nome Chalfenovsky) ou que necessitasse dela tanto quanto ela deles. Para Irie, os Chalfen eram mais ingleses do que os ingleses. Quando pôs os pés na casa dos Chalfen, Irie sentiu um frêmito ilícito, como um judeu que mastigasse uma linguiça ou um hindu que devorasse um BigMac. Atravessava fronteiras entrando furtivamente na Inglaterra; parecia um ato terrivelmente amotinado, usando uniforme ou a pele de outra pessoa. (SMITH, 2003, p. 319)<sup>73</sup>

É pertinente verificar o contexto em que se dá o desenvolvimento dessa personagem que, diferentemente de Ifemelu, da metade até o final da narrativa, é profundamente atacada por questionamentos acerca de sua forma física, de sua cor de pele, da legitimidade de suas origens, dentre outros aspectos inerentes à sua existência e ao seu surgimento. Irie é socializada dentro de um contexto de maioria europeia, onde ideais classistas, patriarcais e racistas parecem ser mais facilmente estabelecidos do que execrados.

Mais especificamente, são tantos os níveis de intensidade e de configuração de formas de opressão em seu meio de socialização, que é necessário todo um processo de amadurecimento para

---

<sup>73</sup> She had a nebulous fifteen-year-old's passion for them, overwhelming, yet with no real direction or object. She just wanted to, well, kind of, *merge* with them. She wanted their Englishness. Their Chalfishness. The *purity* of it. It didn't occur to her that the Chalfens were, after a fashion, immigrants too (third generation, by way of Germany and Poland, nee Chalfenovsky), or that they might be as needy of her as she was of them. To Me, the Chalfens were more English than the English. When Me stepped over the threshold of the Chalfen house, she felt an illicit thrill, like a Jew munching a sausage or a Hindu grabbing a Big Mac. She was crossing borders, sneaking into England; it felt like some terribly mutinous act, wearing somebody else's uniform or somebody else's skin. (SMITH, 2001, p. 328)



que Irie consiga detectar até os mais sutis, para que, então, possa subvertê-los. É interessante perceber que, calculadamente, o nome atribuído a essa família e a seus ideais (“Chalfen”/“Chalfenismo”) é notavelmente semelhante ao “chauvinismo”. Tendo uma paixão, o desejo de se misturar e de ter a pureza dos ingleses, como é grifado na narrativa, Irie encontra-se, nesse momento, encantada pelo ideal cultural discursivamente construído e propagado na tradição britânica. Tal estado de fascínio, como se estivesse transgredindo um território que não pertence à protagonista, torna ainda mais evidente seu despertar para a imposição de parâmetros opressores, visto o impacto da conscientização. A evolução do processo de questionamento vivido por Irie passa por estágios claros de uma subversão gradual de princípios dominantes: primeiramente, ela ouve comentários sexistas ou racistas, por exemplo, e releva, fazendo com que tais comentários tenham um grande impacto em seu subconsciente e na forma como ela busca sua posição social. Em seguida, há momentos de maior questionamento, em que ela resolve se afastar de tantas amarras morais, que culminam, finalmente, em um evento de emancipação, em que ela assume sua híbrida origem.

Ademais, é viável refletir sobre a forma como Irie e Ifemelu chegam até as famílias e como essas processam a presença das protagonistas. No contexto americano, Ifemelu passa por um processo de recuperação de diversas rejeições e ressignifica sua visão de mundo através de sua experiência. No contexto inglês, Irie também está intensamente envolvida em sua turbulenta negociação identitária e não consegue, ainda, problematizar posicionamentos sexistas e racistas que encontra ao conhecer os Chalfen. Ambas as famílias parecem precisar conviver com pessoas advindas de culturas marginalizadas em seu seio familiar e não conseguem fazê-lo com naturalidade, o que mostra o quão difícil ainda é compreender diversidades étnicas.

Então, nesta primeira subseção do segundo capítulo, foi analisado o primeiro contato de Ifemelu com a família de Kimberly e Don e o contexto que a leva a conhecê-los. Associadamente, foram consideradas as primeiras impressões da protagonista inglesa ao conhecer o seio familiar dos Chalfen. Enquanto a primeira passa por um momento de instabilidade, que permeia seu contato com a família americana, a segunda vem de um momento de fragilização, que envolve sua autoestima. Foi possível perceber que Ifemelu interpreta com prontidão a riqueza material presente no contexto familiar em questão, enquanto Irie se encanta totalmente pelo ideal de pureza discursivamente construído. A dor de Ifemelu, que se revela central para que ela compreendesse melhor a doença que sofrera, representa um estágio de submissão ao padrão americano, enquanto

o encantamento de Irie também atesta um estado de submersão ao padrão dominante. Neste subcapítulo, percebe-se que Irie está mais imersa no sistema do que Ifemelu, que não deixa de questionar e subverter ainda no momento de submissão. No próximo subcapítulo, será possível perceber que a protagonista nigeriana tem uma resposta mais consciente dos sistemas de dominação em comparação a Irie, que parte de um local de fala significativamente imerso na norma.

#### 4.2 QUESTIONAMENTO

Neste subcapítulo, excertos que encenam atitudes advindas das protagonistas em resposta à imposição de valores partidos do interesse de representantes da parcela hegemônica da cultura em que se encontram serão expostos. Ifemelu e Irie, que conhecem as famílias em questão a partir de momentos de fragilidade, parecem começar a perceber e questionar o sistema em que se inserem. Neste estágio do estudo, maiores momentos de desconforto com tentativas de imposição de princípios hegemônicos são perceptíveis. Enquanto o posicionamento de Ifemelu é sempre elaborado como resposta ao que lhe acontece, é clara a sua resistência à conduta exposta. Irie, por outro lado, revela sua compreensão dos fatos através de ações tendendo sempre a uma espécie de autoexílio. Nesse movimento de afastamento de algum núcleo familiar que corresponda ou que tente corresponder ao perfil hegemônico, a protagonista inglesa demonstra interesses como o de morar com a avó, Hortense, que não corresponde ao padrão, nem tenta ou parece desejar corresponder.

As famílias tradicionais, em ambas as narrativas, expressam grande interesse na presença das protagonistas em seus meios domiciliares, mesmo que não saibam propriamente respeitar as diferenças entre todos os indivíduos que vivem este contato entre culturas. O interesse na representatividade e na diversidade em seus meios de convivência não os isenta das desconstruções diárias necessárias para a reforma de uma perspectiva ou de um sistema baseado em opressões de classe, raça e gênero. Assim, de forma a demonstrar parte do apoio mútuo resultante do contato entre indivíduos estrangeiros e tradicionais de um local específico, além de preconceitos bastante acentuados, a figuração de tais relações tem um papel central na exposição de formas de dominação.

A protagonista do romance nigeriano tem maior capacidade de identificação de certas opressões, fato que indica, mais uma vez, a relevância da compreensão de seu local de fala.

Possivelmente, por ser originária de um país colonizado, Ifemelu conhece o sistema imperialista, que gera uma hierarquia dicotômica entre o que corresponde a países hegemônicos e a marginalizados. É bastante reforçado na narrativa, inclusive, que a protagonista nunca teve uma vontade genuína de conhecer os Estados Unidos, por se identificar mais com a cultura inglesa. É válido observar que, através da focalização de Ifemelu, é possível perceber que as formas de discriminação podem variar, a depender de seu local de inserção. Esse fato difere Ifemelu de Irie, pois, tendo a experiência de conhecer mais de um espaço cultural, torna-se mais evidente a captação de distintas formas de socialização e dos respectivos sistemas de opressão configurados em cada espaço. Se, em sua socialização, Ifemelu é sensibilizada a identificar opressões e a defender sua alteridade, especialmente a um nível cultural, ao chegar na faculdade americana, a protagonista parece ter reações aparentemente cientes de possíveis tentativas de silenciamento. Enquanto isso, Irie parece ter sua trajetória construída na narrativa justamente para que esta jornada culmine no momento em que ela decide iniciar sua experiência migratória.

É possível observar a determinação e o dinamismo com que a voz narrativa observa paradigmas de superioridade cultural na narrativa de Adichie (2013), a partir do momento em que o contato entre Ifemelu e a família aumenta. Após as primeiras apresentações no contexto familiar americano, logo na primeira observação que Kimberly faz sobre a imigrante, parte de sua visão de mundo pode ser captada. Por meio de ácidas observações feitas pela voz narrativa, através do discurso indireto livre, é possível perceber mais claramente os momentos em que Kimberly tenta naturalizar diferenças étnicas. A partir do que ela enuncia e do que é observado pela voz narrativa, é possível conhecer sua compreensão a respeito de hierarquias interculturais. A mãe da família responde à apresentação de Ifemelu da seguinte forma:

“Que nome lindo”, disse Kimberly. “Significa alguma coisa? Amo nomes multiculturais porque eles têm significados maravilhosos, de culturas maravilhosas e ricas. Kimberly estava dando o sorriso benevolente das pessoas que pensam que “cultura” é uma palavra estranha e pitoresca de pessoas pitorescas, uma palavra que sempre tinha de ser acompanhada do adjetivo “rica”. Ela jamais acharia que a Noruega tem uma “cultura rica”. (ADICHIE, 2014, p. 160)<sup>74</sup>

---

<sup>74</sup> “What a beautiful name,” Kimberly said. “Does it mean anything? I love multicultural names because they have such wonderful meanings, from wonderful rich cultures.”

Kimberly was smiling the kindly smile of people who thought “culture” the unfamiliar colorful reserve of colorful people, a word that always had to be qualified with “rich.” She would not think Norway had a “rich culture.” She would not think Norway had a “rich culture.” (ADICHIE, 2013, p. 111)

Pela repetição do adjetivo “maravilhoso” e pela observação que a própria voz narrativa faz sobre o uso do adjetivo “rico” ao falar sobre culturas “pitorescas” - que, na obra original, são descritas pela palavra “colorful”, que parece suscitar ainda mais a ideia de multiplicidade étnica -, percebe-se o deslumbramento de Kimberly pela exotividade de “culturas maravilhosas e ricas”. Tal deslumbramento permite-nos desconfiar que a personagem americana, como representante de um grupo hegemônico, tem uma percepção significativamente distante da realidade de culturas periféricas ou subalternas. Ao aproximar essas culturas da conotação trazida pela escolha lexical “maravilhoso”, que sinaliza a existência de algo que parece algo mágico ou imaterial, Kimberly diferencia-se daquelas e normaliza seu próprio contexto cultural. Ao observar a argumentação de Kimberly e emitir, a partir da proposta da americana, uma crítica ao comentário disfarçado de elogio, a voz narrativa denuncia o comentário racista disfarçado de elogio. Por isso, visto que há uma descontinuação dos valores perpetuados pela figura da família americana, uma fragmentação na ideologia mantida pelo cânone até então é consequente, pois, é possível que a focalização da narrativa aconteça através de um ponto de vista marginalizado.

Dessa forma, é possível argumentar que a americana cultiva uma percepção de si mesma como pertencente a uma cultura que representa a norma, aquilo que é padrão e, portanto, carece de uma rica multiplicidade cultural. Essa construção torna-se contraditória, visto que ela reside em um dos países de maior diversidade étnica do mundo. Ao remover o país Norueguês do sentido estabelecido pela americana, a voz narrativa estabelece um contraponto sobre a espécie de riqueza à qual Kimberly se refere, indicando que se trata, especialmente, da exotividade de países marginalizados, o que reforça a contradição, visto que a diversidade já ultrapassou todas as fronteiras. É importante notar que a escolha autoral de expor tal dinâmica de ideais trocados em momentos mundanos revela uma grande sensibilidade para captar formas comuns de expressão que carregam uma forma velada de hierarquização cultural. Esse excerto leva a questionar, portanto, o que é exotividade e o que é, de fato, a norma? Por que Kimberly se comporta de forma a categorizar o tipo de riqueza presente em cada cultura e quem legitima essa atitude?

Uma vez estabelecido o contexto em que se encontra Ifemelu - que é um em que o padrão hegemônico é consideravelmente naturalizado -, há mais uma percepção crítica realizada sobre esse ambiente familiar. Uma vez que começam a cultivar um maior convívio, é possível perceber, através da focalização da protagonista, outras expressões utilizadas por Kimberly para não reconhecer a diferença. Na passagem a seguir, que aparece na narrativa logo após o excerto

ficcional supracitado, é exposta a percepção da imigrante nigeriana sobre o comportamento de Kimberly ao interagir com outras pessoas negras:

Ifemelu mais tarde se daria conta de que Kimberly usava a palavra “lindo” de uma maneira peculiar. [...] “Estamos trabalhando com essa mulher linda no projeto para o centro da cidade”, e as mulheres a quem se referia sempre acabavam sendo pessoas de aparência nada extraordinária, mas negras<sup>75</sup>. (ADICHIE, 2014, p. 161)

Diante dessa passagem, é interessante perceber a compreensão perspicaz de Ifemelu acerca do comportamento de Kimberly que, por sua vez, parece constantemente tentar evitar qualquer possível fricção dada por diferenças étnicas/culturais. Ao evitar mencionar características advindas de origens africanas, ou simplesmente não pertencentes a grupos dominantes, fica ainda mais evidente a falta de instrução da representante da figura materna americana diante da alteridade. Por mais que ela se esforce para não verbalizar seu racismo velado ou faltar com educação, é possível perceber que não há, pela parte de Kimberly, um real reconhecimento da diferença. Esse fato indica que o contexto em que Ifemelu acaba de se inserir, ao passo que representa o início de uma independência financeira, evidencia diversas formas de imposição de um padrão dominante. Lara Callegari (2018, p. 10) estuda a busca identitária da mulher negra a partir da narrativa de Adichie, diante da perspectiva homogeneizante e aborda esta mesma passagem para defender que o comentário de Kimberly é, na verdade, uma forma de padronizar a figura da mulher negra, através de uma iniciativa "desracializada". Similarmente, aqui é compreendido que Kimberly gera mais discriminação ao tentar contornar a existência da diferença do que faria se reconhecesse a beleza da diversidade.

Nessa mesma primeira visita ao contexto familiar americano, há, ainda, outro excerto que apresenta a forma de socialização de Kimberly. Através da percepção de Ifemelu, a visão de mundo de Kimberly é visível quando esta afirma a felicidade de pessoas em situação de pobreza, ao mostrar para Ifemelu uma foto de uma família com pessoas sem recurso algum que conheceram em uma viagem à Índia: “Ifemelu também aprenderia que, para Kimberly, os pobres eram desprovidos de culpa. A pobreza era reluzente. Ela não podia conceber que pessoas pobres fossem perversas ou más, pois sua pobreza as canonizara, e os maiores santos eram os pobres de outros

---

<sup>75</sup> Ifemelu would come to realize later that Kimberly used “beautiful” in a peculiar way. “I’m meeting my beautiful friend from graduate school,” Kimberly would say, or “We’re working with this beautiful woman on the inner-city project,” and always, the women she referred to would turn out to be quite ordinary-looking, but always black. (ADICHIE, 2013, p. 111)

países” (ADICHIE, 2014, p. 164). Nesse excerto, através da focalização da protagonista, é possível identificar a forma romantizada com que a representante da família americana compreende a diferença de classe, dada a afirmação “A pobreza era reluzente”, por exemplo. É válido notar, também, o sarcasmo na narrativa, construída através da contradição na ideia de uma pobreza reluzente e da hipérbole, que remove toda a maldade de um povo apenas por sua diferença de classe. Além disso, de acordo com a voz narrativa, Ifemelu interpreta o devaneio presente percepção de Kimberly sobre a situação de pobreza, visto que esta prefere santificar os pobres, em especial os que adinham de uma cultura divergente da sua. Esse último fato reforça a ideia de que a mãe da família se compreende em uma realidade social naturalmente distante das culturas periféricas.

A retórica colonial da modernidade, ao passo que expressa desprezo ao atraso, através do discurso, legitima a violência visto que silencia a verdade do outro, vendo na colonização a única salvação. A representação de consequências do problema social advindo do processo de colonização pode ser vista nas narrativas analisadas. Mais precisamente, no romance de Adichie (2013), essas consequências são transformadas em valores, que podem ser percebidos na interação entre Ifemelu e representantes da família tradicional de alta renda, visto que esta interação evidencia a diferença. Como exemplo dessa sensibilização para a produção da diferença, é interessante analisar, ainda no contexto da família americana, que existe um momento de clara produção de valores ocidentais e excludentes, revelando uma falta empatia cultural de Laura em direção à protagonista

“Olhe isso, Ifemelu. Não é na Nigéria, mas é perto. Sei que as celebridades podem ser superficiais, mas ela parece estar fazendo um trabalho legal.”

Ifemelu e Kimberly olharam juntas a página: uma mulher branca e magra, sorrindo para a câmera, segurando um bebê africano de pele escura nos braços e, ao seu redor, crianças africanas de pele escura espalhadas um tapete. Kimberly emitiu um som, um hummm, como se não soube que sentir.

"E, além do mais, ela é linda", disse Laura.

“É mesmo”, disse Ifemelu. “E é tão magra quanto as crianças, mas sua magreza é por escolha, e a delas, não.”

Laura explodiu numa risada. “Você é tão engraçada! Como é atrevida!”

Kimberly não riu. Depois, quando estava sozinha com Ifemelu, ela disse: “Lamento que Laura tenha dito aquilo. Nunca gostei da palavra 'atrevida'. É o tipo de palavra que se usa com algumas pessoas e não com outras”. Ifemelu deu de ombros, sorriu e mudou de assunto. Ela não entendia por que Laura procurava tantas informações sobre a Nigéria, perguntando-lhe sobre as fraudes que haviam se tornado uma epidemia no país, dizendo-lhe quanto dinheiro os nigerianos que moravam nos Estados Unidos mandavam para casa todos os anos. Era um interesse agressivo, sem nenhum afeto; muito estranho, alguém dar tanta atenção a algo de que não gostava. Talvez o motivo daquilo na verdade fosse

Kimberly, e Laura, de um jeito sinuoso, estivesse tentando atingir a irmã, dizendo coisas que a fariam começar a pedir profusas desculpas. Mas parecia muito trabalho para pouca recompensa. No início, Ifemelu achava os pedidos de desculpa de Kimberly gentis, embora desnecessários, mas começara a sentir um lampejo de impaciência com eles, porque aquelas desculpas repetidas eram manchadas pela autoindulgência, como se Kimberly acreditasse que, através delas, poderia alisar todas as superfícies ásperas do mundo<sup>76</sup>. (ADICHIE, 2014, p. 178)

Primeiramente, é necessário observar que as passagens supracitadas categorizam momentos iniciais de percepção da protagonista em relação à propagação de valores excludentes no contexto da família americana. Por isso, tem-se afirmações como “Ela não entendia por que Laura procurava tantas informações sobre a Nigéria, perguntando-lhe sobre as fraudes que haviam se tornado uma epidemia no país, dizendo-lhe quanto dinheiro os nigerianos que moravam nos Estados Unidos mandavam para casa todos os anos”. Ifemelu não fica na dúvida da resposta para esse questionamento por muito tempo e logo compreende a dificuldade que envolve o reconhecimento e valorização da diferença. Esse comportamento de Laura, claramente indica uma hierarquização cultural, e produz uma dicotomia, em que o lugar precário e corrupto é a Nigéria e o salvador e correto são os Estados Unidos, mesmo que ela não verbalize isso literalmente. Em segundo lugar, é necessário atentar para a forma como Kimberly explica o motivo para não gostar do termo “atrevida”/”sassy”, já que ela opta por indeterminar os indivíduos de quem fala. A palavra que se usa com algumas pessoas e não com outras, nesse caso, é atribuída a pessoas negras e não a brancas, embora ela escolha explicar isso de uma outra forma. Em terceiro lugar, é evidenciada a falta de

---

<sup>76</sup> “Look at this, Ifemelu,” she said. “It isn’t Nigeria, but it’s close. I know celebrities can be flighty but she seems to be doing good work.” Ifemelu and Kimberly looked at the page together: a thin white woman, smiling at the camera, holding a dark-skinned African baby in her arms, and all around her, little dark-skinned African children were spread out like a rug. Kimberly made a sound, a hmmm, as though she was unsure how to feel. “She’s stunning too,” Laura said. “Yes, she is,” Ifemelu said. “And she’s just as skinny as the kids, only that her skinniness is by choice and theirs is not by choice.” A pop of loud laughter burst out from Laura. “You are funny! I love how sassy you are!” Kimberly did not laugh. Later, alone with Ifemelu, she said, “I’m sorry Laura said that. I’ve never liked that word ‘sassy.’ It’s the kind of word that’s used for certain people and not for others.” Ifemelu shrugged and smiled and changed the subject. She did not understand why Laura looked up so much information about Nigeria, asking her about scams, telling her how much money Nigerians in America sent back home every year. It was an aggressive, unafectionate interest; strange indeed, to pay so much attention to something you did not like. Perhaps it was really about Kimberly, and Laura was in some distorted way aiming at her sister by saying things that would make Kimberly launch into apologies. It seemed too much work for too little gain, though. At first, Ifemelu thought Kimberly’s apologizing sweet, even if unnecessary, but she had begun to feel a flash of impatience, because Kimberly’s repeated apologies were tinged with self-indulgence, as though she believed that she could, with apologies, smooth all the scalloped surfaces of the world. (ADICHIE, 2013, p. 122)

empatia de Laura quando a voz narrativa afirma que “era um interesse agressivo, sem nenhum afeto”, o que revela um interesse gratuito da americana em diminuir e subjugar a nigeriana apenas por ser diferente. Por fim, o lampejo de impaciência que Ifemelu sente depois de repetidas situações em que Kimberly precisa se desculpar pelo comportamento opressivo de outras pessoas de seu convívio social sugere que ela percebe a frequência com que estes comportamentos acontecem e começa a querer questioná-los.

Diferentemente de sua irmã, Kimberly parece querer questionar alguns preconceitos que percebe em seu meio (especialmente por conseguir observar algumas colocações claramente discriminatórias de Laura). Entretanto, mesmo trabalhando com caridade, tendo acesso ao ensino superior e de qualidade e tendo a oportunidade de conhecer, de fato, populações carentes, ela não consegue desenvolver percepções verdadeiramente sensíveis em relação à fragilização alheia. O uso da ironia nessa construção permite-nos captar a ineficiência de uma tentativa de desconstrução que é desprovida de mudanças significativas no cotidiano. Em um artigo que objetiva mostrar como emigrantes Africanos procuram afirmar sua identidade, definindo um espaço para si em contextos onde a cultura migrante é marginalizada, Augustine Nwanyanwu (2017, p. 397) argumenta que o romance de Adichie (2013) trata do significado de ser negro. Dessa forma, de acordo com o autor (NWANYANWU, 2017, p. 398), a narrativa mostra, como no contato com a família de Kimberly, o que, possivelmente, foi deixado para trás no quesito exposição da configuração do preconceito racial e cultural. O autor argumenta, ainda, que o status do migrante no mundo ocidental pode provocar uma sensação de culpa em participantes da parcela hegemônica da sociedade, ou a consciência da falta de responsabilidade perante a urgência de migrar (NWANYANWU, 2017, p. 398).

Nessa esteira, é possível compreender que comportamento de Kimberly parece indicar um desejo de estabelecer uma relação sem atritos entre pessoas de diferentes culturas, mas não luta, de fato, contra a precarização das oportunidades profissionais para estrangeiros, por exemplo. Por isso, a contradição permeia suas tentativas de conciliação com minorias, o que a aproxima de Joyce Chalfen. Essa tem tentativas frustradas de conciliação intercultural com os filhos das famílias Jones e Iqbal. Mesmo que Joyce tenha a impressão de estar ajudando famílias desamparadas, os filhos de imigrantes são quem acabam ajudando a família Chalfen: Joshua é apaixonado por Irie, Joyce parece precisar do amparo que dá a Millat e Marcus constrói uma forte admiração intelectual por Magid. É válido considerar, inclusive, a possibilidade de os filhos de imigrantes terem sido mais



prejudicados do que ajudados com a condução da experiência de convívio com os Chalfen. Mesmo que consiga subverter a experiência e se aproximar de suas raízes, para alcançar esse estágio, Irie passa por momentos de atrito com os pais e de desconforto no núcleo familiar inglês.

Para que os momentos de questionamento vividos por Irie na diegese sejam analisados, é necessário estudar, portanto, o afastamento sentido pela protagonista, em direção ao convívio com a avó. Antes de se dirigir ao contexto de Hortense, Irie já passou pela experiência traumática com o alisamento do cabelo, com a hostilização vinda dos colegas e com a rejeição de seu par idealizado e está passando pelo deslumbre com a família Chalfen. Juntamente com o encanto que a protagonista sente pela família inglesa, há uma agressividade que ela direciona aos pais imigrantes, que não correspondem ao padrão preenchido pelos Chalfen. Mesmo que essa agressividade possa indicar inicialmente, que Irie valorize apenas quem se encaixa na norma, é ela quem contribui para que a protagonista chegue em seu limite da convivência com todas as famílias - Iqbal, Jones e Chalfen - e se refugie na casa de Hortense. Se a iniciativa de exílio/ afastamento culmina em uma subversão ao padrão imposto no contexto inglês, essa rejeição a todas as configurações familiares pode representar uma forma de questionamento da norma. Como observado por Juliana Rosado, com o contato com Hortense, Irie “sente-se mais próxima de toda a história da qual sempre fora distante” (2012, p. 133) e obtém meios de “entender mais sobre sua história pessoal sendo, ao mesmo tempo, guiada à história nacional jamaicana” (2012, p. 133). Por isso, é argumentável que a gradual aproximação ao contexto de origem jamaicana não apenas fortalece a resistência ao meio hegemônico, como também consolida a história pessoal da protagonista imigrante de segunda geração.

Os excertos expostos a seguir representam, na narrativa de Smith (2001), momentos que engatilham a iniciativa de recusa de hábitos pautados pelo silenciamento da alteridade, em diferentes níveis. Na trajetória ficcional de Irie, existem dois momentos que a levam a se revoltar com os pais e com os Chalfen. A observação destes momentos é central para a compreensão da fase de questionamento do padrão conhecido pela protagonista até então, pois eles representam uma mudança no quesito adaptação cultural. A depender da forma como Irie assimila o que lhe acontece, alguns fatos, por mais desconfortáveis ou turbulentos que sejam, servem de gatilho para atitudes de emancipação da norma.

No contexto de contatos interculturais da casa dos Chalfen, Irie descobre, ao ler secretamente as cartas trocadas entre Marcus e Magid, que o representante paterno da família

inglesa não acredita que ela tenha potencial para cursar medicina, mas tem para odontologia. A partir desta descoberta, que indica que Irie compreende que Marcus a subestima, há a seguinte passagem: "No final, Irie não ficou ofendida. Deu umas fungadelas, que logo passaram. Era igual à mãe, igual ao pai - uma grande reinventora de si mesma, uma grande criadora. [...] Irie não ficou muito chateada. Só pensou: tá, odontologia. Serei dentista. Odontologia. Tá<sup>77</sup>" (SMITH, 2003, p. 356). Em diálogo com o título do romance, se todos têm raízes, assim como "Dentes Brancos", é argumentável que essa atribuição que posiciona Irie como uma profissional que cuida dos dentes simboliza que ela tem aptidão para cuidar da saúde de raízes. Essas, podem ser raízes étnicas, dado o contexto da narrativa, que explora o diálogo das personagens com suas origens culturais.

É evidente, também, a forma como as ideias vindas do contexto dos Chalfen influencia seus pensamentos de uma forma intensa, até este momento da narrativa. Através do que é articulado pela voz narrativa, que expõe a similaridade entre Irie e seus pais no que diz respeito à habilidade de cura e adaptação, percebe-se que este evento carrega um impacto que requer recuperação. Ainda que não tenha reagido imediatamente, este é o último evento que ocorre na casa da família inglesa antes que ela resolva ir para a casa da avó. A repetição da afirmação "Irie não ficou [muito] ofendida/chateada" levanta a suspeita de que, de fato, ela ficou, porém não reagiu de uma forma coerente com seus próprios sentimentos no momento, até porque ainda não tivera a oportunidade de questionar aquele modelo familiar que tanto havia lhe encantado até então.

Percebe-se que a família Chalfen simboliza, portanto, o ponto de partida para diversos momentos de desconstrução, visto que cada personagem carrega um ponto de interação particular. Esses pontos de interação contribuem fortemente para o estabelecimento de identidades, visto que constituem uma parte significativa da busca por pertencimento cultural. A desconstrução acontece se percebermos criticamente os diversos momentos em que os Chalfen propagaram princípios opressores. Diante disso, é necessário considerar como manifestações que mantêm valores patriarcais, racistas e classistas moldam a auto percepção das personagens analisadas. Os comentários feitos nesse meio sobre o gênero e a forma física de Irie, além de interferir em sua autoestima intelectual, representam variadas formas de dominação e que, indiretamente, impulsionam sua emancipação do padrão hegemônico. Isso acontece porque o questionamento, estágio intermediário entre a dominação e a emancipação, carrega momentos de tensão, que

---

<sup>77</sup> "In the end, Irie wasn't offended. She had the sniffles for a while, but they soon passed. She was like her mother, like her father - a great reinventor of herself, a great make-doer. [...] Irie wasn't so upset. She just thought: right, dentistry. I'll be a dentist. Dentistry. Right" (SMITH, 2001, p. 368)

dirigem as protagonistas para fora do estado de submissão. Em sua tese de mestrado, Amanda Watkins observa que a experiência de Millat e Irie na casa dos Chalfen expõe mais uma situação em que Irie é marginalizada, desta vez não apenas por Millat, mas também por Joyce Chalfen (WATKINS, 2007, p. 58). Além disso, a autora mostra como esses ignoram e subestimam a protagonista (WATKINS, 2007, p. 58-59), o que contribui para um somatório de circunstâncias em que Irie tem sua tentativa de negociação recusada ou prejudicada por comportamentos externos e excludentes.

Logo após ler as correspondências entre Marcus e Magid, que acabam alimentando sua revolta, Irie amplia suas frustrações e as desconta nos próprios pais, fazendo uma afirmação que revela um desconforto com a realidade que entende até então. Como pode ser visto na seguinte passagem, através do uso do discurso indireto livre, é perceptível que Irie rejeita a ideia de autoridade representada pelos pais imigrantes:

Oh, que teia emaranhada tecemos! Millat tinha razão: esses pais eram pessoas avariadas, sem mãos, sem dentes. Esses pais estavam repletos de informações que a gente queria obter mas tinha muito medo de ouvir. Irie, porém, não queria mais, estava cansada de tudo. Estava farta de jamais saber toda a verdade. Devolveria ao remetente. (SMITH, 2003, p. 366)<sup>78</sup>

Essa passagem é apresentada na narrativa após uma discussão entre Irie e os pais, Archie e Clara, em que tenta convencê-los a deixá-la fazer um intercâmbio para a África, uma vez que seus estudos escolares estivessem finalizados. Decidida a não permitir a viagem, Clara intensifica a vontade de Irie, que experimenta convencer a mãe em um momento de fragilidade desta, logo antes de dormir. O que Irie não sabe é que sua mãe se encontra fragilizada neste momento porque é antes de deitar que Clara retira seus dentes falsos, que precisa usar por causa de um acidente de moto em que se envolve quando jovem. Quando Irie compreende a situação, fica muito revoltada com a quantidade de segredos que parecem formar sua verdadeira estrutura familiar. Motivada a sair de casa pela frustração de não conhecer sua própria história, Irie discute com os pais e, por isso, é possível compreender como ela interpreta, naquele momento, o advento da imigração na existência das famílias em questão. Por observar, por exemplo, as deficiências de Samad (que perde o movimento da mão) e de Clara e categorizá-los como pessoas avariadas, entende-se que Irie atenta

---

<sup>78</sup> Oh what a tangled web we weave. Millat was right: these parents were damaged people, missing hands, missing teeth. These parents were full of information you wanted to know but were too scared to hear. But she didn't want it any more, she was tired of it. She was sick of never getting the whole truth. She was returning to sender. (SMITH, 2001, p. 379)

apenas para o que falta, indicando que seu pensamento está significativamente submetido à norma hegemônica.

Irie, quando está em contato com a figura colonial dos Chalfen, age como se estivesse contaminada pelos profundos preconceitos da família inglesa. Ela sofre, porém, uma transição entre produzir dicotomias pautadas em valores dominantes para sua origem periférica. Por isso, a possibilidade de este se tratar de um momento de questionamento da norma que a oprime reside na escolha de Irie de conviver com a avó, ao invés de sucumbir à sua própria revolta. Também, esta escolha reverbera de uma forma positiva, que a permite expandir seu conhecimento acerca de suas raízes. Por isso, é um momento de transição entre a submissão e a emancipação ao/do sistema.

Além disso, a metáfora "que teia emaranhada tecemos!" (SMITH, 2003, p. 366), que pode vir do pensamento da protagonista ou da voz narrativa, possivelmente demonstra a turbulência do julgamento apresentado e da assimilação dos fatos que acontecem neste momento da narrativa. Inclusive, nesse excerto, Irie está dando razão para Millat, que revela ter valores bastante invertidos, o que pode confirmar que a protagonista não está tirando as conclusões mais sábias neste momento. Mesmo demonstrando um pensamento intensamente treinado pelo olhar imperialista (ainda que inconsciente), a atitude de Irie é a de "voltar ao remetente!" (SMITH, 2003, p. 366) e descobrir as "informações que a gente queria obter mas tinha muito medo de ouvir!" (SMITH, 2003, p. 366). Portanto, impulsionada por uma forma de autoexílio, Irie se afasta do que vem lhe oprimindo, o que pode transmitir que ela questiona a realidade em que se insere. A figura dos Chalfen que, não só representa, como garante os valores hegemônicos e a dos Jones, que não representa, mas busca o parâmetro europeu, são, desta forma, questionadas, visto que Irie decide se abster do contato com ambos para criar, com essa decisão, um terceiro espaço na narrativa. Esse terceiro espaço pode ser o que Moslund (2010, p. 10) constrói como um local ou circunstância híbrida, em que não existem os binarismos da política cultural. Dessa forma, Irie quebra com a expectativa dicotômica do leitor que prevê apenas duas saídas para a protagonista, sendo uma a de sucesso e a outra de fracasso.

Enquanto Ifemelu interage com percepções de personagens pertencentes ao contexto dominante e impulsiona o questionamento sobre riqueza cultural, diversidade e pobreza, Irie se encontra em um momento de intensa autodescoberta e de compreensão dos valores de seu meio cultural. Esta vive uma transição entre, primeiramente, ouvir comentários opressores sem reagir a eles, mesmo que eles fossem opressivos, para, então, um momento de autoexílio. Esse estágio, que

a motiva a adentrar suas próprias raízes, ao procurar a avó e conhecer o passado da mãe, lhe proporciona momentos de questionamento, que a direcionam à emancipação. Seu processo dá indícios de ser um aprendizado bastante inconsciente, pessoal e íntimo, visto que é ela quem guia sua própria descoberta, de acordo com o que suas vivências lhe permitem definir como certo e errado. Ifemelu também guia suas próprias descobertas, mas através de um crivo de percepção mais treinado e experiente do que o apresentado por Irie.

A interação das duas protagonistas com figuras familiares representantes da vontade imperialista é multifacetada, pois revela as formas de interpretação das personagens diante da hegemonia, bem como ideias discriminatórias que são visíveis por causa da forma de construção das ficções em questão. Além disso, diante do advento da imigração, é possível refletir, a partir da leitura dos romances, acerca do histórico dos fluxos migratórios, que formam mais culturas do que é normalmente difundido. Na próxima subseção deste capítulo, serão analisados momentos que representam possíveis subversões feitas pelas protagonistas diante do paradigma dominante.

### 4.3 SUBVERSÃO

Nos subcapítulos prévios, foram expostos excertos que representam momentos de interação entre as protagonistas analisadas e símbolos de práticas culturais, primeiramente, e, em um segundo momento, de questionamento de tais práticas e de padrões excludentes. Em uma tentativa de identificar possíveis paralelos entre as experiências configuradas nas narrativas de Adichie (2013) e Smith (2011), é possível perceber que Ifemelu e Irie se assemelham pela manifestação de uma maturação em relação aos elementos culturais pertencentes às respectivas culturas hegemônicas. Ao passo que assimilam ou rejeitam o contato com algum representante da cultura em que estão inseridas, elas parecem procurar por um autoconhecimento cultural. Portanto, neste subcapítulo, serão analisadas passagens que podem revelar a manifestação de um percurso feito pelas protagonistas em busca do estabelecimento de uma voz própria como agentes sociais que ensinam o contato intercultural.

No presente estágio da análise, é necessário considerar que Ifemelu está em um momento de socialização mais intensa nos Estados Unidos, à medida que Irie se encontra em uma fase central de autodescoberta, na casa da avó. Enquanto a primeira tem experiências mais formais de contratação profissional e começa a se estabelecer financeiramente, a segunda explora suas raízes

jamaicanas e percebe o sistema de socialização inglês com mais clareza. Mais especificamente, para identificar maneiras de instauração de uma identidade cultural, serão analisados contatos que direcionam o olhar das protagonistas para suas próprias raízes, manifestações de resistência e, finalmente, momentos de deslocamento/ migração. Os contatos são entre Irie e Hortense, por um lado, e entre Curt e Ifemelu, por outro, as manifestações são verbalizações das protagonistas em oposição à conjuntura que as oprime e os deslocamentos são para a Jamaica e a Nigéria, na narrativa de Smith (2001) e Adichie (2013), respectivamente. Esses três momentos são elementos aproximáveis entre as narrativas em questão e podem mostrar um padrão na negociação de pertencimento da mulher negra e inserida no contexto dos fluxos migratórios.

Como mencionado anteriormente<sup>79</sup>, a respeito da análise relativa a *White Teeth* (2001), há um conflito que emerge, inicialmente, pelo desejo que Irie tem de conhecer o continente africano. A resistência de sua mãe à ideia não a impede de tentar encontrar um espaço onde sua etnia é reconhecida e valorizada, já que ela se volta para o consolo da avó. Esse movimento afirma uma espécie de manifestação de curiosidade ou vontade de conhecer possíveis raízes, a despeito do que Clara julga apropriado. Após a iniciativa, que é tomada a partir deste momento de discussão com Clara, Irie tem duas experiências de aproximação de suas raízes: a ida para a casa de Hortense, onde conhece e reconhece elementos culturais e, ao final da narrativa, a ida, com a avó, para a Jamaica. Esses dois momentos podem representar um trajeto gradual de descoberta das origens, visto que a protagonista não tem muita orientação externa sobre como descobrir suas origens.

Por isso, é relevante reiterar que esse contato de Irie com a sua avó, que envolve e precede a ida de Irie para a Jamaica, ou seja, o seu próprio processo migratório, pode indicar uma representação da emancipação de princípios ocidentais. Em desacordo com o que indica Shahyan Rizgar, quando conclui, em sua tese de mestrado, que Irie é uma imigrante Jamaicana que tenta parecer branca apesar de sua pele negra (2016, p. 35) é importante observar que, embora Irie seja conduzida pela norma dominante no início da narrativa, é argumentável que, até o desfecho de sua trajetória na narrativa, ela consegue subvertê-la. Se esse fosse o caso, como ela se pareceria tanto com a avó, a jamaicana octogenária, já ao decidir encontrá-la? Além disso, depois de sofrer com a imposição do padrão caucasiano e dominante, Irie chega a chamar a atenção de Joshua por sua

---

<sup>79</sup> Mesmo que este momento seja mencionado ao final do primeiro capítulo desta dissertação, é importante mencioná-lo novamente, visto que ele pode representar, na trajetória da protagonista de Smith (2001) uma emancipação cultural tanto quanto racial.

alteridade (SMITH, 2003, p. 290)<sup>80</sup> - mesmo que ele interprete erroneamente seu cabelo afro curto como um símbolo de androgenia. Esse fato, inclusive, é mais uma evidência da quebra de expectativas que caracteriza a protagonista. Também, como ela passaria a preferir o convívio com a avó ao contato com os que são supostamente “puramente” ingleses, ou como, de fato, optaria por viver em seu local de descendência considerado periférico?

Ao considerar que Irie supostamente tem um único comportamento pautado pela correspondência com a perspectiva dominante, a autora cita Stuart Hall para contra-argumentar que não se pode ter apenas uma identidade, visto que essa se trata de uma produção, o que reitera que ela desconsidera o movimento de emancipação experienciado pela protagonista. Em contrapartida, é necessário concordar com o que é desenvolvido no estudo quanto ao fato de Irie desejar livrar-se do sentido fixo que pode ser atribuído às origens (RIZGAR, 2016, p. 28-29) e planejar uma identidade para a filha, ao privá-la de conhecer a identidade do pai (RIZGAR, 2016, p. 30-31). É válido ressaltar que, embora deseje se emancipar do destino “disfuncional” (SMITH, 2003, p. 493) da família do imigrante, é esse mesmo destino que Irie escolhe para si e para a filha, o que reforça a ideia de que a protagonista é paradoxal e descontinua horizontes de expectativas.

Como previamente citado, a partir desse contato, a protagonista começa a compreender a Jamaica como sua “homeland” (SMITH, 2001, p. 402). Depois das primeiras impressões de Irie sobre a realidade da avó, descrições detalhadas caracterizam o contexto particular de Hortense, que é definido, dentre outras formas, como “viver no instante eterno, oscilando sem cessar à beira do precipício da aniquilação total; há gente que consome um grande número de drogas só para experimentar algo comparável à vida cotidiana da octogenária Hortense Bowden”<sup>81</sup> (SMITH, 2003, p. 382). Esse contexto, construído por uma miscelânea de elementos e condutas unicamente pertencentes a uma jamaicana que se instala na Inglaterra, pode ser considerado caótico por simbolizar a turbulência que acompanha um nível inevitável de fusão cultural. Depois de se habituar com o estilo de vida de Hortense, que é bastante dedicado à religião das Testemunhas de Jeová, Irie volta à escola. Esse retorno ao meio social prévio ao conflito que a leva à casa da avó permite que a protagonista reavalie seus princípios e ressignifique relações.

É possível compreender o surgimento de um contraponto entre a conjuntura anterior e a atual a partir do relato que envolve trajeto entre a casa de Hortense e a escola: “o trajeto do sul para

---

<sup>80</sup> (SMITH, 2003, p. 297)

<sup>81</sup> “living in the eternal instant, ceaselessly teetering on the precipice of total annihilation. (SMITH, 2001, p. 396-397)

o norte de toda manhã dava a impressão de ser uma colossal viagem polar, e, pior ainda, uma que não alcançava a meta e em lugar disso terminava em regiões tépidas, um anticlímax em comparação ao turbilhão fervente da casa dos Bowden”<sup>82</sup> (SMITH, 2003, p. 384-385). Nesse excerto, é possível captar uma dicotomia entre as direções que territorializam a batalha interna vivida por Irie, que pode ser transmitida pela associação entre o calor e a casa de Hortense, por um lado, e a tepidez da fria região Norte, onde estão os Jones e os Chalfen. Além disso, a construção imagética de uma viagem polar que não alcança a sua meta promove uma melancolia que se refere à condição do retorno a um contexto que a congela em sua diferença.

Se considerar que Irie está valorizando uma parte central de sua vida que, até então, estava alocada em uma região periférica de sua atenção e conhecimento, é possível concluir que existe uma transformação no reconhecimento da parte central e a periférica de suas influências sociais. Também, se a antiga parte dominante, que é a inglesa, agora é considerada um “anticlímax”, seria a parte jamaicana o atual clímax, ou seja, a atual parte dominante no quesito referências culturais. Dessa forma, é possível identificar uma fragmentação das expectativas a partir da compreensão da vivência de Irie, que descontinua o pensamento da hegemonia cultural ao se encontrar genuinamente em suas raízes consideradas periféricas. Outrossim, é necessário considerar a indicação de um clímax narrativo na associação entre o anticlímax e o meio inglês em contraponto com o clímax e o meio jamaicano, visto que o símbolo da Jamaica está relacionado ao crítico desfecho inevitável da narrativa.

Enquanto aproveita a convivência com a avó para perguntar sobre a trajetória de seus antepassados, Irie recebe algumas visitas que lhe atualizam sobre os conflitos vividos pelos Chalfen, Jones e Iqbal, como elementos que ancoram a atenção da protagonista no contexto prévio. Como resultado disso e da demanda de seu trabalho com Marcus, Irie retoma seu contato com seu meio anterior ao convívio com Hortense, mas sua presença se torna rara para todos. De acordo com a voz narrativa, “ela não parava em casa. Estava empacada entre um rochedo e um lugar duro, como a Irlanda, como Israel, como a Índia. Uma situação sem possibilidade de êxito”<sup>83</sup> (SMITH, 2003, p. 409). Dessa forma, é perceptível a frequência com que as tentativas de pertencimento de

---

<sup>82</sup> “even the journey from South to North each morning felt like an almighty polar trek, and worse, one that stopped short of its goal and ended up instead in the tepid regions , a non-event compared with the boiling maelstrom of the Bowden home”. (SMITH, 2001, p. 398)

<sup>83</sup> “She was never home. Irie was stuck between a rock and a hard place, like Ireland, like Israel, like India. A no-win situation”. (SMITH, 2001, p. 425-426)



Irie se alteram e adaptam, à medida em que ela adquire criticidade para avaliar seu próprio meio cultural. Se considerar que “um rochedo” e “um lugar duro” são metáforas para os ambientes da casa de Hortense, que representa a raiz jamaicana, e a casa dos Jones, que representa a origem inglesa, esta representação de estagnação “sem possibilidade de êxito” pode indicar a falha na tentativa de consolidação identitária baseada em narrativas nacionais fixas e dominantes.

Neste contexto, que precede o evento em que Marcus expõe seu produto científico e que culmina na circunstância final que conecta todos os núcleos do romance, há um momento da narrativa em que todos os núcleos se dirigem a tal evento, com diferentes objetivos. No excerto que expõe a ida das famílias dos Iqbal e dos Jones, em um transporte público, há uma manifestação de Irie baseada em sua percepção das diferentes construções familiares e sociais em seu contexto:

Que existência pacífica. *Que alegria* deve ser a vida delas. Abrem a porta e tudo o que têm atrás delas é um banheiro ou uma sala de estar. Só espaços neutros. E não esse labirinto interminável de cômodos presentes e cômodos passados e as coisas ditas dentro deles anos atrás e a velha merda histórica de todo mundo em todos os lugares. Não cometem constantemente os mesmos erros antigos. Não ouvem sempre a mesma merda antiga. Não fazem representações públicas da angústia no transporte público. É mesmo, essas pessoas existem. Estou falando. Os maiores traumas da vida delas são coisas como colocar um carpete novo. Pagar contas. Consertar o portão. Não se importam com o que os filhos façam na vida, desde que sejam razoavelmente *saudáveis*, entendem? *Felizes*. E cada porra de dia não é essa desmedida batalha entre quem elas são e quem elas deveriam ser, o que elas foram e o que elas serão. Vamos, perguntem para elas. E elas vão contar. Nada de mesquita. Talvez uma igreja. Quase pecado nenhum. Montes de perdão. Nada de sótão. Nada de merda no sótão. Nada de segredo guardado. Nada de bisavós. Aposto vinte libras esterlinas *agora* que Samad é a única pessoa aqui que sabe qual é a medida das calças do bisavô dele. E sabem *por que* ninguém mais sabe? Porque *não tem a menor importância*. No que diz respeito a essas pessoas, isso é *o passado*. É assim que *é* em outras famílias. Elas não são comodistas. Não saem por aí se regalando, *se regalando* com o fato de que são totalmente disfuncionais. Não passam o tempo tentando achar maneiras de tornar a vida delas mais complicadas. Elas *simplesmente vão levando*. Que danadas sortudas. Que filhas da mãe sortudas<sup>84</sup>. (SMITH, 2003, p. 492-493).

---

<sup>84</sup> ‘What a peaceful existence. What a joy their lives must be. They open a door and all they’ve got behind it is a bathroom or a lounge. Just neutral spaces. And not this endless maze of present rooms and past rooms and the things said in them years ago and everybody’s old historical shit all over the place. They’re not constantly making the same old mistakes. They’re not always hearing the same old shit. They don’t do public performances of angst on public transport. Really, these people exist. I’m telling you. The biggest traumas of their lives are things like recarpeting. Bill-paying. Gate-fixing. They don’t mind what their kids do in life as long as they’re reasonably, you know, *healthy*. *Happy*. And every single fucking day is not this huge battle between who they are and who they should be, what they were and what they will be. Go on, ask them. And they’ll tell you. No mosque. Maybe a little church. Hardly any sin. Plenty of forgiveness. No attics. No shit in attics. No skeletons in cupboards. No great-grandfathers. I will put twenty quid down *now* that Samad is the only person in here who knows the inside bloody leg measurement of his great-grandfather. And you know *why* they don’t know? Because *it doesn’t fucking matter*. As far as they’re concerned, it’s the *past*. This is what it’s like in other families. They’re not self-indulgent. They don’t run around, relishing, relishing the fact that they are utterly dysfunctional. They don’t spend their time trying to find ways to make their lives more complex. They just *get on with it*. Lucky bastards. Lucky motherfuckers.’ (SMITH, 2001, p. 514-515)

Essa fala da protagonista, que se encontra irritada primeira e superficialmente com as constantes e inevitáveis brigas que sempre acompanham o contato entre os Iqbal e os Jones, é provocada pela necessidade que Irie tem de expor a diferença entre “outras famílias” e as que a ouviam. Diante da possibilidade dessa diferenciação representar uma polarização entre famílias cuja origem pertence a grupos hegemônicos e famílias de imigrantes ou cuja origem é periférica, é pertinente considerar o despertar de Irie para tal discriminação. A ironia presente em toda essa verbalização de sua angústia parece ressignificar o que antes fora admiração pela representação da figura da família inglesa e desperta uma sensibilidade a respeito da suposta superioridade das “outras famílias”. A habilidade de articular ideias que questionam essa dicotomia pode indicar uma subversão da questão da “Deseducação de Irie Jones<sup>85</sup>”, considerando que a deseducação indica um condicionamento social inicial que a força negociar pertencimento sobre parâmetros que são incoerentes e discursivamente construídos, porém dominantes.

Nesse caso, a captação da ironia permite a compreensão de que Irie não tenta criar estereótipos acerca da figura da família Chalfen, mas relativizar a questão da felicidade e da funcionalidade. É possível identificar três níveis de aplicabilidade resultantes da formulação da crítica da protagonista. A manifestação de Irie é multifuncional, pois atinge, primeiramente, a proteção da ideia de unicidade pregada pela defesa do símbolo da família tradicional inglesa. Em segundo lugar, aborda o contexto dos imigrantes pelo fato de revelar o sentimento da descendente que sofre com a busca identitária em um contexto imperial. Finalmente, ela alcança o leitor, que acompanha a focalização da protagonista, que, por sua vez, também parece se questionar sobre os valores envolvidos na caracterização polarizante de hierarquias culturais.

Após essa manifestação, é informado ao leitor que, sete anos depois dos eventos citados anteriormente, Irie está com sua filha, Joshua e Hortense na Jamaica. A avó da protagonista havia proposto a ida por motivos religiosos antes da sequência de eventos exposta acima. Estes, que expõem a ambiguidade que permeia questões como a neutralidade de espaços e a administração da bagagem cultural trazida do passado para o presente, têm uma sequência que sugere um deslocamento físico e de princípios. Além disso, nesta sequência, a voz narrativa observa, a respeito do romance entre Irie e Joshua, que “a gente só consegue evitar a sina por pouco tempo<sup>86</sup>” (SMITH,

---

<sup>85</sup> “The Miseducation of Irie Jones”, no original, é o título do capítulo que principalmente oferece um desenvolvimento focado na protagonista em questão.

<sup>86</sup> “You can only avoid your fate for so long”. (SMITH, 2001, p. 541)

2003, p. 517), indicando uma possível continuidade no envolvimento entre mulheres de descendência jamaicana e homens ingleses. Esta ligação, diferentemente de significar única e exclusivamente um relacionamento de dominação, contribui para a formação de sujeitos como a protagonista analisada.

Em desacordo com Medlock (2018, p. 48), que afirma que Irie utiliza incorretamente os elementos referentes às suas origens para construir um passado que remonta sua própria visão dos fatos<sup>87</sup>, é ideal considerar a exposição da busca identitária sem impor um modelo ideal de comportamento. De maneira a evitar uma padronização dicotômica entre o que pode ser considerado idealmente “certo” e “errado” em relação à descoberta de raízes e consequente proveito da aquisição de novos conhecimentos íntimos e culturais, é feita, no presente estudo, a tentativa de compreensão de um trajeto de autoconhecimento cultural. Por causa da forma como é exposta, a formação da narrativa pessoal da protagonista, movimento este que possivelmente é inevitável dado o contexto social desenvolvido no romance, é viável exercitar o olhar sobre os percursos pela busca identitária de uma descendente de imigrantes. Por fim, é argumentável que o movimento em direção à Jamaica pode significar uma emancipação dos moldes culturais dominantes que a prendiam no contexto hegemônico.

É válido retomar a questão do contato que contribui para o direcionamento do interesse das protagonistas ao respectivo referencial de origem étnica, para delinear um paralelo entre Irie e Ifemelu. Essa, após o primeiro contato com a família americana, tem mais oportunidades de estabelecer contatos amorosos e um nicho social em seu contexto acadêmico, dada a maturidade de seu contexto e necessidades acadêmicas e financeiras. Ademais, ela cultiva um relacionamento com Curt, um primo de Kimberly que conhece a protagonista em uma visita à família. A construção de um relacionamento como o de Curt e Ifemelu oportuniza ao leitor a descoberta de relações hierárquicas que envolvem os eixos temáticos desta pesquisa - raça, cultura e gênero -, visto que a diferença étnica e econômica entre eles desencadeia uma série de desconfortos sentidos pela protagonista a respeito de choques interculturais.

No que diz respeito ao percurso de autoconhecimento cultural transmitido ao leitor através da focalização de Ifemelu, o conflito significado por esta interação é central visto que, além de revelar tensões interculturais, ele conecta a protagonista a diferentes formas de empoderamento e

---

<sup>87</sup> “Ultimately, Irie misuses the tools she has at her disposal, the books and photographs. She pulls together pieces of the past in order to construct her own vision of it”. (MEDLOCK, 2018, p. 48)

estabelecimento financeiro. Por isso, é justificável que o conflito significado por esta interação conflua no eixo temático centrado na questão cultural, uma vez que, através da exposição deles, é possível notar conflitos baseados em comportamentos sociais que garantem a manutenção de hierarquias étnicas. A forma como Curt contribui para a emancipação financeira de Ifemelu pode ser vista no excerto a seguir:

“Conheço algumas pessoas com quem meu pai fazia negócios, talvez eles possam ajudar”, disse Curt. E, pouco tempo depois, anunciou que ela fora chamada para uma entrevista num escritório no centro de Baltimore, para uma vaga na área de Relações Públicas. “Você só precisa arrebentar na entrevista e o cargo é seu”, disse ele. “Conheço um pessoal numa outra empresa maior, mas o bom dessa é que eles vão conseguir um visto de trabalhador temporário para você e dar início ao processo de obtenção do green card.”<sup>88</sup> (ADICHIE, 2014, p. 219)

De acordo com a voz narrativa, Ifemelu sente, além de gratidão, ressentimento porque “Curt podia, com alguns telefonemas, rearranjar o mundo e obrigar tudo a entrar no lugar em que desejava que estivesse<sup>89</sup>” (ADICHIE, 2014, p. 220) enquanto seus amigos nigerianos tentavam se encaixar no mercado de trabalho desesperadamente. A facilidade e rapidez com que Curt consegue arranjar e alcançar objetivos cria um contraste significativo com a dificuldade com que Ifemelu e outros personagens imigrantes têm de conquistar metas que, para estes, são vitais (BRAGA, 2019, p. 112). Por mais que este atrito entre Curt e Ifemelu seja o que a impede de se envolver totalmente na relação, é um grande fator que colabora para sua colocação profissional em seu país de assentamento. Além de permitir a identificação de uma relação em que há uma grande diferença na questão de acesso a chances de inserção profissional e social entre diferentes indivíduos, a depender de sua origem, a construção desta relação representa uma mudança de estruturas na vida da protagonista. Também, a figura do homem branco e rico obrigando “tudo a entrar no lugar em que desejava que estivesse” pode ter uma abrangência maior do que o caso específico de Ifemelu, já que pode significar, de uma maneira mais ampla, o alcance global do interesse impositivo do sujeito pertencente à parcela dominante da sociedade.

---

<sup>88</sup> I know some people my dad did business with, they might be able to help,” Curt said. And, not long afterwards, he told her she had an interview at once in downtown Baltimore, for a position in public relations. “All you need to do is ace the interview and it’s yours,” he said. “So I know folks in this other bigger place, but the good thing about this one is they’ll get you a work visa and start your green card process.” (ADICHIE, 2013, p. 150)

<sup>89</sup> “Curt could, with a few calls, rearrange the world, have things slide into the spaces that he wanted them to” (ADICHIE, 2013, p. 150)

Por permitir que Ifemelu se estabeleça profissionalmente e adquira uma maior tranquilidade a respeito de sua documentação nos Estados Unidos, é possível compreender que este momento participa no processo de estabelecimento da identidade cultural da protagonista. Isso acontece porque a protagonista precisa construir uma estrutura financeira para que, então, possa expandir seus interesses profissionais e pessoais. Depois de adquirir um novo contexto com a oportunidade em Baltimore, Ifemelu tem a chance de se dedicar a uma forma de interação escrita com leitores de um *blog* que cria e utiliza para produzir manifestações que demonstram uma resistência a aspectos opressores e excludentes do sistema que lhe dizem respeito:

Os blogs eram algo novo, não familiar para Ifemelu. [...]. Quantas outras pessoas escolhiam o silêncio? Quantas tinham se tornado negras nos Estados Unidos? [...] Ifemelu terminou com Curt algumas semanas depois, fez um cadastro no WordPress e criou seu blog. Mais tarde ela mudaria o nome, mas no início ele chamava Raceteenth, Observações Curiosas de uma Negra Não Americana sobre a Questão da Negritude nos Estados Unidos [...].

Sabe qual é a solução mais simples para o problema da raça nos Estados Unidos? O amor romântico. Não a amizade. Não o tipo de amor tranquilo e superficial cujo objetivo é manter as duas pessoas confortáveis. Mas o amor romântico profundo e real, do tipo que retorce e estica você e faz com que respire através das narinas da pessoa que ama. E como esse tipo de amor romântico profundo e real é tão raro e como a sociedade americana é feita de modo a torná-lo ainda mais raro entre um negro americano e um branco americano, o problema da raça nos Estados Unidos nunca vai ser resolvido.<sup>90</sup> (ADICHIE, 2014, p. 320-321)

Ainda, de acordo com Cláudio Braga, “a principal evidência de que Ifemelu é bem-sucedida nos Estados Unidos está em seu *blog*” (2019, p.113). O emprego intermediado por Curt contribui para esta conquista, embora seu sucesso seja fruto de sua própria expressão. Como no caso de Irie, Ifemelu se expressa, assim que emerge, ainda que parcialmente, da turbulência relacionada a sua vivência intercultural, de forma a questionar o meio em que se insere. Buscando ouvir as vozes de quem se identifica com sua luta, a protagonista parece desejar transmitir e coletar manifestações que subvertem a questão do preconceito relacionado à negritude nos Estados Unidos. Em sua

---

<sup>90</sup> Blogs were new, unfamiliar to her. [...] How many other people chose silence? How many other people had become black in America? [...] She broke up with Curt a few weeks after that, and she signed on to WordPress, and her blog was born. She would later change the name, but at first she called it Raceteenth or Curious Observations by a Non-American Black on the Subject of Blackness in America. [...]

The simplest solution to the problem of race in America? Romantic love. Not friendship. Not the kind of safe, shallow love where the objective is that both people remain comfortable. But real deep romantic love, the kind that twists you and wrings you out and makes you breathe through the nostrils of your beloved. And because that real deep romantic love is so rare, and because American society is set up to make it even rarer between American Black and American White, the problem of race in America will never be solved. (ADICHIE, 2013, p. 216)

escrita, ela aborda a dificuldade de relacionamento entre um negro americano e um branco americano e aponta para a impossibilidade de solução do problema de raça nos Estados Unidos, embora tenha conhecido esse problema principalmente por sua relação com Curt, que é, além de um relacionamento inter-racial, um contato intercultural. Por isso, embora expresse uma opinião sobre uma questão racial, esta é, também, um conhecimento possibilitado pelo contato intercultural e que vem a provocar discussões entre negros não americanos de outras nacionalidades. Portanto, esta passagem pode ser interpretada como uma verbalização que atenta para uma problemática que envolve e é causada, também, por contatos inter-raciais, o que implica em choques, diálogos e hibridismos culturais, como pode ser visto no excerto acima.

Ifemelu retorna para Nigéria muito depois de iniciar o *blog*, após o término do relacionamento com Blaine, o professor universitário, mas é central atentar para o fato de que ela consegue se dedicar consideravelmente à escrita depois da mudança provocada por Curt em sua vida. O emprego que consegue em Lagos, que consolida sua volta ao seu país de origem, está relacionado ao sucesso que tem com o *blog*, que, por sua vez, ganha visibilidade porque Ifemelu consegue sair da situação financeira restrita em que se encontrava antes de conhecer Curt. É central notar que sua ida para Lagos não representa apenas uma iniciativa que descentraliza a expectativa de suposto sucesso atribuído àquele que emigra. Essa, em adição a momentos compreendidos através da focalização de seu par romântico, Obinze<sup>91</sup>, mostra que a valorização da perspectiva colonial compõe a realidade nigeriana figurada na narrativa. Também, além da passagem que exhibe o contexto do Clube Nigerpolita, discutida no capítulo anterior, o leitor é informado, já no primeiro capítulo de *Americanah* (2013), que, além das nigerianas que trabalham no salão de beleza americano e preparam o cabelo de Ifemelu para sua volta à Nigéria, seus pais acham que ela não conseguiria “aguentar” (ADICHIE, 2014, p. 24)<sup>92</sup> voltar a seu país de origem. As produções de valores, nestes casos, são todas feitas por nigerianos e indicam uma submissão à superioridade ocidental seja no sentido educacional, intelectual ou estrutural. Elas são apenas exemplos de muitos

---

<sup>91</sup> Como, por exemplo, a enunciação de uma nigeriana rica que está no mesmo evento cheio de pessoas influentes que Obinze e afirma, sobre a escolha entre uma escola nigeriana e outras de influência européia: “Se você decidir colocar sua filha em desvantagem mandando-a estudar numa dessas escolas com professores nigerianos de meia-tigela, a responsabilidade é sua” (ADICHIE, 2014, p. 37) / “If you decide to disadvantage your child by sending her to one of these schools with half-baked Nigerian teachers, then you only have yourself to blame,” (ADICHIE, 2013, p. 26). Neste caso, é possível perceber uma perpetuação de valores hegemônico, em um meio econômico abastado, dentro do contexto ficcionalizado como nigeriano.

<sup>92</sup> “cope” (ADICHIE, 2013, p. 17)

outros momentos em que uma expectativa vinda das personagens secundárias é descontinuada, para que um imperativo da diferença se sobressaia.

A autora Jessica Hidalgo (2015, p. 3) considera que o fato de Ifemelu ter se tornado uma blogueira famosa influencia a formação de sua identidade como negra não americana nos Estados Unidos, o que está inevitavelmente ligado aos relacionamentos interculturais - não apenas românticos - que ela estabelece em sua experiência. Sobre o relacionamento com Curt que, de acordo com Hidalgo (2015, p. 11), representa o mundo real do privilégio branco e racismo na América, é necessário observar que existe uma conexão entre os efeitos desse contato e os objetivos pessoais que a protagonista quer alcançar, como mulher imigrante. Esse fato permite a reflexão acerca das oportunidades que realmente se dispõem diante da vivência de quem não pertence à massa dominante. A volta para a Nigéria, por sua vez, que representa uma possível quebra de expectativas em relação ao trajeto padrão relacionado à busca por sucesso no mundo industrial ocidental, significa uma ressignificação de padrões culturais. Além disso, esse retorno lhe traz paz, como se houvesse uma regularização para o descentramento, já que ela “estava em paz; por estar em casa, escrevendo seu blog, por ter descoberto Lagos de novo. Finalmente, havia se engendrado num ser completo” (SMITH, 2014, p. 510)<sup>93</sup>. Essa possível regularização não corresponde a um retorno completo e circular ao ponto de partida, mas uma redescoberta de um novo ambiente, feita por uma pessoa diferente da que sai da Nigéria muitos anos antes.

Possivelmente, o movimento das protagonistas analisadas em direção a estas personagens secundárias - Hortense e Curt - viabiliza o contato com o centro cultural periférico - a Nigéria, no caso de Ifemelu, e a Jamaica, no caso de Irie. Este destino final, por sua vez, pode representar uma emancipação de hierarquias culturais discursivamente construídas. Ambas, por não se submeterem ao sistema imposto sobre elas, quebram com as expectativas criadas sobre a figura da mulher imigrante. Além disso, através da detecção da maneira como Irie e Ifemelu, em suas formas distintas e particulares, articulam sua percepção das relações categorizadas por princípios excludentes, é possível concluir que elas demonstram uma evolução direcionada à subversão de estereótipos étnicos e culturais. O fato de conseguirem verbalizar uma fala que resiste ao sistema pode ser considerada uma das evidências de tal assertividade, que aponta para o desenvolvimento de um empoderamento relacionado às suas singulares construções identitárias. Por fim, a

---

<sup>93</sup> she was at peace: to be home, to be writing her blog, to have discovered Lagos again. She had, finally, spun herself fully into being. (SMITH, 2013, p. 343)

descoberta, no caso de Irie, de um espaço novo e a redescoberta, no caso de Ifemelu, de seu local de origem, é semelhante, visto que alcança uma possível representação de um encontro com si.



## 5 DIMENSÕES DE GÊNERO

Uma vez tomado como norte o eixo temático da questão de gênero, é possível aprofundar o entendimento sobre a figuração feminina negra que integra o contexto da imigração. Através da aproximação das trajetórias das protagonistas de Adichie (2013) e Smith (2001), percebe-se que esta diferença da norma dominante compartilhada entre elas é outro elemento presente na literatura de fluxos migratórios do século XXI que desafia relações desproporcionais de poder. Em *Identidade e Diferença*, Tomaz Tadeu da Silva observa que “onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença - aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas” (SILVA, 2014, p. 81), o que reforça a percepção da denúncia da imposição de valores sexistas nas narrativas analisadas. Em relação às construções ficcionais das protagonistas em questão, o fato de Irie e Ifemelu carregarem a identidade de gênero feminina revela a forma como elas se diferenciam daqueles que se beneficiam de um sistema sexista e, conseqüentemente, compreendem a si. Há uma polarização entre o senso de pertencimento das protagonistas e o nicho dos detentores do poder discursivo que, por sua vez, dominam estratégias de imposição de verdades absolutas. A criação de símbolos femininos negros, como Irie e Ifemelu, inseridos em contextos de fragilização social, como o de fluxos migratórios manifesta um movimento artístico que, de inúmeras formas e níveis, expõe uma perspectiva marginalizada e, assim, resiste à perpetuação de princípios excludentes.

Diante da dificuldade de alcançar relações de igualdade - um problema que é refletido da realidade para o plano ficcional -, o leitor compreende juntamente com as protagonistas que elas precisam criar estratégias de convívio social para lidar com a opressão de gênero. A configuração de circunstâncias em que padrões sexistas são evidenciados, além de revelar como as protagonistas lidam com tais problemas sociais, impulsiona a pesquisa acerca da natureza e perpetuação de tais valores. Judith Butler (2003, p. 49), ao dialogar com o feminismo radical de Monique Wittig, considera a performatividade de gênero nas práticas culturais e a misoginia presente nas aplicações da linguagem. A autora americana define gênero, a partir do que é desenvolvido por Simone de Beauvoir, como “a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2003, p. 59). A partir do que é apresentado por Butler, entende-se que há uma interpretação binária sobre a performatividade de

gênero, que funciona em uma conjuntura regulada em prol da produção de uma imagem fixa de “homem” e “mulher” e que rege formas de representação e de identificação.

Para aprofundar o entendimento sobre a perspectiva feminina, é necessário, portanto, considerar uma transformação do exercício da linguagem, para que não ocorra um apagamento da escrita feminina, como prevê Wittig ao concordar com a crítica de Beauvoir em *O segundo sexo* (BUTLER, 2003, p. 50). A depender da forma como é configurada, a linguagem pode ter o efeito de subordinação e exclusão de mulheres. No entanto, dada a sua fluidez, ao definir algo como gênero, é acatado, também, o caráter transformador da linguagem, que acompanha as transformações históricas de valores. De acordo com a autora, se a configuração do ser mulher é uma prática discursiva, “o termo está aberto a intervenções e re-significações” (BUTLER, 2003, p. 59). É possível compreender, então, que, a depender da maneira como a linguagem é trabalhada, a construção poderá ou não garantir a misoginia. Por isso, é preciso estudar as configurações de elementos como o local de fala (RIBEIRO, 2017) engendrado na configuração ficcional, para refletir sobre o nível de consciência que as protagonistas apresentam em relação à garantia da norma sexista. Dessa maneira, é viável identificar manifestações de questionamento e emancipação de tal norma, o que possibilita a compreensão da negociação identitária presente na figuração de protagonistas imigrantes. Se há uma tentativa de imposição de moldes identitários e comportamentais direcionada ao público feminino, a representação de figuras que fragmentam a expectativa da mulher ocidental apresenta uma forte ideologia.

Ao ficcionalizar evidências de padrões sexistas, autoras de literaturas de fluxos migratórios, como Chimamanda Adichie e Zadie Smith, criam uma arena de confluência de denúncias interseccionais. Tais denúncias podem configurar uma ideologia que combate as problemáticas expostas nas narrativas, como opressões raciais, culturais ou de gênero. Em *Ideology: A Multidisciplinary Approach* (1998), Teun Van Dijk observa que ideologias representam nossa identidade, o que defendemos como valores morais e como nos relacionamos (VAN DIJK, 1998, p. 69). Além disso, o autor afirma que a consciência que temos dos eventos que nos cercam é frequentemente baseada em uma construção social da qual as elites podem influenciar a invenção (VAN DIJK, 1998, p. 176). Então, é pertinente estar sensível às retóricas que viabilizam a denúncia da exclusão, visto que esse pode ser o ponto de partida para uma percepção de tentativas de subversão de uma realidade construída com base em ideologias racistas, classistas e sexistas. O autor também afirma que as ideologias racistas facilmente reproduzidas na mídia, que garantem

um sistema racista e desigual, é um interesse compartilhado pela massa dominante (VAN DIJK, 1998, p. 178), o que reforça a pertinência de considerar as opressões presentes no local de fala de quem está sendo representado nas narrativas em questão e de atentar para possíveis ressignificações de um conceito fixo da figura feminina.

Entretanto, não apenas a linguagem pode ser trabalhada para produzir ou não efeitos de inclusão ou exclusão, como as opressões intersectantes podem assumir adaptações específicas que se adaptam a contextos sociais. Por isso, ainda vale ressaltar que um único evento que demonstra relações desiguais de raça pode revelar, concomitantemente, relações hierárquicas de gênero, por exemplo. Como explica Collins (2000, p. 228), independentemente da forma de organização de um sistema de dominação, este compreenderá o caráter universal da configuração da opressão. Ao estudar a gênese discursiva da figura feminina, Oyèrónké Oyèwùmí observa a influência ocidental na construção dominante do que é conhecido como mulher. Embora seja questionável que o determinismo biológico tenha um viés único e ocidental, a atual produção da diferença com base em interesses comerciais revela a influência da “natureza dominante masculina de todas as instituições e discursos ocidentais” (OYÈWÙMÍ, 1997, p. 6) na busca por pertencimento identitário. Mesmo que houvesse, antes do período da colonização, formas de atribuição de gênero comuns ao contexto nigeriano, hoje há um domínio ocidental que interfere na interpretação da “experiência dos povos africanos – e o gênero seria uma das mais importantes dentre estas categorias” (NASCIMENTO, 2019, p. 10). É possível perceber, portanto, através de estudos como o de Oyèwùmí, consequências sociais fundadas em princípios que não apenas contemplam interesses comerciais e, conseqüentemente, ignoram e desrespeitam a diferença, mas também mostram a conexão entre problemas de raça, cultura e gênero.

Apesar de Oyèrónké Oyèwùmí restringir seu objeto de pesquisa ao seu local de origem, é válido aplicar sua perspectiva à questão da performatividade de gênero com base em influências industriais midiáticas e hegemônicas. Tendo em vista os contextos de dominação desvelados a partir da presente análise, é importante, a partir do estudo do local de fala das protagonistas de Adichie (2013) e Smith (2001), destacar o ponto de partida de percepção da representação de relações hierárquicas de gênero. Se, na era globalizada, valores dominantes e instaurados a partir de processos homogeneizantes como a colonização não estão restritos apenas às localidades dominadas, é pertinente considerar a relação entre o colonialismo e determinações de gênero que influenciam caminhos de pertencimento identitário.

Em *Diálogos entre Colonialidade e Gênero* (2019), Jéssica Ferrara observa que, através do conceito da interseccionalidade, é possível detectar a dupla opressão vivida pela mulher colonizada e a “herança colonial que associa a hiperssexualização do corpo feminino à subjugação de sua nacionalidade” (FERRARA, 2019, p. 2). A partir disso, fica indicada a relação entre noções de pertencimento nacional e comportamentos que reduzem, muitas vezes, o corpo feminino a um objeto com funções biológicas e sexuais. Mesmo que a autora considere, em sua pesquisa, o *lócus* brasileiro, suas considerações a respeito da permanência de interesses ocidentais na perpetuação de valores morais podem tomar maiores proporções, dada a globalização. Se o pertencimento nacional é uma noção trazida do discurso colonialista, a visão de mundo europeia imposta sobre as colônias perpetua o racismo, classismo e sexismo através das diversas cicatrizes da colonização. Por isso, a discussão sobre o processo de colonização é importante para o presente estudo, visto que se trata de uma visão dominante cujas consequências sociais são ficcionalizadas por artistas sensíveis ao sofrimento marginal. Para estudos que visam identificar possíveis manifestações de valores opressivos e suas consequências no processo de pertencimento social e negociação identitária de mulheres negras, ainda, a colonização pode ser considerada um fator multiplicador de opressões. De acordo com Marcuse (1972, p. 110 *apud* Ferrara, 2019, p. 2) o efeito de ideologias que naturalizam a superioridade masculina e a inferioridade da subjetividade feminina é muito mais profundo quando relacionado ao racismo.

Por isso, é fundamental compreender que a análise de questões relacionadas ao eixo temático centrado em problemas de gênero estará frequentemente imbricada em manifestações de preconceito racial. No caso das protagonistas analisadas, Ifemelu vem de um país que conseguiu sua independência do domínio britânico em 1960 e Irie é da Inglaterra, porém não corresponde ao padrão britânico por sua ascendência jamaicana. É válido observar que, pela forma como o enredo é apresentado ao leitor, compreende-se que Irie tem sua existência como mulher de ascendência britânica e jamaicana como uma consequência de eventos motivados por interesses coloniais que interferem na trajetória de povos do continente Africano, da Jamaica e Inglaterra. Se a intensa miscigenação do que restou dos povos nativos das ilhas do Caribe com os escravos africanos são fatores causados pela expansão colonial, a migração representada em *White Teeth* (2001) da família Bowden da Jamaica em direção à Inglaterra, que resulta no nascimento da protagonista, faz com que ela seja influenciada por interesses coloniais em níveis mais sutis.

Assim, a associação entre uma concepção fixa de pertencimento nacional, baseada em verdades absolutas propagadas pelo discurso colonial, traz consigo padrões silenciadores e preconceituosos cuja denúncia pode ser percebida nas narrativas de Adichie (2013) e Smith (2001). A percepção dessas denúncias faz com que particularidades marginalizadas pela massa dominante sejam articuladas, o que revela indícios positivos de maiores exercícios de captação e compreensão de vozes periféricas. A dualidade presente na diferenciação entre a margem e o centro pode indicar a existência de formas diferentes e particulares de interpretar a realidade e a compreensão de uma perspectiva completa deve considerar uma quantidade diversa de pontos de vista. É pertinente reconhecer que a essencialização naturaliza a dominação de uma perspectiva única, que, por sua vez, mantém aquele submetido ao padrão hegemônico silenciado. Se a manifestação de resistência do subalterno precisa estar imbricada no discurso hegemônico para que seja compreendida e, portanto, legitimada, é válido considerar o caráter político da representação da voz feminina negra.

A figuração de uma visão de mundo que é socialmente localizada em oposição ao olhar hegemônico, além de expandir a dimensão da perspectiva que quer compreender sistemas desiguais, oportuniza uma compreensão sobre tais existências que transcende a opressão. A compreensão da diversidade da experiência é um exercício que desconstrói o pensamento totalizante e autoritário, que é a base da perpetuação da violência de raça, classe e gênero. A autora americana bell hooks (1984, p. 5) explica que o patriarcado presente nas estruturas sociais capitalistas garante à mulher uma ausência de escolha que perpetua seu próprio funcionamento. Por isso, é imprescindível questionar os moldes fixos atribuídos a figuras marginalizadas e estudar com cautela as opressões intersectantes que prejudicam a fluidez de sua expressão, para, então, tentar desconstruir o olhar colonial e compreender a diversidade.

Portanto, para abordar a configuração de relações desiguais de gênero, este capítulo é organizado, similarmente aos dois capítulos anteriores, de maneira a expor um movimento direcionado à fragmentação de princípios dominantes. Primeiramente, são demonstradas passagens que evidenciam momentos de silenciamento sofrido pelas protagonistas motivado por alguma forma de violência de gênero. A análise destas passagens ocorre com o intuito de identificar comportamentos agressivos em seus diferentes níveis de intensidade e as reações que Irie e Ifemelu têm, por sua vez, perante o padrão sexista. Em um segundo momento, é considerado o mesmo padrão dominante, entretanto, são analisados momentos em que protagonistas reagem à dominação de forma a questionar a imposição de relações desiguais de gênero. Finalmente, no terceiro

subcapítulo, busca-se identificar a exposição de comportamentos que desestabilizam a perpetuação do princípio machista, partindo da perspectiva das protagonistas analisadas, visto que suas vivências expostas ao longo de suas respectivas narrativas as permitem desestabilizar expectativas de gênero. Para que possamos, então, entender a construção da identidade a partir da diferença, considerando o local de fala de Irie e Ifemelu como símbolos da mulher negra e imigrante, é necessário compreender a problemática de gênero figurada em *White Teeth* (2001) e *Americanah* (2013).

## 5.1 SUBMISSÃO

Visto que um senso de identidade pode ser formado, não apenas por um conjunto de comportamentos e posicionamentos vindos de uma pessoa, mas pelas relações sociais estabelecidas em diferentes contextos de interação (PALUMBO-LIU, 2000, p. 777-778), é interessante atentar para a comunicação que acontece entre as protagonistas e representantes da dominação sexista em seus respectivos contextos diegéticos. Como são socializadas no mesmo sistema programado para manter a dominação masculina, muitas personagens secundárias femininas também podem reproduzir ideais machistas, o que aumenta as circunstâncias em que Irie e Ifemelu precisam reagir a ofertas de materialização da objetificação de gênero. É válido ressaltar que personagens como Clara, a mãe de Irie, e Tia Uju, prima de Ifemelu, são mulheres que não parecem resistir à imposição sexista, o que permite a percepção de diferentes intensidades de existência, adaptação e propagação do ideal capitalista e patriarcal. Nos excertos analisados neste subcapítulo, a representação da imposição de uma norma opressiva e baseada em interesses patriarcais é analisada, em adição à interpretação da configuração da voz feminina negra que acontece através da ficcionalização de personagens como as protagonistas de Adichie (2013) e Smith (2001).

Para que seja possível trabalhar com representações como essas, vale ressaltar que, em uma quantidade significativa das passagens mencionadas nos capítulos anteriores mostram, também, relações desiguais de gênero, o que reforça o argumento das opressões intersectantes. É pertinente lembrar, como exemplo dessas relações, o evento que Irie vive na escola (SMITH, 2003, p. 266), em que seus colegas de classe fazem comentários sobre partes de seu corpo, sua mão obsessivamente posicionada sobre a barriga (SMITH, 2003, p. 267) e o primeiro contato com Marcus Chalfen, por um lado. Por outro, é pertinente observar que o problema de gênero intrínseco

no de raça presente na relação entre Ifemelu e Curt foi brevemente mencionado no subcapítulo anterior e ainda será aprofundado, além de outros relacionamentos da protagonista nigeriana. Como afirma hooks (1984, p. 25), é interessante examinar exclusivamente a relação das mulheres com a supremacia masculina e a ideologia do sexismo, o que, na ficção, pode se manifestar das mais variadas maneiras.

Em *White Teeth* (2001), de uma maneira não linear, é exposta uma trajetória das mulheres da família Bowden em que a relação entre mulheres negras e homens brancos é significativamente marcante. A mãe de Hortense, Ambrosia Bowden, tem sua única gravidez do Capitão Charlie Durham, que a deixa, por interesses comerciais, aos cuidados de Testemunhas de Jeová e de Edmund Glenard, um dos ingleses fundadores da escola onde Irie estuda. A figuração da escola e da religião acabam se tornando instrumentos de controle do comportamento feminino, visto que, no primeiro espaço, Irie sofre uma série de silenciamentos, enquanto o segundo motiva a fuga de Clara do seio familiar de sua mãe. A relação entre Ambrosia e Durham, que é desenvolvida pela voz narrativa, de forma irônica, como uma crítica à imposição colonial da Inglaterra em países e povos colonizados (ARIKAN, 2013, p. 1686)<sup>94</sup>, é exposta através de uma linha de argumentação que mostra a persistente tentativa do homem branco de compelir sua verdade dominante sobre o indivíduo subjugado. É interessante expor o excerto em que os bisavós de Irie se veem pela última vez, para que seja entendida a simbologia envolvida neste evento:

Cada momento acontece duas vezes: dentro e fora, e são duas histórias diferentes. Fora de Ambrosia, havia muitas pedras brancas, nenhuma pessoa, um altar dourado descascado, pouca luz, fumaça de velas, nomes espanhóis, gravados no piso e uma madona de mármore enorme, de cabeça baixa, em cima de um pedestal elevado. Tudo estava sobrenaturalmente sereno enquanto Glenard começava a tocá-la. Dentro, porém, havia uma pulsação galopante, a compressão de milhões de músculos que desejavam, desesperadamente, repelir as tentativas de Glenard de oferecer instrução, os dedos pegajosos que, mesmo nesse momento, tocavam-lhe os seios, deslizando sob o tecido fino de algodão e apertando os mamilos já pesados com o leite, leite que jamais se destinaria a uma boca tão grosseira. Dentro, ela já estava correndo pela King Street. Fora, porém, Ambrosia estava paralisada. Enraizada no lugar, uma pedra tão feminina quanto qualquer madona. (SMITH, 2003, p. 349-350)<sup>95</sup>

<sup>94</sup> “By this story, Smith again presents criticism towards colonial dominance of England on colonized countries and their people. In the novel, it is stated that ‘He [Captain Durham] was not satisfied with simply taking her maidenhood. He had to teach her something as well’ (Smith, 356). Ofcourse, that teaching sounds ironic as it is the teaching of the colonizer.”

<sup>95</sup> Every moment happens twice: inside and outside, and they are two different histories. Outside of Ambrosia there was much white stone, no people, an altar peeling gold, little light, smoking candles, Spanish names engraved in the floor, and a large marble madonna, her head bowed, standing high upon a plinth. All was preternaturally calm as Glenard began to touch her. But inside, there was a galloping heart-beat, the crush of a million muscles that wanted desperately to repel Glenard’s attempts at an education, the clammy fingers that even now were at her breast, slipping

A construção imagética presente na última frase do fragmento exposto acima pode estar relacionada à imposição petrificante da performance feminina criada pela perspectiva ocidental, que resulta em um estado enraizado, o que pode estar associado ao título da obra - *White Teeth*. Assim, é argumentável que a escolha lexical “white”, que caracteriza os dentes - e, por consequência, as raízes -, já indica de antemão que este romance denuncia a narrativa da soberania tradicional branca trazida pelos grandes relatos. A representação dos espaços, dividida entre um polo interior e um exterior, cria uma dicotomia entre um interior pulsante, de músculos desesperados para fugir ou bloquear um exterior rígido, branco e empedrado que contamina a menina grávida, a tornando “uma pedra tão feminina quanto qualquer madona”. Ademais, através dessa metáfora, presente ao final da passagem, é possível associar a figura de Ambrosia ao modelo de feminilidade imóvel e idealizado carregado pelo processo colonial e consolidado pelas grandes narrativas

Além disso, é possível perceber que, nessa passagem, a voz narrativa apresenta este abuso, que acontece dentro de um espaço associado com práticas religiosas, marcado com nomes espanhóis e um altar dourado descascado. A forma como o espaço é apresentado ao leitor pode revelar uma imposição de valores europeus de uma colonização anterior, que viera para caracterizar aquele espaço, porém o abandona para um destino de exploração colonial e escravagista. A imagem idealizada da santa virgem que carrega um filho simbolizada pela grande madona de mármore pode revelar um paralelo entre o molde criado pelo contexto religioso europeu e a imposição de gênero que se concretiza neste momento da narrativa. A possibilidade de configuração de um trauma parece estar interligada a uma sensação de enraizamento, visto que Ambrosia deseja correr, mas não o faz. Pela criação através das escolhas lexicais "paralisada" e "enraizada no lugar", é possível entender a dimensão da opressão, que a impede de obedecer ao instinto de fuga. Visto que este é um padrão comportamental que transcende gerações e tem conexão com a forma com que Irie ressignifica seu destino como mulher negra e, ao final da narrativa, imigrante, é preciso ampliar o escopo para além das relações pessoais e exclusivas da protagonista.

Em um momento mais avançado na cronologia da narrativa, em que as famílias Chalfen e Jones se encontram, para celebrar as conquistas acadêmicas de Irie, Joyce pergunta a Clara a origem dos genes que carregam o fator da inteligência, no caso da protagonista. Apresentando claros sinais

---

between thin cotton and squeezing nipples already heavy with milk, milk never intended for such a rough mouth. Inside she was already running down King Street. But outside Ambrosia was frozen. Rooted to the spot, as feminine a stone as any madonna. (SMITH, 2001, p. 360-361)



de nervosismo ao encontrar com a família pela qual Irie tanto substitui a sua própria, Clara observa que vem do lado inglês em sua família, ao lembrar da influência de Glenard/Durham. Após a resposta da jamaicana, há a exposição da resposta de Joyce e das impressões de Clara, que podem ser vistas no seguinte excerto:

“Nossa, mas que fascinante! É o que eu digo para o Marcus... são os genes, não importa o que *ele* diga. Ele diz que sou simplista, mas ele é teórico demais. Constatado que tenho razão *o tempo todo!*”

Quando a porta se fechou a suas costas, Clara mordeu o lábio mais uma vez, agora de frustração e raiva. Por que dissera capitão Charlie Durham? Isso era uma mentira deslavada. Falso como seus próprios dentes brancos. Clara era mais inteligente que o capitão Charlie Durham. Hortense era mais inteligente que o capitão Charlie Durham. Até mesmo tia Ambrosia era, provavelmente, mais inteligente que o capitão Charlie Durham. O capitão Charlie Durham não era inteligente. Achava que era, mas não era. Sacrificar mil pessoas porque queria salvar uma mulher que na verdade jamais conheceu. (SMITH, 2003, p. 344)<sup>96</sup>

O uso do discurso indireto livre para expressar o pensamento de Clara como resposta à situação supracitada e a repetição do nome do capitão têm um efeito de transmissão do desconforto da mãe de Irie em ter afirmado a inteligência do lado masculino/inglês de sua genealogia em detrimento ao feminino. A crítica que apresenta à irresponsabilidade do inglês que age em prol de interesses sexistas e sexuais reforça a negatividade depositada nesse elemento representante das motivações e dominações coloniais, das mais diversas dimensões.

Como observa Seda Arikan (2013, p. 1687)<sup>97</sup>, Glenard representa o colonizador bem sucedido e, por isso, em uma narrativa que fragmenta expectativas, representa, também, o mal. A subversão de valores tradicionais pode ser percebida, portanto, através desta interpretação. Entretanto, mesmo que a mensagem seja compreendida pelo leitor, o padrão de dominação patriarcal e ocidental perpassa a existência de Ambrosia, Hortense, que segue o marido até a Inglaterra atrás de uma promessa de vida digna, Clara, que acredita na falsa liberdade de um padrão dominante ao casar com um inglês, e Irie, até certa medida, pois trilha sua vida ao lado de Joshua. O diferencial é que a protagonista descontinua a linearidade consolidada por mães negras e pais

---

<sup>96</sup> ‘Well, how fascinating! It’s what I say to Marcus – it is the genes, whatever he says. He says I’m a simplifier, but he’s just too theoretical. I’m proven right all the time!’ As the front door closed behind her, Clara bit her own lip once more, this time in frustration and anger. Why had she said Captain Charlie Durham? That was a downright lie. False as her own white teeth. Clara was smarter than Captain Charlie Durham. Hortense was smarter than Captain Charlie Durham. Probably even Grandma Ambrosia was smarter than Captain Charlie Durham. Captain Charlie Durham wasn’t smart. He had thought he was, but he wasn’t. He sacrificed a thousand people because he wanted to save one woman he never really knew. (SMITH, 2001, p. 355)

<sup>97</sup> “As a representative of the colonizer, the influence of Sir Glenar is reflected as evil in the novel”

brancos, além de sua relação com sua futura geração, visto que ela tenta “recortar a filha de complicações parentais” (SMITH, 2003, p. 517)<sup>98</sup>. Em outro artigo já mencionado previamente, Medlock (2018, p. 42)<sup>99</sup> observa a conexão histórica e corrupta de Glenard com a família de Irie afirma que, mesmo que as intenções do colonizador fossem baseadas em ganância, racismo e ignorância, ele foi central para a fundação da escola. Como visto no terceiro capítulo, a escola é cenário de episódios de racismo partidos do diretor e da professora de literatura, o que expõe uma exclusão sistemática. Em relação à gênese da família Bowden, fica evidenciada uma imposição histórica de uma performance de gênero a partir da perspectiva de mulheres que precisam assimilar, também, atribuições excludentes de origem europeia em relação à sua etnia.

Antes que pudesse perceber a imposição sexista no comportamento do indivíduo social, Irie se permite conviver com Marcus, o pai da família britânica, que aproveita a maior parte das oportunidades que tem para expressar um racismo, sexismo e homofobia disfarçados de um tom jocoso. Em adição à passagem exposta no primeiro capítulo em que Marcus anuncia a chegada de Irie através de um comentário objetificador das características físicas da jovem, existe um momento em que ele faz repetidos comentários sexistas. A escolha autoral de construir uma circunstância em que uma atitude que destila uma ideologia opressiva, porém disfarçada de verbalização jocosa contribui para a sensibilização de um comportamento opressivo.

É possível analisar a atitude de Marcus a partir de diferentes momentos de interação com os filhos de imigrantes. Primeiramente, em um deles, Marcus observa para Irie que sabe o quanto ela se importa com a comida, o que causa estranheza no leitor, que, ao compartilhar a perspectiva de Irie, compreende o quão desnecessário é o comentário do britânico. Além disso, ele é repreendido por Joyce por causa de seu comentário e, depois disso, ele afirma “Sensível? Quanto ao peso? Mas todo mundo gosta de uma moça cheinha, não gosta? *Eu* gosto.”<sup>100</sup> (SMITH, 2003, p. 321). Por isso, é perceptível o princípio patriarcal, que compreende o corpo feminino apenas através do imperativo da hiperssexualização. A escolha autoral de expor esse discurso dessa forma, além de ser especial por captar a essência de um evento mundano, demonstra a insistência em reduzir a figura feminina negra à imagem de seu corpo. Ademais, é possível perceber que a

<sup>98</sup> “clipped of paternal strings” (SMITH, 2001, p. 541)

<sup>99</sup> “Before the novel depicts Sir Edmund Glenard Flecker’s corrupt historical ties to Irie’s family, he is presented as her school’s “kindly Victorian benefactor [...] whom the school had decided to remember” through its title (252). Certainly, Glenard was the financial backbone of the future school’s fruition. And yet his intentions were rooted in greed, racism, and ignorance.”

<sup>100</sup> “Touchy? About her weight? But everybody likes a big girl, don’t they? I know *I* do.” (SMITH, 2001, p. 330)

dicotomia polarizante entre corpos magros e gordos é formada por perspectiva regradada por um filtro que naturaliza a ditadura da magreza.

Na sequência do comentário que Marcus direciona a Irie, o pai da família Chalfen começa a interagir com Millat e deixa transparecer uma perspectiva sexista ainda mais evidente, o que é interessante visto que seu jogo de misoginia acaba sendo finalmente direcionado à protagonista. Quando Millat chega, ele presume que o mau humor é por motivos sexuais e pergunta: “Não deu pra enfiar a mão na calcinha da garota? Não deu pra garota enfiar a mão na sua cueca? A garota não estava usando calcinha? Só por curiosidade, que tipo de calcinha ela estava...” (SMITH, 2003, p. 322)<sup>101</sup>, o que repete o comportamento sexista porque reduz a mulher a um objeto destinado a satisfazer o homem.

Por fim, ao ser repreendido por Josh pelo comentário que faz, ele diz "Bem, se você tivesse alguma vez chegado a encostar um dedo na calcinha de uma garota, Josh - retrucou Marcus, olhando enfaticamente para Irie -, eu me daria ao trabalho de argumentar, mas até agora..." (SMITH, 2003, p. 322)<sup>102</sup>, o que apresenta uma clara instrução de Marcus para Josh que não apenas sexualiza novamente o corpo da protagonista, mas indica um comportamento invasivo que envolve a violação da intimidade de alguém pela simples diferença de gênero. Essa sequência de interações entre Marcus e Joyce, Millat e Josh atesta a visão de mundo patriarcal que rege o contexto familiar dos Chalfen e parece somar uma série de comportamentos opressivos que atacam a protagonista direta ou indiretamente. É interessante observar que em nenhum dos momentos expostos Marcus fala diretamente com Irie, mas fala dela com Josh e Joyce e possivelmente atinge sua autoestima ao mencionar o fato de Millat ter estado com outra menina.

As sequências de enunciações que partem de Marcus confirmam que, ao se inserir no contexto familiar dos Chalfen, Irie se submete a uma condição de subjugação com base em sua alteridade de gênero. Uma reação semelhante acontece se considerarmos a relação que a protagonista nigeriana tem com as personagens do contexto da família tradicional americana, especialmente quando se aproxima de Curt. Uma reação ligada ao relacionamento de Ifemelu e Curt, logo que eles começam a revelá-lo à família de Kimberly, representa problemas de gênero imbricados em questões raciais, além de engatilhar um flashback que revela um racismo velado

---

<sup>101</sup> Couldn't get in girl's pants? Girl wouldn't get in your pants? Girl not wearing pants? Out of interest, what kind of pants was she ... (SMITH, 2001, p. 331)

<sup>102</sup> Well, if you ever actually got in anybody's pants, Josh," said Marcus, looking pointedly at Irie, "I'd be able to get my kicks through you, but so far' (SMITH, 2003, p. 331)

inserido na relação com o americano. O excerto a seguir, que mostra a reação de Don, seguida de uma observação da voz narrativa sobre o par romântico da protagonista permite a percepção do desenvolvimento de momentos em que existe uma diferença criada na base da alteridade de raça e gênero da protagonista:

A surpresa dele fez Ifemelu pensar em Abe, da aula de ética. Don a achava bonita e interessante e achava Curt bonito e interessante, mas não lhe ocorreu pensar nos dois, juntos, emaranhados nos fios delicados de um romance.

Curt nunca tinha transado com uma negra; ele disse isso para ela após sua primeira vez, em sua cobertura em Baltimore, jogando a cabeça num gesto em que caçoava de si mesmo, como se fosse algo que devesse ter feito havia muito tempo, mas que sempre deixara para depois. (ADICHIE, 2014, p. 212)<sup>103</sup>

Curt, que, em um primeiro momento, manifesta uma ilusão de desconstrução por se permitir não apenas imaginar, como viver um relacionamento com uma mulher de outra etnia, acaba revelando um interesse pela exotização do corpo negro. Ao tentar caçoar de não ter tido, ainda, uma experiência sexual com uma mulher negra, como se ela fosse um produto novo a ser experimentado e que ele considera ter vacilado em “deixar para depois”, ele não está expressando um genuíno arrependimento de não ter conhecido Ifemelu antes, mas objetificando seu corpo ao generalizá-lo.

Em relação a Don, que representa a superioridade masculina no contexto familiar americano, a dificuldade que o pai da família americana tem em assimilar a possibilidade do relacionamento entre Ifemelu e Curt mostra o caráter limitante de uma perspectiva sistematicamente excludente, mesmo que ele não verbalize totalmente o seu desconforto. No artigo de Nancy Bonvillain (2016), há a observação da reação de Don e da exotização feita por Curt. A autora afirma que

No fim, Ifemelu é apenas mais uma menina em uma longa lista de mulheres exóticas, mas ela aproveita o relacionamento enquanto ele dura e aprende com sua experiência com Curt. A família dele permite que Ifemelu olhe de relance o círculo social da alta sociedade; do lado de fora, eles praticam aceitação e abertura, mas as minorias permanecem Outros,

---

<sup>103</sup> His surprise reminded Ifemelu of Abe in her ethics class: Don thought she was attractive and interesting, and thought Curt was attractive and interesting, but it did not occur to him to think of both of them, together, entangled in the delicate threads of romance. Curt had never been with a black woman; he told her this after their first time, in his penthouse apartment in Baltimore, with a self-mocking toss of his head, as if this were something he should have done long ago but had somehow neglected. (ADICHIE, 2013, p. 145)

meros acessórios ao seus estilos de vida confortáveis (BONVILLAIN, 2016, p. 49-50, tradução nossa)<sup>104</sup>

Tendo em consideração a dicotomia configurada entre o grupo hegemônico - Curt, Kimberly e Don, por exemplo - e o subjugado - Ifemelu, Blaine, Tia Uju, por exemplo -, Mary Bonvillain indica a hipocrisia presente nas relações da chamada alta sociedade, visto que apresentam um comportamento exterior que não condiz com seus ideais legítimos. A autora também afirma (2016, p. 50) a percepção que a protagonista tem de uma regra velada e propagada entre os americanos de simplesmente declarar uma qualquer diferença nos negros, mesmo que estejam no estrato mais baixo da escala social.

Ademais, configurações que envolvem uma relação de dominação de raça e gênero podem ser vistas na narrativa de Adichie (2013) de uma forma que transcende os territórios nacionais da Nigéria ou Estados Unidos e acompanha a perspectiva da voz narrativa, como no caso do relacionamento entre Tia Uju e o General ou Kosi e Obinze. Visto que o acesso aos recursos capitais obtidos pelos homens do exemplo citado anteriormente cria relações de poder desiguais entre os gêneros das pessoas envolvidas no casal, expressões de raça parecem emergir de uma forma intrínseca, como necessidades veladas que Uju e Kosi têm de apagar suas negritudes através de procedimentos estéticos. No que diz respeito à focalização da protagonista, especificamente, é possível identificar hierarquias de raça, cultura e de gênero a partir da forma como outras personagens lidam, por exemplo, com o relacionamento de Ifemelu e Curt. Além disso, é importante mencionar experiências sofridas pela imigrante nigeriana nos Estados Unidos que contribuem para o quadro de depressão<sup>105</sup> que ela vem a desenvolver, visto que elas exibem uma clara opressão de gênero.

Antes que pudesse ter a chance de conhecer Curt, Ifemelu tem vivências substancialmente frustrantes ao tentar inserir-se no mercado de trabalho não apenas por causa da preocupação financeira, mas também pela violência que sofre com base na diferença de gênero. No início do capítulo 15, Ifemelu suporta um momento de assédio, também na tentativa de se posicionar profissionalmente. Antes do primeiro encontro com a família de Kimberly e o segundo, há a

---

<sup>104</sup> “ In the end, Ifemelu is another girl on his long list of exotic women, but she does enjoy the relationship while it lasts and learns from her time with him. Curt’s family allows Ifemelu a rare glimpse inside the wealthy WASPs’ social circle; outside they practice openness and acceptance, but minorities remain Others, mere accessories to their comfortable lifestyles.”

<sup>105</sup> Inserir nota com a página em que constará a menção do trecho sobre a depressão (Capítulo 1) e das tentativas frustradas de conseguir um emprego (Capítulo 2).

construção de um momento em que a protagonista vai à casa de um homem, por causa do seguinte anúncio: “*Assistente pessoal mulher para professor de esportes ocupado de Ardmore, precisa ser comunicativa e saber lidar com o público*” (ADICHIE, 2014, p. 157). O leitor descobre, juntamente com a protagonista, que o anúncio se trata de uma estratégia para atrair mulheres com um perfil extrovertido para um homem com o interesse de persuadi-las a trabalhar de forma semelhante a prostituição. Bonvillain (2016, p. 21) observa que a longa busca por emprego faz com que Ifemelu perceba que a forma como Tia Uju cresce na Nigéria é uma opção para ela na América, visto que ela é assediada e encorajada a explorar sua sexualidade com essa finalidade. A hiperssexualização, que é fruto da intersecção entre a norma racista e sexista, é, dessa forma, agravada pela questão da diáspora, que revela relações hierárquicas com base em diferenças culturais e de classe.

Ainda nesse mesmo capítulo (2014, p. 159)<sup>106</sup>, possivelmente de maneira a construir uma somatória de eventos desagradáveis em relação à recusa que a protagonista sofre na tentativa de pertencer, a voz narrativa menciona a mistura de sentimentos de esperança e ansiedade em todas as vezes que Ifemelu ia a uma entrevista de emprego. É mencionado que ela considera a possibilidade de seu sotaque estrangeiro ou a falta de experiência como justificativas para tamanha dificuldade. Então, há o seguinte relato:

Certa vez, Ifemelu fora a um posto de gasolina na Chestnut Street e um mexicano grandalhão dissera, com os olhos fixos em seus seios: “Você por acaso veio por causa da vaga de vendedora? Pode trabalhar pra mim de outro jeito”. E, então, com um sorriso, sem nunca deixar de ter malícia nos olhos, ele disse que a vaga já fora preenchida. (ADICHIE, 2014, p. 159)<sup>107</sup>

A forma como o personagem objetifica o corpo da protagonista é expressa pela malícia e direção dos olhos, que contextualizam uma expressão corporal que pode ser adicionada ao que ele verbaliza e que culmina em uma captação de uma criação de um ambiente hostil para Ifemelu. Ela, que acaba sendo reduzida a uma parte de seu corpo, precisa lidar com a frustração do assédio e da realidade de que não terá a chance de trabalhar por causa do comportamento sexista e discriminatório do possível empregador. A perspectiva retrógrada da qual parte o mexicano mencionado no excerto é o elemento que impede a investida de socialização da imigrante nigeriana,

---

<sup>106</sup> (2013, p. 110)

<sup>107</sup> Once, she went to a gas station near Chestnut Street and a large Mexican man said, with his eyes on her chest, “You’re here for the attendant position? You can work for me in another way.” Then, with a smile, the leer never leaving his eyes, he told her the job was taken. (ADICHIE, 2013, p. 110)

prejudicando sua tentativa de pertencimento e reduzindo-a a um objeto de desejo. Na sequência da passagem exposta acima, é possível compreender que Ifemelu, que ainda tem um relacionamento à distância com Obinze, conta com sua ajuda para quitar as dívidas, sem deixar de observar a ironia presente no fato de estar recebendo e não mandando dinheiro para a Nigéria. Bonvillain (2016, p. 21) destaca, ainda, que Ifemelu percebe que a América idealizada por Obinze não é real, dada a violência de gênero que sofre em sua experiência migratória.

É relevante destacar o que Braga analisa (2019, p. 64-65) a respeito da relação entre Ifemelu, sua mãe e o símbolo do cabelo. O cabelo da mãe, que é muito marcante, representa, até certo momento da narrativa, um motivo de orgulho para o pai da protagonista que, por sua vez, cresce tendo o cabelo de sua mãe como referência. A mudança que acontece nesse quadro, motivada pela conversão da mãe de Ifemelu da igreja católica para a protestante, reflete em um comportamento assustador para a protagonista, visto que a mãe corta e queima os cabelos junto com outros elementos relacionados ao catolicismo. Ao longo da narrativa, a mãe de Ifemelu muda várias vezes de religião, o que interfere diretamente em seu agir e nas formas como ela se expressa como mulher, o que é traumático para a protagonista. Como observa Braga (2019, p. 65), “a lembrança do cabelo da mãe de Ifemelu também ajuda a interpretar os problemas que a protagonista enfrenta na fase adulta em relação ao próprio cabelo”, o que parece estar relacionado com a forma como Ifemelu interage socialmente e, conseqüentemente, com a maneira que ela delinea sua identidade.

A conexão entre a imposição de um valor racista e patriarcal sobre a tentativa de pertencer da figura feminina negra que perpassa gerações pode ser uma semelhança entre *Americanah* (2013) e *White Teeth* (2001), visto que está presente nas relações entre as mulheres da família de Ifemelu, bem como de Irie. Um outro ponto relacionável são os eixos configurados entre as protagonistas analisadas e os pais das famílias tradicionais dos respectivos países de poder hegemônico. Possivelmente, não há tantas verbalizações que exponham tão significativamente a diferença de gênero no caso de Don e Ifemelu, em comparação a Marcus e Irie, por causa do contexto mais adulto no qual a protagonista nigeriana está inserida. No espaço juvenil e escolar em que a protagonista britânica está inserida, há a abertura para que o pai da família Chalfen exerça sua autoridade para enunciar o que achar pertinente, mesmo que seja opressivo. Dessa forma, mesmo que em escalas e circunstâncias divergentes, existe a configuração da opressão com base na

diferença de gênero, quando protagonistas representantes da massa marginalizada entram em contato com homens, brancos e beneficiados pelo sistema patriarcal.

## 5.2 QUESTIONAMENTO

Nos romances de Adichie (2013) e Smith (2001), há a ficcionalização de uma política de opressão que denuncia visões de mundo pautadas na competição capitalista e mostra como um sistema pode ser criado com base na exploração, como a de gênero. A exposição de jornadas que ressignificam um destino fixo debruçado sobre padrões que cristalizam o indivíduo em estereótipos raciais e de gênero simbolizam uma busca identitária ciente da alteridade. Obras dessa natureza podem oferecer uma oportunidade de gênese de uma nova ideologia de gênero, pois evocam crítica e transformação. Como obras feministas, essas “podem transformar relacionamentos para que a alienação, competição e desumanização que caracterizam a interação humana possam ser substituídas por sentimentos de intimidade, reciprocidade e camaradagem” (HOOKS, 1984, p.34). Visto que Irie e Ifemelu passam por momentos de submissão, questionamento e subversão de normas excludentes, é pertinente observar que as maneiras em que elas começam a articular sua resistência, depois de terem vivido momentos de imposição de uma norma patriarcal, direcionam a narrativa para uma sucessão de eventos que fragmentam expectativas tradicionais.

A abordagem da questão de gênero implica o trabalho com configurações de relações profissionais das protagonistas, mas foca principalmente nos relacionamentos amorosos. Visto que os eixos temáticos centrados na representação da opressão racial e de gênero podem se aproximar consideravelmente, é pertinente lembrar que os tipos de relacionamento abordados no Capítulo 3 divergem dos trabalhados no presente capítulo. No terceiro capítulo desta dissertação, foram analisados excertos em que é possível perceber interações das protagonistas com demais personagens, que não podem ser definidas como amorosas e, substancialmente, há, no capítulo, uma argumentação sobre o símbolo do cabelo afro. Neste capítulo, é relevante trabalhar com passagens que expõem relacionamentos mais pessoais e o fator do desenvolvimento da sexualidade na figuração feminina nas narrativas analisadas.

Em relação ao tópico que abrange a representação de relacionamentos hierárquicos e inter-raciais, que expõe relações de dominação entre homens brancos e mulheres negras, foi traçado um paralelo entre as narrativas analisadas que considera a diferença geracional das protagonistas em



relação à experiência migratória. Enquanto foi possível identificar momentos de submissão à norma sexista durante o relacionamento de Ifemelu com Curt, foi importante considerar a árvore genealógica da protagonista inglesa para compreender a dimensão do impacto de tal imposição na criação de Irie.

O primeiro relacionamento, que é o primeiro que acontece após a ida de Ifemelu para os Estados Unidos, é também o primeiro que ela tem após o término com Obinze e um assédio que sofre na tentativa de encontrar emprego. Ao se relacionar com Curt, que é um contato que ela tem através da relação que tem com a família de Kimberly e Don, revela necessidades que a protagonista nigeriana tem de encontrar pertencimento nacional. Dada a interseccionalidade de suas diferenças étnicas e de gênero, o contraste que este relacionamento cria acaba proporcionando a percepção de uma possível fase de submissão a um padrão racista e sexista, mesmo que não se configure de uma forma fisicamente violenta. O segundo relacionamento, visto que a cronologia da narrativa de Smith (2001) é não-linear, aparece de forma oportuna e a destacar a permanência de tal imposição na simbolização de mulheres descendentes de imigrantes caribenhos na Inglaterra, como Irie.

Esse mesmo tipo de relacionamento, que pode ser identificado entre as relações tidas pelas mulheres da família Bowden, pode indicar maneiras de adaptação nacional, diante da imposição colonial. Ambrosia, Hortense, Clara e Irie, intensamente envolvidas com movimentos migratórios, têm sua existência perpassada por tal necessidade de adaptação. Embora Ambrosia não tivesse se envolvido com um inglês por precisar adaptar-se a um espaço novo, foi vítima de um abuso sexual que culmina no nascimento de Hortense. Embora essa não tenha sofrido este tipo de abuso, acaba dependendo, por um período de tempo enquanto estava sem Clara ou Irie, do amparo de Ryan Troops, que parece ter mais acesso aos estudos da religião por ser homem. Além disso, o nascimento de Irie é resultado da tentativa de libertação de moldes religiosos que oprimem Clara, visto que, antes da construção de uma família com Archie, ela não consegue exercer o que realmente deseja por passar a vida em fuga de diferentes formas de silenciamento.

Irie parece subverter a imposição do valor dominante, visto que ela não procura determinar a identidade do pai de sua filha para criá-la. Entretanto, é indicado que a origem da filha de Irie seja completamente híbrida, visto que, ainda que não se saiba se Irie engravida de Millat ou Magid, a ascendência oriental é certa, pelo lado paterno bem como a ocidental, pelo materno. Ifemelu, por sua vez, parece progredir em seu processo de autoconhecimento ao passar pelo término com Curt

e início com Blaine, já que passa a ter mais abertura para compartilhar vivências ligadas à opressão racial, tendo menos uma barreira de comunicação e mais possibilidade de troca com o parceiro. No estágio anterior da análise, foi indispensável a exposição de momentos em que Irie e Ifemelu estão, de alguma forma, presas a um sistema que as reduz em seu papel de mulher. No presente subcapítulo, há a comparação entre momentos de interação das protagonistas com - potenciais, no caso de Irie - pares românticos, em que é possível identificar manifestações de questionamento que partem delas como forma de resistência à dominação de gênero.

Por isso, é interessante analisar como acontecem as reações do olhar externo ao relacionamento Ifemelu e Curt, além de algumas manifestações feitas pelo americano que produzem um racismo “inocente”<sup>108</sup>. Em observações trazidas em um evento que aparece na cronologia narrativa após o término de Curt e Ifemelu, a voz narrativa traz o seguinte *flashback*, que evidencia tanto a reação externa, quanto a consciência superficial de Curt no que diz respeito à atitude de compreender o local de fala de Ifemelu:

Como na ocasião em que sua mãe tinha passado os olhos no jornal de domingo e murmurado que algumas pessoas ainda estavam procurando motivos para reclamar, embora os Estados Unidos agora fossem cegos para a cor, e ele respondera: “Ah, mamãe. E se dez pessoas com aparência de Ifemelu de repente entrassem aqui para comer? Você entende que os outros clientes não iam ficar nada satisfeitos?”.

“Talvez”, dissera a mãe dele, sem entrar muito no assunto e erguendo as sobrancelhas com uma expressão de acusação para Ifemelu, como quem dizia que sabia muito bem quem havia transformado seu filho num patético defensor dos negros. Ifemelu dera um pequeno sorriso vitorioso.

Mas, certa vez, eles foram visitar a tia de Curt, Claire, em Vermont, uma mulher que tinha uma fazenda de produtos orgânicos, andava descalça e falava sobre o quanto aquilo a fazia sentir-se conectada com a terra. Por acaso Ifemelu tinha tido uma experiência parecida na Nigéria?, perguntara ela, fazendo uma cara de decepção quando Ifemelu respondeu que sua mãe lhe daria um tapa se ela saísse sem sapatos. [...]. Depois que eles deixaram sua enorme casa, ela disse: “Aposto que ela seria uma mulher interessante se fosse ela mesma. Não preciso que se esforce tanto para me assegurar que gosta de pessoas negras”. E Curt disse que a questão não era a raça, mas o fato de que sua tia tinha uma consciência aguda da diferença, qualquer diferença.

“Ela teria feito exatamente a mesma coisa se eu tivesse aparecia uma russa loura.” [...]. (ADICHIE, 2014, p. 318)<sup>109</sup>

<sup>108</sup> Mary Louise Pratt, na introdução de *Imperial Eyes* (1992, p. 7), menciona estratégias de representação pelas quais sujeitos da burguesia procuram afirmar sua inocência ao passo que garantem a hegemonia europeia.

<sup>109</sup>Such as when he told his mother, who had glanced at the Sunday newspaper and mumbled that some people were still looking for reasons to complain even though America was now color-blind, “Come on, Mother. What if ten people who look like Ifemelu suddenly walked in here to eat? You realize our fellow diners would be less than pleased?” “Maybe,” his mother said, noncommittal, and shot an eyebrow-raise of accusation at Ifemelu, as though to say she knew very well who had turned her son into a pathetic race warrior. Ifemelu smiled a small, victorious smile. And yet. Once, they visited his aunt, Claire, in Vermont, a woman who had an organic farm and walked around barefoot and talked about how connected to the earth it made her feel. Did Ifemelu have such an experience in Nigeria? she

Primeiramente, é importante observar o contraste criado entre dois momentos que apresentam uma incoerência ideológica a partir do comportamento do namorado americano. Em um momento em que Curt se posiciona em prol da visibilidade da diversidade, a interação com sua mãe evidencia a diferença, que inclusive leva Ifemelu a reagir de forma vitoriosa, como quem vence uma batalha travada entre as hierarquias de raça. Em contraponto, o americano não consegue detectar o racismo da tia, mesmo que Ifemelu indicasse o contrário através da ironia expressa através do exemplo da “russa loura”. Seu entendimento circunstancial de quesitos como esse arruinam seu relacionamento com a nigeriana, o que permite compreendê-lo como um elemento da narrativa que viabiliza a sensibilização do leitor para questões de raça imbricadas em um relacionamento. Esse, inevitavelmente revela questões de gênero, visto que a mulher precisa estar constantemente desempenhando um papel fixo e social de feminilidade. Além disso, no caso das protagonistas em questão, não é apenas necessário executar a performance de um papel estático em relação ao seu gênero, como também à sua etnia. Nesse caso, por exemplo, é esperado de Ifemelu um comportamento específico por ser mulher e por ser nigeriana. Este contato - entre Ifemelu e três personagens pertencentes ao padrão dominante - permite a compreensão de diferentes níveis de percepção do comportamento opressor e excludente.

Pela configuração ficcional de um contato como esse, é possível, então, evidenciar e questionar muitas narrativas fixas em relação ao papel que figuras marginalizadas, como Ifemelu e Irie, performam ao entrar em contato com o contexto social de figuras dominantes, como Curt e Joshua, por exemplo. Isso resulta em uma consciência dupla - tanto a que Ifemelu tem das fricções ideológicas que acompanham seu relacionamento, como a que o leitor tem da trajetória da protagonista, conseqüentemente - sobre o significado econômico e social que o relacionamento deles carrega. Por isso, é válido entender as negociações ideológicas configuradas na passagem exposta acima, visto que elas apresentam níveis distintos de percepção do pertencimento, o que auxilia na construção de um questionamento de normas dominantes. Por exemplo, a relação entre mãe e filho mostra que Curt está ciente da diferença da namorada, enquanto a mãe resiste a reconhecer esse fato fácil ou abertamente. A relação entre sogra e nora revela um possível embate

---

asked, and looked disappointed when Ifemelu said her mother would slap her if she ever stepped outside without shoes. [...]. As they left her rambling house, Ifemelu said, “I bet she’s an interesting woman if she’d just be herself. I don’t need her to over-assure me that she likes black people.” And Curt said it was not about race, it was just that his aunt was hyperaware of difference, any difference. “She would have done the exact same thing if I had turned up with a blond Russian,” he said. (ADICHIE, 2013, p. 214)

ideológico, visto que existe uma reação acusatória direcionada a Ifemelu, no quesito consciência de raça. Por fim, a relação do casal com a tia de Curt evidencia que a consciência dele no que diz respeito a relações raciais é parcial e até circunstancialmente desenvolvida. Por sua vez, Ifemelu demonstra compreender claramente as particulares perspectivas com as quais ela se depara, como pode ser percebido na ironia de sua fala, exposta ao final da passagem.

Como visto, no caso de Ifemelu, em seu relacionamento com Curt, por causa de sua diferença, ela precisa performar um papel não apenas de mulher, mas também de negra e africana, a partir da expectativa alheia. É perceptível, portanto, que o olhar externo carregue um molde que a imobiliza em uma imagem que não a pertence e não a permite expressar sua alteridade. A construção do relacionamento com uma personagem como Curt também permite que seja percebida que essa “inocência”, além de seletiva, implica em uma submissão de Ifemelu a uma estratégia de garantia da hegemonia europeia (PRATT, 1992, p. 7). Valentina Scarsini (2017, p. 48-49) observa que Ifemelu desenvolve uma parte satisfatória de sua sexualidade com Curt, embora ainda viva em um estado de passividade, especialmente em um ponto de vista sexual. Portanto, é possível perceber que, com Curt, sexual, pessoal e profissionalmente, Ifemelu encontra maiores oportunidades de percepção da imposição de valores dominantes, que, no entanto, não são suficientes para atingir uma subversão considerável de tais valores.

Em relação ao efeito causado pela interação com Curt na busca identitária de Ifemelu, é válido destacar que é considerado pela protagonista, em um primeiro momento, que ele “é inocente e tem raízes na origem privilegiada de sua família abastada”, como afirma Braga (2019, p. 111). Também é destacada por Braga uma passagem em que a voz narrativa afirma que a protagonista veste o papel de namorada de Curt, o que reforça a atribuição de um padrão de gênero intrínseco à figura de Ifemelu por ser mulher e estar em uma classe social inferior à do namorado americano. Como foi demonstrado nos capítulos anteriores, é possível interpretar a estratégia de ascensão social de Ifemelu através dos contatos de Curt como uma ressignificação de relações hierárquicas de raça e cultura. Por outro lado, também é argumentável que esta estratégia configure uma das formas restritas de negociação de pertencimento nacional existentes para viabilizar a inserção social desta imigrante africana neste território em questão. No quesito da interação de gênero, é válido lembrar que existem diferentes manifestações de traição no relacionamento de Ifemelu e Curt. A reciprocidade que ela demonstra ao trair pode evidenciar que ela reproduz a opressão

presente no sistema, ou que ela precisa falar a linguagem do opressor para poder ter uma voz, enunciar uma mensagem e não ser imobilizada pelo silêncio.

Na narrativa de Smith (2001), o envolvimento de Irie com Joshua Chalfen, o representante da parcela dominante que mais se aproxima das personagens imigrantes, inicia no colégio. O primeiro contato entre eles é apresentado no enredo como um evento secundário à busca da protagonista por Millat, com o intuito de avisá-lo de que havia um plano da direção da escola de surpreender todos os alunos que estivessem portando drogas ilícitas no colégio. A voz narrativa observa, sobre o hábito do tabagismo compartilhado entre os jovens da escola Glenard Oak, que este tem o poder de celebratório de “reunir pessoas de culturas e credos diferentes” (SMITH, 2003, p. 285)<sup>110</sup>. No entanto, este momento da narrativa apresenta um ritmo acelerado, visto que a protagonista está em busca de seu objeto de afeição, em um estado de angústia, pois ela sente a obrigação de salvar o amigo da repreensão que certamente tomaria por infringir a lei (SMITH, 2003, p. 285-286)<sup>111</sup>. É válido ressaltar que o trajeto traçado pela protagonista é iniciado da seguinte maneira: “E, no meio da fumaceira, Irie estava à procura de Millat”, o que pode indicar, através da construção imagética da fumaça que obstrui a visão dela, que Irie ainda não consegue distinguir certas relações opressivas ou tóxicas. Ademais, nessa busca, ela passa por várias partes do ambiente escolar e, antes que pudesse abordar Millat para alertar sobre a “blitz” feita pela coordenação da escola, ela passa por cima de um jogo de tabuleiro que Josh está jogando com os amigos.

Simbolicamente, a trajetória de Irie até Millat apresenta uma característica paradoxal, visto que ela ainda não conseguiu se libertar da relação opressiva que tem com Millat, mas não deixa de ir atrás de seu objetivo, mesmo não estando com a aparência que deseja. Como discutido no terceiro capítulo desta dissertação, Irie vive um processo importante com os cabelos, passando pela imposição de uma norma racista quando passa pela dor do alisamento, até subverter o silenciamento de suas características afro quando se conecta com a avó e parece conseguir se desprender do mito da beleza ocidental. Além disso, essa trajetória em questão, em direção a Millat, que cruza seus caminhos com o de Josh e resulta no entrelaçamento das existências das famílias Jones, Iqbal e Chalfen, pode representar o início da desconstrução da noção de superioridade europeia. Em defesa deste argumento, é relevante destacar que as percepções que Irie tem acerca

---

<sup>110</sup> “bring people together across cultures and faiths” (SMITH, 2001, p. 292)

<sup>111</sup> (SMITH, 2001, p. 293)

da diferença entre o tradicional e o periférico, ou o europeu e o imigrante acontecem por causa do contato que ela tem com a família tradicional inglesa.

Por isso, esse trajeto, que começa de uma maneira “embaçada”, ou “fosca” - de acordo com a metáfora da fumaça - ao resultar no contato com os Chalfen e demais realizações que a protagonista tem, pode ser o ponto de partida para o despertar da jovem para a imposição da hegemonia europeia. Diante disso, é interessante analisar a relação que ela tem com Josh e Millat e as possíveis formas em que ela consegue questionar, dentre outros problemas, a norma sexista. Assim, é possível delinear um paralelo entre Irie e Ifemelu baseado em relacionamentos que elas têm com homens brancos e não-brancos, o que pode revelar outra similaridade entre elas, que aponta para o potencial para a fetichização da alteridade, por parte dos pretendentes brancos. É possível perceber, nos relacionamentos que as protagonistas têm com os homens brancos, uma obsessão pela marcação da diferença<sup>112</sup>, que parte deles em direção a elas, ainda que em diferentes níveis, já que, em diferentes idades, elas podem construir formas distintas de relacionamento.

De forma a criar um paralelo entre a marcação da diferença, previamente discutida, que acontece no relacionamento de Curt e Ifemelu, é interessante analisar esse fator no primeiro contato entre Irie e Joshua. Como mencionado anteriormente, Irie atravessa o espaço de Joshua ao procurar por Millat, que, por sua vez, não lhe dá atenção e segue conversando sobre ideias fundamentalistas com um amigo. De acordo com a voz narrativa (SMITH, 2001, p. 296), Irie percebe a falta de reciprocidade que Millat tem com ela e, então, ela interage com Josh. A partir da configuração dessa interação, é possível detectar a perspectiva que o integrante da família Chalfen tem da figura de Irie, como pode ser visto no excerto a seguir:

Ela era inteligente e não desgraciosa de toda, com um forte e tolo quê de atraente, apesar daquele rapaz com quem andava. O indiano. Ela vivia atrás dele, mas não era *igual* a ele. Joshua Chalfen tinha a profunda desconfiança de que ela era *igual a ele mesmo*. Nela havia algo inato que ela poderia trazer à luz. Ela era uma imigrante desinteressante que fugira da terra dos gordos, facialmente contestada e perturbadoramente inteligente. Escalara a montanha Caldor, nadara no rio Leviathrax, enfrentara com bravura o abismo Duilwen, na louca rejeição aos genuínos conterrâneos em troca de outro país.[...] Ele prosseguia, de qualquer maneira.

- Gosto do que fez com o cabelo.

- Está gozando com a minha cara?

- Não, eu gosto de garota com cabelo curto, Gosto dessa coisa andrógina.

- Qual é o seu problema, hein? (SMITH, 2003, p. 289-290)<sup>113</sup>

<sup>112</sup> Como observa Stuart Hall, no capítulo intitulado O Espetáculo do “Outro”, em *Cultura e Representação*, de 2016.

<sup>113</sup> She was clever and not entirely un-pretty, and there was something in her that had a strongly nerdy flavour about it, despite that boy she spent her time with. The Indian one. She hung around him, but she wasn't like him. Joshua

De maneira a produzir o pensamento de Joshua, a voz narrativa expressa afirmações que partem da focalização dele em relação a Irie e focam em elementos de sua aparência física que a distanciam da performance da feminilidade. Ao observar seu “cabelo estranho e ombros largos”, que ela é “não desgraciosa de toda”, “imigrante desinteressante” e “perturbadoramente inteligente”, ele a afasta de uma figura feminina delicada, graciosa, europeia e, por isso, acha que ele teria uma chance de relacionar-se com ela. Os pensamentos que focam na graciosidade - como se precisasse existir alguma - e inteligência parecem referenciar-se especialmente ao modelo fixo da figura feminina, dada a norma velada que rege a percepção dominante e determina a figura feminina como necessariamente graciosa e inteligente, desde que não seja mais do que homem. Diferentemente de apreciá-la por sua alteridade ou ter atração pela personalidade da protagonista, o personagem inglês se esforça para identificar brechas que poderiam viabilizar sua relação com ela, o que indica a tendência a fetichizar a diferença.

É relevante ressaltar, primeiramente, que, nesse momento da narrativa, Irie atravessa uma nuvem de fumaça, como se ela estivesse atravessando diferentes crivos de percepção, ao ir do ponto de contato com Millat até chegar onde Joshua está. Esse, mesmo sem se deixar abalar pela fúria e rispidez da protagonista, insiste na identificação de possíveis similaridades entre eles, já que seu foco principal é encontrar uma maneira de se relacionar com ela, uma atitude que contempla seus interesses unicamente, já que fica claro que Irie não tem interesse algum em nele. De uma maneira intrigante, ele tenta detectar semelhanças nas manifestações de resistência a um padrão estético dominante, visto que ele mesmo não pertence ao ideal do jovem popular e conquistador. Não apenas é problemático o fato de ele não perceber a sexualização que faz da diferença ao afirmar que gosta “dessa coisa andrógina”, mas é também a forma como ele é perturbado pela alteridade e, em especial, pela inteligência da protagonista, como se as características observadas por ele fossem absolutamente incomuns em mulheres. A ideia de viabilização de uma relação com base em relações hierárquicas parece apenas confirmar a polaridade da hierarquia, visto que utiliza sua base para existir. Mesmo que seja uma identificação através da depreciação, ela confirma a exclusão, visto que legitima a construção de valores hegemônicos e periféricos. Por isso, é preciso destacar

---

Chalfen strongly suspected her of being one of his own. There was something innate in her that he felt he could bring out. She was a nerd-immigrant who had fled the land of the fat, facially challenged and disarmingly clever. She had scaled the mountains of Caldor, swum the River Leviathrax, and braved the chasm Duilwen, in the mad dash away from her true countrymen to another land. [...] He continued regardless. "I like what you've done with your hair." "Are you taking the piss?" "No, I like short hair on girls. I like that androgyny thing. Seriously." Me 1990, 1907 "What is your fucking problem?" (SMITH, 2001, p. 296-297)

o problema existente na atração de Joshua por Irie que, assim como a de Curt por Ifemelu, é fundada na exotização de suas características, uma vez que estas não correspondem ao padrão estético ocidental.

É possível considerar esse como um momento de questionamento da norma sexista na focalização de Irie, que está no momento pós evento no salão de beleza, aprendendo a lidar com sua aparência natural, visto que ela não se deixa influenciar pelo comentário de Joshua. Diferentemente de sua mentalidade no evento do salão de beleza, por exemplo, em que resolve apagar sua diferença ao ser confrontada com ela pelos colegas de sala de aula, nesse momento, Irie parece apresentar uma libertação da necessidade de agradar e de ser aceita, ao menos no contexto social de Joshua. Ao resistir às tentativas de identificação de Josh e, finalmente, reagir de acordo com a gravidade da colocação do personagem britânico, é possível que a protagonista esteja começando a expressar uma verdadeira resistência à imposição de gênero, ainda que, nesse estágio da narrativa, ela ainda não tenha se sensibilizado à hegemonia cultural.

Como é apresentado no Capítulo 4, a consequência deste incidente, em que Millat, Irie e Joshua são flagrados em envolvimento com uma droga ilícita no colégio, culmina no contato entre as famílias de imigrantes e a tradicional inglesa, na narrativa. Portanto, é pertinente considerar o que representa a figura de Millat, no processo de questionamento da protagonista. Diante do fato de que é com o intuito de agradá-lo que Irie vivencia momentos centrais para questionamentos e ressignificações das normas racista, cultural e de gênero, há uma indicação da influência da questão de gênero em outras tentativas de pertencimento. Esta ideia, diferente de procurar uma lógica heteronormativa, foca em verificar como a diferença de gênero pode estar ligado a táticas de negociação identitária. Millat representa não apenas o objeto de desejo de Irie, mas também uma outra figura, descendente de imigrantes e nascido na Inglaterra assim como ela, mas que parece conseguir se relacionar e pertencer, de alguma forma. Uma grande diferença está no fato de que todas as características de Millat são fetichizadas pelas demais personagens, que parecem inevitavelmente sentir atração por ele, enquanto as características de Irie que fogem do padrão são utilizadas para excluí-la ou para identificá-la como potencial namorada, se o padrão for “baixo”. Podemos compreender que Millat não deixa de sofrer pela exotização e pela pressão de pertencer, mas o fato de ser um personagem masculino parece retirar dele muitas cobranças presentes no mito da beleza ocidental e que, por outro lado, emergem na vivência de Irie.



A protagonista de Smith (2001), na tentativa de ser aceita por Millat, que é similar a ela e, no entanto, dada a injusta diferença de gênero, tem mais facilidade de pertencer, primeiramente, percebe a norma racista ao ver que não consegue a atenção do amigo ao alisar seus cabelos. Após o evento analisado no presente capítulo, ainda na mesma tentativa, porém um pouco mais desperta à imposição da branquitude, ela tem a chance de reagir ao comentário de Joshua, que é edificado em certezas sexistas, o que revela um grau de questionamento dessa opressão, além de ser impulsionada ao contato com os Chalfen. Mesmo que essas experiências não configurem vivências agradáveis para ela e causem sofrimento e um período de afastamento, é visível a forma como ela se permite ser maltratada e se maltrata por não conseguir se enxergar no reflexo projetado pela imagem de seu país de nascimento. Ao procurar esconder suas características de mulher de origem caribenha, ela não apenas silencia sua etnia, mas também confirma a ditadura de valores baseados na imposição racista e sexista e que beneficiam apenas aqueles que lucram com o desespero de quem não cabe no padrão estético determinado pela mídia. Por isso, seu interesse em ser vista e em ter seu sentimento correspondido pode apontar para sua vontade em pertencer, que lhe expõe a momentos de exclusão que mostram a dor da discriminação.

Portanto, de maneira similar, Irie e Ifemelu vivem relacionamentos com homens brancos e representantes da classe e raça dominante de seus respectivos países hegemônicos e estes relacionamentos a expõem e sensibilizam para manifestações de discriminação às quais elas aprendem a se defender, posteriormente. Por isso, os relacionamentos com Joshua e Curt têm um papel central na representação do questionamento da norma padrão, silenciadora e discriminatória, seja ela racista, cultural ou sexista. Para que possam evoluir do estágio do questionamento para o de subversão da norma, elas precisam entrar em contato com agentes que propagam estes valores, ainda que sem a intenção de oprimi-las. Desta maneira, é possível ao leitor identificar as formas mais sutis da expressão silenciadora, visto que as mais violentas sempre serão as mais identificáveis. Para que elas possam ter a chance de firmarem relacionamentos que as permitam florescer em suas alteridades, elas vivem e, com isso, mostram ao leitor, relações que podem oprimir ou contemplar a diferença. Ao atravessar este tipo de relacionamento, em que é travada uma dicotomia entre o normal e o diferente, as protagonistas subvertem a concepção da normalização, que é problemática porque fixa uma identidade como norma.

Para chegar ao estágio da ressignificação da norma sexista, as protagonistas analisadas subvertem o relacionamento que vinham construindo, inconscientemente, com base em princípios

regidos por interesses opressores, que perpetuam interesses capitalistas. Mesmo que estivessem, em suas particulares ficcionalizações, cultivando relacionamentos que as oprimem, elas ainda não haviam percebido a violência racial, cultural e de gênero suficientemente para poder enunciar uma oposição a tais valores. Portanto, no presente subcapítulo, foram analisados os relacionamentos entre Irie e Josh, em paralelo ao relacionamento de Ifemelu e Curt, tendo em vista que estes relacionamentos influenciam a forma como elas irão se relacionar, posteriormente, de uma maneira mais desperta para a dominação ocidental. No próximo subcapítulo, será essencial analisar as relações construídas entre as personagens e pares românticos que, ao final da narrativa, as permitem fragmentar expectativas criadas em torno da mulher negra e imigrante. Por fim, é relevante observar que a construção de relacionamentos como estes analisados permitem ao leitor perceber a atribuição arbitrária de valores positivos e negativos que existem no ato de normalizar.

### 5.3 SUBVERSÃO

Com o intuito de concluir a argumentação que foca nos efeitos que os diferentes relacionamentos mantidos pelas protagonistas dos romances de Adichie (2013) e Smith (2001) têm na forma como elas lidam com a imposição de uma normativa social baseada em princípios sexistas, é pertinente discutir a forma como elas concluem suas respectivas jornadas amorosas. Foi exposto no subcapítulo anterior que as relações mantidas com os personagens Joshua e Curt podem representar, para o processo de autoconhecimento de Irie e Ifemelu, respectivamente, o estágio de questionamento da norma sexista. Isso acontece uma vez que estes pares românticos, que pertencem à hegemonia racial, cultural e de gênero, inevitavelmente as expõem a situações em que a alteridade - que, em ambos os casos, é baseada na diferença étnica e de gênero das protagonistas - é exposta de forma a promover alguma forma de exclusão.

A partir de tais experiências, Irie e Ifemelu têm chances de ressignificar a imposição de uma dominação de gênero que é representada nas narrativas e exposta ao longo deste capítulo. Assim, para compreender como acontece essa ressignificação, é preciso atentar para a forma como elas se relacionam até os desfechos dos respectivos enredos. Por um lado, Ifemelu firma uma relação com um professor universitário afro americano antes de decidir voltar para a Nigéria, onde restabelece o romance com seu primeiro amor, Obinze. Por outro, Irie tem uma experiência sexual bastante intensa, que resulta em uma gravidez cuja paternidade não é revelada, e que a leva a

reescrever seu destino em território jamaicano, com Joshua ao seu lado, no local de origem da família materna da protagonista inglesa. É argumentável que as protagonistas analisadas neste estudo conseguem, em suas diferentes configurações, ressignificar relacionamentos que, em algum momento no passado da cronologia da narrativa, puderam representar algum gatilho relacionado a opressões de raça, gênero e classe, como no caso de Joshua e Obinze. De maneira a reforçar este último argumento, observo que Irie termina a narrativa formando uma família com Joshua, sua avó e sua filha, em terras caribenhas, e Ifemelu termina a narrativa recomeçando o relacionamento com Obinze. Antes de discutir a conclusão dos respectivos enredos, é pertinente observar as interações que conduzem as protagonistas até estes momentos finais das narrativas, que são consequentemente centrais para a construção da crítica social.

No caso de Irie, existe a relação que ela tem com Millat e Magid, que resulta na gravidez e representa uma transformação na forma como ela se impõe diante do relacionamento tóxico que tem com os dois. Em relação a Millat, é necessário destacar que ele faz comentários pejorativos em relação à forma física de Irie (SMITH, 2003, p. 226-227 e 236)<sup>114</sup> e discutir a reação da protagonista. Primeiramente, em um momento de reunião das famílias Jones e Iqbal, ele comenta de maneira pejorativa sobre a aparência de Irie, como pode ser visto no seguinte excerto: “E você toma cuidado com esses bolinhos - respondeu Millat, batendo na barriga. - Ser balofo não é bonito”<sup>115</sup> (SMITH, 2003, p. 236). Em um segundo momento, a agressão se repete, em “Você tá ficando um bocado gorda. Não gosto de gorda” (SMITH, 2003, 226), e se manifesta de outras maneiras, como por exemplo a repulsa pela forma híbrida de seus futuros filhos - que eles mal sabem, neste estágio da narrativa, que essa mistura acabaria acontecendo -, quando rotula esse hibridismo de “anomalia”. Ela, que o adora, tem nesse relacionamento, portanto, a garantia de uma interação tóxica, que a oprime e que suscita muitas dificuldades em sua tentativa de pertencimento. Esse fato se intensifica especialmente quando ela percebe que ele, também oriundo do contexto de imigrantes, consegue se relacionar com outras pessoas, o que pode englobar a diferença de gênero que existe entre eles, e ser uma consequência da opressão dele sobre ela. Diante dessa contextualização, é pertinente expor um dos momentos em que é possível perceber que Irie subverte a expectativa de dominação:

[...]

<sup>114</sup> (SMITH, 2001, p. 229 and 230)

<sup>115</sup> And you want to watch dem dumplings," said Millat, patting his belly. "Big ain't beautiful." (SMITH, 200, p. 239)

Millat não amava Irie e Irie tinha certeza de que deveria haver alguém responsável por isso. Sua cabeça começou a funcionar com vagar. Qual era a raiz disso? O sentimento de inadequabilidade de Millat. Qual era a raiz do sentimento de inadequabilidade de Millat? Magid. Ele nasceu como o segundo por causa de Magid. Era o filho menos importante por causa Magid. Joyce abriu a porta para ela e Irie foi direto para o andar de cima, diabolicamente resolvida a tornar Magid o segundo filho por uma vez, dessa vez por vinte e cinco minutos. Ela o agarrou, ela o beijou e com ele fez sexo raivosamente, furiosamente, sem conversa ou carinho. Ela o fez rolar, ela lhe puxou o cabelo com força, ela lhe enterrou as unhas nas costas e, quando ele gozou, sentiu-se satisfeita ao notar que ele o fizera com um breve suspiro, como se algo tivesse sido arrancado dele. (SMITH, 2003, p. 443-445<sup>116</sup>)

Em um dos momentos finais da narrativa no que diz respeito ao relacionamento entre Irie e os gêmeos, o excerto acima expõe a configuração da ação baseada na raiva que ela sente diante de tanta indiferença afetiva. Tal indiferença afetiva, baseada na exclusão motivada por valores dominantes, causa sofrimento e é o que a motiva a agir. Depois de se relacionar sexualmente com Millat, Irie percebe o desconforto resultante dessa interação e sua atitude, exposta no excerto acima, é uma reação a essa sensação. Trata-se de uma reação muito delicada, visto que, ao passo que ela se expõe sexualmente aos irmãos gêmeos, ela a conclui satisfeita, de acordo com a voz narrativa, diante da impressão de ter arrancado algo de Magid. Mesmo que em uma atitude infantil, nesse excerto, Irie é o principal elemento atuante do evento, ao invés de sofrer pelas atitudes alheias. O breve envolvimento entre Irie e Millat, carregado de vergonha por parte dela e culpa por parte dele, pode evidenciar o desconforto que resulta no movimento de subversão da submissão.

Esse evento, somado ao encaminhamento de Millat para o fundamentalismo e a clara resistência que Irie tem com a relação entre Magid e Marcus, contribui para a construção da tensão ao final do enredo e pode indicar ao leitor que a protagonista está irremediavelmente imersa nas opressões intersectantes de gênero, raça e classe. Entretanto, a subversão em sua jornada na narrativa está no fato de que ela decide gerar o fruto dessa gravidez mesmo sem saber quem é a figura paterna, ressignificando a atitude que teve ao tentar proteger Magid e não a si mesma, e livrando a filha de limitações no que diz respeito a suas origens.

---

<sup>116</sup> Millat didn't love Irie, and Irie was sure there must be somebody she could blame for that. Her brain started ticking over. What was the root cause? Millat's feelings of inadequacy. What was the root cause of Millat's feelings of inadequacy? Magid. He had been born second because of Magid. He was the lesser son because of Magid. Joyce opened the door to her and Irie marched straight upstairs, maliciously determined to make Magid the second-son for once, this time by twenty five minutes. She grabbed him, kissed him and made love to him angrily and furiously, without conversation or affection. She rolled him around, tugged at his hair, dug what fingernails she had into his back and when he came she was gratified to note it was with a little sigh as if something had been taken from him. (SMITH, 2001, p. 461-463)

Como pode ser visto no excerto a seguir, é desta maneira que se encerra a trajetória de Irie, Joshua, Hortense e a filha de Irie:

E são jovens mulheres profissionais entre dezoito e trinta e dois anos de idade as que gostariam de um instantâneo daqui a sete anos de Irie, Joshua e Hortense sentados numa praia do mar do Caribe (porque Irie e Joshua acabaram tornando-se amantes; a gente só consegue evitar a sina por pouco tempo), enquanto a filhinha sem pai de Irie escreve cartões postais para o *Mau Tio Millat* e o *Bom Tio Magid* e se sente livre como Pinóquio, um boneco recortado de complicações parentais. (SMITH, 2003, p. 517)<sup>117</sup>

A sina da qual fala a voz narrativa pode referir-se às constantes imposições da genética caucasiana na família jamaicana do lado materno de Irie, exposta através da representação do contato entre homens ingleses e Ambrosia, entre Archie e Clara e, por fim, entre Irie e Joshua. Ademais é possível identificar uma possível ironia na última afirmativa da passagem exposta acima, visto que a comparação entre a filha da protagonista e a figura de Pinóquio não confirma a falta de complicações parentais, mas a existência delas, visto que a complicação parental é central na história do boneco, o que indica que também será o caso da filha de Irie.

O movimento subversivo no quesito da norma sexista pode ser percebido sobre o fato de Irie não utilizar a presença do homem branco para resolver seus problemas, como Clara faz, além de se libertar de um possível relacionamento silenciante, mesmo carregando a filha de um dos irmãos gêmeos. Em relação à presença do homem branco, não há indicações de que Joshua esteja presente na vida de Irie para ajudá-la de alguma forma e ela segue com seus projetos de vida com sucesso. Em relação ao desvio da expectativa de que ela acabasse se relacionando com Millat, por quem ela nutre fortes sentimentos ao longo de toda a narrativa, Irie ressignifica a figura da mulher submissa por não se permitir seguir nutrindo interações pautadas no silenciamento e na opressão. Na tese intitulada *Negociações culturais em White Teeth, de Zadie Smith (2000)*, Juliana Rosado aborda o momento final do enredo e a interação entre Millat e Irie:

A paixão reprimida de Irie por Millat, que a renega como mulher, marca mais um conflito da personagem em confluência com seu apego às origens jamaicanas, em um contexto 'branco' que a exclui como indivíduo e como mulher fora dos padrões de beleza do ambiente. Em um arrebatamento em defesa do amado, Irie Jones entrega-se primeiramente ao que ama e, depois, a Magid. Uma vez estando grávida, mantém consigo o segredo sobre

---

<sup>117</sup> And is it young professional women aged eighteen to thirty two who would like a snapshot seven years hence of Irie, Joshua and Hortense sitting by a Caribbean sea (for Irie and Joshua become lovers in the end; you can only avoid your fate for so long), while Irie's fatherless little girl writes affectionate postcards to Bad Uncle Millat and Good Uncle Magid and feels free as Pinocchio a puppet clipped of paternal strings? (SMITH, 2001, p. 541)

a paternidade biológica de sua filha, decide abandonar o Reino Unido, optando pelo companheirismo do filho dos Chalfen, juntamente com a avó, Hortense, de volta a uma ilha do Caribe, reunindo-se em família com personagens-símbolos da ambiguidade de sua origem. (ROSADO, 2012, p. 18)

De acordo com o que observa Howland (2019, p. 15), baseada nas ideias de Judith Butler, Irie está presa em uma performance do corpo que a coloca em uma circunstância de suicídio social que a leva a querer mudar seu corpo inteiro para poder performar a feminilidade. Essa situação, agravada pela dificuldade em aceitar suas raízes jamaicanas em um contexto predominantemente branco, somada ao tipo de relação que Millat tem com ela, interfere em sua noção de si. Por isso, é possível identificar a subversão no quesito de gênero, ao final da narrativa de Smith (2001), porque Irie tenta dominar sua jornada em um novo país, como sua avó, e diferentemente das demais mães de família representadas nesse romance.

No romance de Adichie (2013), é importante atentar para os relacionamentos que Ifemelu tem ao final de sua experiência migratória nos Estados Unidos e quando retorna a Nigéria, visto que o fato da volta já representa uma significativa subversão de valores no quesito das hierarquias culturais. Em relação aos relacionamentos da protagonista nigeriana, é preciso considerar, ao abordar possíveis representações de uma emancipação da norma sexista, aqueles relacionamentos que fragmentam a expectativa em relação àqueles que garantem a submissão feminina. Depois do término com Curt, Ifemelu se dedica intensamente à escrita das postagens do blog, o que acaba a aproximando novamente de Blaine, que havia conhecido anos antes. Como observa Cláudio Braga, é através da influência do professor universitário negro que a protagonista começa a cuidar melhor de sua saúde. De acordo com o autor, “nesse convívio, Ifemelu também abre os olhos para diferentes nuances da vida americana que ela ainda não havia se interessado, como a política e os debates de questões sociais na universidade e em sua roda de amigos” (BRAGA, 2019, p. 114). Portanto, é possível perceber que Blaine propicia contatos que são interessantes para a protagonista dado seu interesse intelectual e político, além de oportunizar a construção de um relacionamento amoroso completamente inserido no contexto americano. Este último fato pode indicar que Blaine representa um veículo significativo de inserção no contexto social americano, visto que compartilha com Ifemelu interesses profissionais e a cor da pele, o que indica que ele pode não compreender a luta dela como mulher imigrante, mas tem mais proximidade e empatia com a diferença racial do que Curt, por exemplo.

Outro fato observado por Braga sobre o relacionamento que Ifemelu tem com personagens como Curt e Blaine considera a questão da prosperidade da mulher negra imigrante diante da possibilidade de influência destes relacionamentos no sucesso da protagonista. Como observa o autor, Curt e Blaine:

São, conforme demonstrou-se na análise, parte fundamental do que pode vir a ser denominado vida profícua e feliz na diáspora, tendo Ifemelu como a representação do sujeito diaspórico. A crítica do foco nos relacionamentos de Ifemelu com os namorados advém da impressão que a narrativa possa passar de que uma mulher depende da presença masculina para ser bem-sucedida. Por outro lado, ainda que essa controvérsia seja relevante, Americanah também é contundente na representação de uma protagonista que prospera material e politicamente na diáspora por esforço próprio, visto que o blog é criado e desenvolvido por ela mesma. Não se pode ignorar, além disso, que o bom domínio da língua inglesa, já trazido da terra natal, e a formação universitária em Comunicação Social são fundamentais para a qualidade do blog e das palestras de Ifemelu, estando na base de seu sucesso. Assim, a personagem contribui para pensarmos as realizações positivas do sujeito diaspórico como resultados de fatores complexos, uma combinação da bagagem trazida da terra natal e dos esforços pessoais na terra anfitriã. (BRAGA, 2019, p. 115)

É válido observar que a formação universitária em Comunicação Social e o domínio da língua inglesa não são os únicos fatores que viabilizam o trabalho de Ifemelu com o blog, mas é possível que o conforto trazido pelas oportunidades viabilizadas pelo contato com Curt tenha contribuído para a criação de uma boa circunstância de surgimento para o *blog*. Por isso, é profícuo considerar que a personagem contribui para pensarmos as realizações positivas do sujeito migrante como resultado da combinação da bagagem trazida da terra natal e dos esforços pessoais na terra anfitriã, mas que estes esforços pessoais estão envolvidos nos relacionamentos que ela estabelece e nas consecutivas oportunidades resultantes destes contatos.

Há um movimento de evolução no sentido de fluidez no diálogo entre as opressões vividas por Ifemelu como mulher imigrante e as sentidas pelas pessoas com quem ela se relaciona. Como observado anteriormente, Curt não consegue compartilhar a vivência da protagonista em relação a preconceitos e silenciamentos por ser um homem branco. Blaine tem mais características e interesses em comum com Ifemelu, no entanto, “o conflito maior talvez esteja no fato de Ifemelu ser uma negra africana entre os negros americanos, o que faz com que eles todos deduzam que ela já conheça e já compactue com todas as causas históricas dos afro-americanos no país” (BRAGA, 2019, p. 125-126). Quando Ifemelu resolve voltar para a Nigéria, que é a decisão final que resulta no final do seu namoro com Blaine, ela tem a oportunidade de reestabelecer uma conexão com seu primeiro amor, Obinze. Esse, diferentemente de Curt e Blaine, consegue compreender Ifemelu de

uma forma mais intensa por compartilhar com ela a etnia, a noção da uma experiência diaspórica e um pouco da perspectiva antissexista.

É possível argumentar a favor da proximidade que Obinze tem de um comportamento que não propaga valores sexistas, dado o constante estranhamento dele diante do comportamento sistematicamente racista e sexista de Kosi, que é sua esposa até a volta de Ifemelu. Obinze, que tem sua perspectiva intercalada com a perspectiva de Ifemelu no enredo do romance, pode ser compreendido pelo leitor de uma forma mais intensa do que os outros parceiros da protagonista. Isso se dá por que os demais são compreendidos através da perspectiva de Ifemelu, enquanto Obinze tem sua própria focalização desenvolvida detalhadamente nos capítulos em que sua jornada é construída. Por isso, é possível compreender a forma como ele reage à imposição da norma sexista ao observar a administração que Kosi faz da imposição de valores racistas e sexistas, tanto antes como depois da volta de Ifemelu dos Estados Unidos.

O romance de Ifemelu e Obinze é interrompido pela necessidade da imigração que busca alcançar uma promessa de prosperidade. Por isso, é compreensível que, quando eles voltam a ficar juntos ao final da narrativa, é subvertida a narrativa de prosperidade, visto que eles encontram a felicidade em seu local de origem, sem interferência do que o sistema capitalista dita como fundamental para alcançar a felicidade. Ainda de acordo com Braga:

Pode-se dizer, ademais, que a experiência de mobilidade associada a Ifemelu e Obinze, considerando-os no eixo central da narrativa, se desdobra em temas diversos que dão forma à narrativa: gênero, relações amorosas e familiares, solidão, saudade de casa e da terra natal, a identidade antes e depois da partida, os estereótipos africanos nos Estados Unidos e na Inglaterra, as diferenças linguísticas, de sotaque e de vocabulário, e, por fim, a questão racial, especialmente nos EUA. (BRAGA, 2019, p. 24)

Dessa maneira, é possível perceber a forma em que estão imbricadas as questões de gênero, que são expostas através dos relacionamentos amorosos, principalmente, das protagonistas, que, por sua vez, estão inseridas no contexto da imigração, revelando hierarquias culturais e que, conseqüentemente, mostram atritos inter-raciais. Além disso, fica exposto que o casal Ifemelu e Obinze são centrais para a narrativa, o que indica desde o início da narrativa que o final traria os dois juntos. No entanto, a forma como o enredo é desenvolvido mostra uma ressignificação do trajeto tradicional da heroína cujo único objetivo é terminar a narrativa ao lado de seu par romântico. Diferentemente da expectativa moderna, Ifemelu apresenta, desde o início da narrativa, maturidade para perseguir seus interesses pessoais. Mesmo apaixonada, ela consegue aproveitar a



oportunidade que tem para estudar nos Estados Unidos, faz o possível para socializar no local de assentamento e alcança tudo o que almeja, no âmbito profissional, até fechar a sua vida e sua trajetória na Nigéria, que é quando ela retoma seu relacionamento com Obinze.

É interessante observar como o personagem Obinze é construído na narrativa, desde o início do enredo, como um jovem homem extremamente sensível e respeitoso. Durante a experiência migratória de Ifemelu nos Estados Unidos, é exposta a relação que ele tem com Kosi, em que, através da focalização dele, é possível perceber que ele resiste aos impulsos dela como uma mulher socializada em uma sociedade racista, classista e sexista que ela nunca teve a oportunidade de questionar. A esposa de Obinze tem anseios de, por exemplo, ter a pele mais clara, pois se sente bonita quando comentam que sua pele não é tão escura, e se doar ao marido de forma a anular sua presença e vontade. Obinze, por sua vez, ao se incomodar com esse perfil de Kosi, que é o tradicional perfil da mulher recatada e de bem, funciona também como elemento subversivo, o que se intensifica quando ele termina seu casamento para voltar para Ifemelu.

Portanto, é argumentável que, nesse estágio de identificação de manifestações de uma emancipação da norma sexista, as protagonistas precisam ressignificar os eventos que evidenciam, em primeiro lugar, que elas estão inseridas em sistemas racistas, classistas e sexistas. Tendo exposto passagens que evidenciam manifestações da dominação racial e patriarcal, é possível focar na forma como elas têm sua trajetória concluída no enredo. Ao passo que Irie subverte a imposição patriarcal pela forma alternativa que decide procriar e trilhar seu destino, Ifemelu retorna para sua origem para encontrar a felicidade em um país sem tantas promessas de progresso, em comparação a um centro hegemônico, mas ao lado do único par romântico que sempre respeitou sua alteridade. Assim, é possível afirmar que ambas fragmentam a expectativa tradicional de progresso por optarem por conduzir suas vidas de forma alternativa ao que prometem as grandes narrativas (LYOTARD, 2009, p. 28) e, ainda assim, parecem encontrar alguma forma de realização pessoal. Esse movimento possivelmente permite ao leitor questionar a promessa comercial de que há um único caminho em direção à felicidade.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, foi possível comparar dois romances inseridos nas produções literárias que abordam a questão da imigração, de autoria de Chimamanda Adichie e Zadie Smith, em que o foco principal foi encontrar semelhanças e diferenças entre as protagonistas, Ifemelu e Irie. Elas, como representantes da figura feminina negra, cuja existência é perpassada pela condição do imigrante, ao serem aproximadas ou diferenciadas, têm um grande potencial de mostrar ao público leitor certos padrões comportamentais que estão embutidos na socialização global, de tal forma, que aparecem em narrativas de origens divergentes. Esses padrões comportamentais, compreendidos aqui como hábitos que propagam e garantem a existência de princípios racistas, classistas e sexistas, podem ser percebidos, questionados e subvertidos através do contato com obras como as de Adichie e Smith. Consequentemente, reflexões como as que foram oportunizadas na elaboração deste trabalho podem auxiliar na discussão desses comportamentos e valores, o que viabiliza uma maior compreensão da arte e da vida.

Primeiramente, foi discutido, no eixo temático voltado para a questão racial, em um primeiro estágio, manifestações de submissão à norma racista. Nessa seção, excertos em que Ifemelu e Irie sofrem o apagamento de suas características afro, como o cabelo crespo, como a tentativa de inserção social, são expostos e discutidos. Desta reflexão, é possível perceber que, mesmo tentando pertencer, elas têm partes de si excluídas pela sociedade, o que faz com que essa tentativa de participação seja vista como evidência de exclusão. Ademais, excertos em que Irie e Ifemelu sofrem discriminação por serem diferentes da maioria no meio acadêmico/escolar são expostos como uma forma mais evidente de exclusão. Tendo identificado o racismo em suas diferentes nuances e configurações, o leitor pode estar mais preparado para identificar outras formas sutis de imposição do princípio excludente, com base na diferença de raça.

Assim, é possível propor a consideração de um segundo tipo de comportamento, que é o de questionamento da imposição desta norma. Nesta parte, como sequência dos eventos que levam as protagonistas a alisar o cabelo como forma de apagamento da alteridade, é possível identificar a insatisfação delas ou até de personagens secundárias, como no caso de Neena, diante da mudança, ou seja, do alisamento. Visto que, na realidade, o alisamento do cabelo pode ser o objeto de desejo de muitas mulheres, dada a forma como a indústria valoriza um estilo estritamente caucasiano de cabelo, é considerada uma manifestação de questionamento deste princípio a construção de

infelicidade em torno de um produto que promete a sensação de inserção. Mesmo sendo ajudada por Neena, é pela perspectiva de Irie, como é pela de Ifemelu, que o leitor consegue perceber a fragmentação do ideal de beleza, apoiado em interesses ocidentais.

De maneira a finalizar a argumentação do terceiro capítulo e de expor comportamentos de emancipação da norma racista, são trazidos excertos em que há uma valorização de elementos referentes às respectivas origens étnicas das protagonistas. É abordada, por exemplo, a valorização do cabelo natural da África, que ocorre quando Ifemelu está no salão de beleza onde trabalham mulheres nigerianas, nos Estados Unidos. Outro momento de aproximação com as origens, no caso de Irie, é quando ela se permite conhecer melhor a avó e os símbolos, como sua própria árvore genealógica. Diante do estabelecimento de valores voltados para tudo o que estiver relacionado às culturas hegemônicas, o fato de Irie e Ifemelu conseguirem se conhecer e se valorizar, quando estão mais próximas de um espaço que propaga a cultura considerada marginalizada, pode ser considerado significativamente subversivo, no quesito racial, também.

No quarto capítulo, tendo o eixo temático centrado na questão cultural, foi possível identificar as mesmas tendências de submissão, questionamento e emancipação, como no primeiro eixo temático. Neste eixo, foi possível identificar mais uma semelhança entre as narrativas, que é o contato inevitável que as protagonistas têm com famílias tradicionais dos respectivos centros hegemônicos. No caso de Irie, ela entra em contato com a família dos Chalfen, como tentativa do diretor de sua escola de fazer com que ela e Millat tivessem mais oportunidades escolares, estando em um meio que ele considera mais propício para o aprendizado, o que já revela uma forma velada de dominação cultural. No caso de Ifemelu, ela precisa entrar em contato com a família de Kimberly e Don para conseguir um sustento, visto que sua situação como estudante estrangeira nos Estados Unidos não lhe é legalmente favorável para trabalhar.

No primeiro subcapítulo desse capítulo em questão, a submissão foi identificada em momentos de interação das personagens com os membros da família, em que foi possível identificar uma falta de tato dos americanos e ingleses para com a alteridade das protagonistas. Essa falta de tato, que gera comentários preconceituosos e silenciadores, permite pensar a respeito da imposição do conhecimento sobre as culturas dominantes em contraponto à total ignorância que essas têm acerca da multiculturalidade e da singularidade de cada cultura considerada como marginalizada. Há, no entanto, uma diferença central entre as protagonistas, em relação à interação que elas têm com as famílias tradicionais: enquanto Ifemelu, mais velha e consciente de sistemas

de dominação, percebe imediatamente o estabelecimento de hierarquias culturais, Irie, primeiramente, tem um grande encanto pela ideia de unicidade que se debruça sobre a figura da família Chalfen.

Ainda no quarto capítulo, na seção de questionamento de relações de poder sobre a dominação cultural, é possível perceber uma mudança de comportamento da protagonista de Smith, visto que ela muda sua perspectiva e percebe que o meio tradicional inglês também é falho. Esta evolução em sua compreensão sobre seu próprio contexto e cultura faz com que ela tome a atitude de voltar às raízes e, então, procura a casa da avó, o que configura um princípio de resistência à narrativa, de completude, que é intrinsecamente atribuída aos Chalfen pela grande maioria das personagens. Por outro lado, Ifemelu, como já chega na casa de Kimberly ciente da capacidade das pessoas de dominação do outro pela diferença, expressa questionamento da dominação cultural americana quando tem sua primeira impressão da casa de Kimberly exposta pela voz narrativa, por meio do discurso indireto livre. Por isso, em contraponto ao encanto que se espera do contato das protagonistas com o meio tradicional americano e inglês, as manifestações de resistência definem o questionamento ao imperativo da hegemonia dos grandes centros urbanos em questão.

Para concluir o quarto capítulo, foi preciso atentar para indícios de autoconhecimento cultural na figuração das protagonistas analisadas, uma vez identificada uma evolução na compreensão de si como mulher imigrante, em resistência aos grandes relatos tradicionais. No caso de Irie, que já havia começado a questionar a valorização exacerbada do meio tradicional inglês e se volta para a casa de Hortense, sua vontade de sair da Inglaterra para conhecer a África pode evidenciar uma libertação dos domínios de ideias imperiais. Para Ifemelu, que conhece, no meio da família de Kimberly, o namorado que tem contatos para estabelecê-la profissionalmente, é o momento de colocar em prática a percepção que tem do sistema em que está inserida, com o intuito de evoluir profissionalmente. Neste ponto final do segundo capítulo desta pesquisa, é possível captar as diferentes formas com que as protagonistas se emancipam do comportamento pautado pela certeza da hierarquia cultural. Essa emancipação acaba tendo um reflexo duplo na construção do empoderamento delas como mulheres negras, visto que elas têm a oportunidade de reafirmar e valorizar sua diferença.

No quinto e último capítulo de análise, o eixo temático contemplou a questão de gênero e as maneiras como Irie e Ifemelu podem estar, primeiramente, submissas à uma norma sexista, para evoluir para um questionamento de tal norma e culminar em uma libertação do imperativo

patriarcal. Na parte que discute configurações de submissão ao sexismo, foram expostas passagens em que há o imperativo do sexismo, mas em situações não tão paralelas dentre as narrativas. No caso de *White Teeth* (2001), foi possível identificar diversos comentários sexistas feitos por Marcus Chalfen, que Irie não consegue questionar ou contestar, e que promovem a sexualização do corpo feminino em demasia. No caso de *Americanah* (2013), já foi possível começar a abordar a questão dos relacionamentos da protagonista, dada a proximidade na cronologia narrativa da relação que ela tem com a família de Kimberly e o relacionamento que constrói com Curt. Nesse caso, foi imprescindível expor possíveis formas de exotização que Curt e seu meio faziam de Ifemelu, por ser uma mulher africana.

Ao focar na questão do questionamento do imperativo sexista, o relacionamento entre Ifemelu e Curt é central para que se compreenda como ela questiona a dominação de gênero que sofre ao lado deste parceiro. Após ser traída por Curt e depois de perceber claramente a tensão racial entre eles, Ifemelu retribui a traição, já estando empregada e com a documentação do Green Card encaminhada. A partir disso, ela tem a abertura que precisa para dar início ao seu *blog*, elemento central para sua prosperidade nos Estados Unidos. Por isso, a transição do relacionamento com Curt para a autonomia a empodera e viabiliza o contato com Blaine, que tem papel fundamental no estágio de emancipação da norma sexista. No caso de Irie, é possível encontrá-la após o evento traumatizante de alisamento do cabelo, em uma conjuntura em que ela parece estar mais livre das preocupações com seu próprio corpo. É nesse momento em que ela recebe um comentário disfarçado de elogio vindo de Joshua Chalfen e consegue se defender, expressando sua repulsa pela ideia apresentada. Mesmo que, na sequência deste evento, ela acabe entrando no suposto encanto pelo contexto dos Chalfen, é importante perceber a evolução entre o estado silencioso de sofrimento, como foi visto no terceiro capítulo, e a manifestação de sua revolta.

Ainda no quinto capítulo desta dissertação, há a discussão a respeito da forma como as protagonistas se relacionam romanticamente e, como consequência, compreendem e definem sua própria imagem como mulheres. Através da perspectiva de Ifemelu, foi preciso compreender a transição entre os dois últimos relacionamentos que ela teve, com o afro americano Blaine e, por fim, com o africano Obinze. Essa transição, que acompanha a volta dela dos Estados Unidos para a Nigéria, mostra como ela subverte a expectativa sexista e dominante, visto que ela não fica no centro hegemônico, com um homem socialmente considerado como bem estabelecido. Contrariamente, ela volta para a sua origem, que é periférica, e tem um relacionamento com

Obinze, que parece não carregar a dominação patriarcal de uma forma tão intensa, como nos outros relacionamentos abordados neste estudo. Através da perspectiva de Irie, que é mais jovem do que Ifemelu, num sentido que é relevante, porque interfere nos tipos de relações que elas podem manter, é verificável a forma confusa com que ela compreende a situação ao seu redor, ao tentar prejudicar Magid em “justiça” a Millat. Ela, entretanto, subverte a expectativa imposta sobre ela como mulher quando, grávida, decide reescrever sua trajetória, no local de origem de seu lado materno, assumindo o cuidado de sua filha e livre da dinâmica com quem lhe machucou profundamente, com base em princípios conservadores e sexistas.

Assim, é viável argumentar a favor do paralelo que é criado entre personagens como Irie e Ifemelu, como figuras representativas da mulher negra e imigrante na atualidade, visto que os fatos que impulsionam a imigração são globais e estão nestas representações da realidade. Essas, que se utilizam do contexto do racismo, do classismo e do sexismo sistêmicos para, então, subvertê-los em suas próprias figurações, podem contribuir intensamente para a reavaliação social feita pelo leitor, ao concluir o círculo mimético. Portanto, é necessário reconhecer o impacto de obras como *White Teeth* (2001) e *Americanah* (2013), já que são narrativas que fragmentam uma tradição conservadora de um ideal comportamental da mulher negra e imigrante. Dessa forma, é possível exercitar a compreensão e a aceitação da alteridade, uma atitude que emerge na realidade multicultural.





## REFERÊNCIAS

- ADENIYI, E.; AKINGBE, N. 'Reconfiguring Others': Negotiating Identity in Chimamanda Ngozi Adichie's *Americanah*. **Rupkatha Journal on Interdisciplinary Studies in Humanities**, v.9, n.4, p.37-55, 2017. Disponível em: <<https://rupkatha.com/V9/n4/v9n405.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2020.
- ADICHIE, C. **Americanah**. New York: Alfred A. Knopf, 2013.
- ADICHIE, C. **Americanah**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ADORNO, T. Posição do narrador no romance contemporâneo. *In: \_\_\_\_\_*. **Nota de literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. p. 55- 63.
- AMONYEZE, C. Writing a New Reputation: Liminality and Bicultural Identity in Chimamanda Adichie's *Americanah*. **SAGE Open**. 2017. doi: <https://doi.org/10.1177/2158244017712773>.
- ANA, J. J. Affect-identity: The emotions of assimilation, multiraciality, and Asian American subjectivity. *In: TY, E. & GOELLNIGHT, D.* **Asian North American identities: Beyond the hyphen**. Indiana University Press, 2004.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRU, J.; JYOTHIRMAI, D. Self-Identity, Alienation and Gendered Memory in Zadie Smith's *White Teeth*: Character Analysis of Irie. **Research Journal of English Language and Literature (RJELAL)**. v.6, n.1, p.83-87, 2018. Disponível em: <<http://www.rjelal.com/6.1.18/83-87%20JAYA%20KUMAR%20ANDRU.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2020.
- ARIKAN, S. (2013). "History" and "Root" in Zadie Smith's *White Teeth*. **The Journal of Academic Social Science Studies**. v. 6, n. 3, 2013. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/994d/47630ac42d73f7269c17558b7c022aff7b10.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BERRY, J. W. Migração, aculturação e adaptação. *In: DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. de (Org.)*. **Psicologia, e/migração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 29-45.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliane Livia Reis, Glauce Gonçalves. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.
- BONVILLAIN, M. M. Shifting intersections: Fluidity of gender and race in Chimamanda Ngozi Adichie's *Americanah* (2016). **Iowa State University Digital Repository: Graduate Theses and**

Dissertations, 2016. Disponível em: <<https://lib.dr.iastate.edu/etd/16435>>. Acesso em: 23 set. 2021.

BRAGA, C. R. V. **A literatura movente de Chimamanda Adichie: póscolonialidade, descolonização cultural e diáspora.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALLEGARI, da R. A “raça” vista por uma “negra não-americana” uma análise do romance Americanah de Chimamanda Ngozi Adichie. **Revista (Entre Parênteses)**. v.7, n.1. p.1-27, 2018. doi: <https://doi.org/10.32988/rep.v1i7.786>. Acesso em: 12 ago. 2021.

CANCLINI, N. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade.** Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa e Gênese Andrade. São Paulo: Editora da USP, 2011.

CARVALHAL, T. **Literatura Comparada.** 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

COLLINS, P. **Black Feminist Thought.** New York: Routledge, 2000.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum.** Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: EdUFMG, 1999.

COMPAGNON, A. **Os cinco paradoxos da modernidade.** Tradução de Cleonice P. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

COUTINHO, E. Revisitando o pós-moderno. In: GINSBURG, J. & BARBOSA, A. M. (Orgs.). **O Pós-Modernismo.** São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 159-172.

DEWULF, J. **Por vozes nunca dantes ouvidas: a viragem pós-colonial nas ciências humanas.** Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

EAGLETON, T. **A Ideia de Cultura.** Tradução de Sofia Rodrigues. Lisboa: Temas e Debates, 2003.

FERRARA, J. A. Diálogos entre Colonialidade e Gênero. **Revista Estudos Feministas** [online]. v. 27, n. 2, p.1-10, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/yrrw8nKKHGgrK6tG3yfkJrB/?lang=pt#>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

FRIEDMAN, S. **Migrations, Diasporas, and Borders.** Introduction to Scholarship in Modern Languages and Literatures. Ed. David Nicholls. New York: MLA, 2007. 260–293

GRADY, K. (2019) ""The Miseducation of Irie Jones": Representation and Identification in the Shakespeare Classroom," **Early Modern Culture.**, v. 14, Article 3., p.26-46 Disponível em: <<https://tigerprints.clemson.edu/emc/vol14/iss1/3>>. Acesso em: 22 ago. 2020.

- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HIDALGO, J. A. **Struggling in the Search for an Identity: The Interconnectedness between "Race" and Gender in Chimamanda Ngozi Adichie's Americanah**. Universitat Autònoma de Barcelona, 2015. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/78530921.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2020.
- HOOKS, B. **Feminist Theory: from margin to center**. Boston: South End Press, 1984.
- HOWLAND, E. E. **A Search for Authenticity: Understanding Zadie Smith's White Teeth Using Judith Butler's Performativity and Jane Austen's Satire**, 2009. Disponível em: <[https://thescholarship.ecu.edu/bitstream/handle/10342/1896/Howland\\_ecu\\_0600M\\_10037.pdf](https://thescholarship.ecu.edu/bitstream/handle/10342/1896/Howland_ecu_0600M_10037.pdf)>. Acesso em: 02 de maio de 2021.
- HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LACROIX, C. **Immigrants, Literature and National Integration**. England: Palgrave Macmillan, 2010.
- LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. 12a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- MEDLOCK, A. S. The Miseducation of Irie Jones in Zadie Smith's White Teeth. **Electronic Theses and Dissertations**, 2018. Disponível em: <<https://digitalcommons.georgiasouthern.edu/etd/1806>>. Acesso em: 23 ago. 2021.
- MEDLOCK, A. S. "The Miseducation of Irie Jones in Zadie Smith's White Teeth". **Electronic Theses and Dissertations**, 1806. Disponível em: <<https://digitalcommons.georgiasouthern.edu/etd/1806>>. Acesso em: 18 jul. 2020.
- MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**. v. 1, n.1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>>. Acesso em: 19 dez. 2020.
- MOSLUND, S. **Migration Literature and Hybridity: The Different Speeds of Transcultural Change**. London: Palgrave Macmillan, 2010.
- NASCIMENTO, W. F. Oyèrónké Oyèwùmí: Potências filosóficas de uma reflexão. **Problemata**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 8-28, nov. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49121/28604>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- NWANYANWU, A. U. "Transculturalism, Otherness, Exile, and Identity in Chimamanda Ngozi Adichie's Americanah." **Matatu**. v.49, n.2, p.386-399, 2017.

OYĚWÙMÍ, O. **The invention of women: making an African sense of western gender discourses.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

PALUMBO-LIU, D. "Assumed Identities." **New Literary History.** v. 31, n. 4, p. 765-780, 2000. Project MUSE. doi: 10.1353/nlh.2000.0049.

PRATT, M. L. **Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation.** London: Routledge, 1992.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?.** Belo Horizonte: Letramento/ Justificando, 2017.

RIZGAR, S. **A Multicultural Reading of Zadie Smith's White Teeth.** Diss. Soderton University, 2016. Disponível em: < <http://www.diva-portal.se/smash/get/diva2:951421/FULLTEXT01.pdf> >. Acesso em: 20 jul. 2021.

ROSADO, J. **Negociações culturais em White Teeth, de Zadie Smith (2000).** Maringá: Biblioteca Central UEM, 2012.

ROSADO, J. M. **Negociações culturais em White Teeth.** Orientador: Prf. Dr. Thomas Bonnici. 2012. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/jmrosado.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

SANTA ANA, J. Affect-Identity: The Emotions of Assimilation, Multiraciality, and Asian American Subjectivity. *In:* TY, E. R. **Asian North American Identities: Beyond the Hyphen.** Bloomington: Indiana University Press, 2004.

SCARSINI, V. **Americanah or Various Observations About Gender, Sexuality and Migration. A Study of Chimamanda Ngozi Adichie,** 2017. (Tese da Università Ca' Foscari de Veneza). Disponível em: <<http://dspace.unive.it/bitstream/handle/10579/10687/859132-1210529.pdf?sequence=2>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SILVA, T. T (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SMITH, Z. **Dentes Brancos.** Tradução de José Antonio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SMITH, Z. **White Teeth.** London: Penguin Books Ltd, 2001.

VAN DIJK, T. **Ideology: A Multidisciplinary Approach.** London: Sage, 1998.

WATKINS, A. M. **At the Root of the Teeth: an Investigation of the Healing Power of Interpersonal and Familial Relationships in Zadie Smith's White Teeth.** Diss. McMaster University, 2007. Disponível em: < <https://macsphere.mcmaster.ca/bitstream/11375/9209/1/fulltext.pdf> >. Acesso em: 12 dez. 2020.

YERIMA, D. Regimentation or Hybridity? Western Beauty Practices by Black Women in Adichie's *Americanah*. **Journal of Black Studies**. v.48, n.7, p.639-650, 2017. doi: [10.1177/0021934717712711](https://doi.org/10.1177/0021934717712711)